

A ESTRELLA DA TARDE.

PERIODICO RECREATIVO.

Incultas produções da mocidade
Exponho a vossos olhos! ó leitores,
Vede-as com magoa, vede-as com piedade,
Que ellas buscão piedade, e não louvores.

BOCAGE.

INTRODUÇÃO.

No seculo XIX em que o Anjo do Senhor embocando a sonora tuba fez soar por todo o universo a palavra—progresso—cujo echo, ainda mais forte e maravilhoso que o dos sacerdotes e do povo em roda dos muros de Jerichó, rasgou o negro véo das trevas, despertou do lethargico somno em que vivião nações inteiras, que ha tantos seculos dormião nos amortecidos braços da mais crassa e supina ignorancia, substituiu o desalento e a inacção pelo entusiasmo e amor das lettras, fez desaparecer o maldito prejuizo, que o homem d'alta linhagem deveria desprezar totalmente a cultura da intelligencia, transformou o mundo, que, como as mattas virgens onde não penetrão os dardejantes raios do sol e da lua, permanecia envolto nos densos horrores da escuridão; hoje que tudo isso esvoaçou se como uma visão nocturna, ou como o fumo apenas escapo da chaminé; hoje que os homens ja comprehenderão que o alimento do espirito é as lettras; deixar-se entorpercer e enervar, feichar os olhos ao gaz da illustração, furtar-se a sua voz hyper-potente, que clama pelos seus cultivadores, é um crime de lesa-humanidade e crime imperdoavel!

Quando a sciencia falla mais alto que o homem, e que todas as suas inclinações, não seguir os seus brados, conculcar os seus dictames, e trilhar outra senda mui diversa, importa um abysmo em que se ha de precipitar infallivelmente por isso mesmo que ignora tudo, até o que é, o que foi e o que será!!

O homem apenas solta o primeiro grito de existencia, que vem logo acompanhado de lagrimas, ja assim delineando em simples bosqueijos o que ha de acontecer para o futuro; apenas principia a entrar no caminho espinhoso da vida; apenas tem lebrigado os primeiros raios do astro rei, infere immediatamente, maxime no seculo XIX, que o seu fim é outro, o seu circulo não é tão apertado, uma voz interior, um sentimento nato, um não

7 de Junho de 1857.

sei que, um incomprehensivel de devindade, tudo clama, que faz-se mister desenvolver essa centelha do Creator a—intelligencia,—prescrutar todos os phenomenos da natureza, e até escalar as nuvens e extrinjar então com o telescópio os brilhantes astros, que estão, qual perolas, cravados no alto firmamento; o homem compenetra-se que o—illustrar-se—é uma necessidade e um recreio, um dever e um deleite, e mais um passo que dá para conhecer á si, aos outros, a natureza e a Deos.

Embalados nestas idéas, que consideramos—axiomas evidentes—e sentindo em nosso coração desde o berço o crepitar apressado das chammas do—progresso—abalancamos-nos, ainda que tímida e vacillantemente, bem compenetrados da nossa insufficiencia e nihilidade e dos poucos conhecimentos que dispomos, a alçar a nossa fraca voz, para dedicar esta flor do nosso exiguo pomar, dadiva mesquinha e sem preço, porem ornada dos mais cordiaes sentimentos, não aos homens scientificos e illustrados, porque não é digna d'elles, mas ao bello sexo, que será o santelmo que nos animará, e o elixir que nos ha de fortificar; e a juventude esperançosa, que sabe relevar os fracos resultados das vigílias e locubrações de estudantes ainda bisonhos na tortuosa vereda da litteratura e no passo gigantesco da sabedoria.

A empresa é sobremaneira penosa, o pesado fardo que vamos tomar sobre os nossos debéis hombros excede a peripheria do estreito circulo da nossa intelligencia; não poderemos acompanhar a impetuosa torrente da illustração, que, ainda mais veloz que as cadupas do Nilo, inunda repentinamente toda a terra; mas faremos tudo que estiver a nosso alcante, envidaremos todos os nossos esforços, não com o fito de instruirvos, porque não poderemos, mas, ao menos de entretervos nas horas vagas, ministrando-vos um lenitivo a afanosa lide do trabalho, e um balsamo para a tristeza;—a Estrella da Tarde—é um astro pequeno, que não podendo seguir os

Numero 1.

grandes *parsi passu* acompanhão-nos de longo, disseminando todavia alguns raios benéficos pelos logares em que gyra.

Deos a guie, propiciamente a fim de não ser eclipsada, apenas tinha caído no vasto horizonte pelas negras nuvens, que se agglomerão, e levantão tempestades; e vós, leitores, abroquelai-a com o apanagio dos vossos conhecimentos, auxiliai-a com o vosso contingente, esparzindo sobre o seu debil corpo o balsamo confortativo das vossas luzes, pois só assim é que poderemos tocar o alvo dos nossos dourados sonhos.

Esse astro brilhante, plantado pela mão de Jehova no firmamento, scintillando faiscas luminosas neste quadro sublime; essa obra magnífica e admiravel, parto de uma intelligencia infinita, a ESTRELLA, foi o primeiro nome que nos occorreu, e do qual lançamos mão immediatamente, para collocar-o, como título, no frontispicio do nosso pequeno jornal. Por demais faustoso, logo comprehendemos a extensão dos deveres que nos impozemos, isto é; o procurarmos, ou produzirmos artigos dignos de serem publicados na nossa folha, e os quaes correspondessem á sua decoração.

Talvez que já o arrependimento tenha nascido em o nosso coração, por havermos abraçado uma empresa tão difficil, não consultando o apunçado das nossas forças intellectuaes. Sem duvida, mas que faremos agora? como recuar, quando já o primeiro passo está dado? ...

Perdoem-nos os leitores... mas não podemos extor-nos á esta especie de susto que se apodera de nós, quando sondamos oimmenso abysmo em que, quicá, vamos precipitar-nos...

Até agora todavia! temos alguma convicção de que venceremos estes obstaculos, não obstante o nosso acanhamento... quem sabe se seremos capazes de desempenhar a nossa tarefa? ... veremos.

A ESTRELLA! ... que significa este nome? perguntará alguem... Oh! quem quer que sejaes... este nome é incomprehensivel... vós não sabeis certamente quanto ha de sublime neste nome!

Quereis saber o que é a ESTRELLA? o que significa?

Perguntae-o, as damas... Interrogae os mancebos, de qualquer classe que sejam, de qualquer condicão... e ouvi a sua resposta.

As moças vos dirão: a ESTRELLA... é um emblema de amor! as suas pontas são setas do amor! o seu cheiro aromático, e o halito do amor! tudo nella respira amor,—tudo nella lembra amor! ...

Se vos dirigirdes aos mancebos, estes vos responderão a mesma causa, e vos dirão: a ESTRELLA... é uma ilha singular! a sua singeleza, a sua forma, tudo nella é euclido offico! ...

Se pergardes d'uma ESTRELLA, ella vos trará á memoria o universo inteiro.

A ESTRELLA é uma flor esculpida, e empregada por todos.

E então... copiare.

O amante apudando chama á sua amada—o minha ESTRELLA—! ... O poeta, nos seus sonhos dourados, tem a sua ESTRELLA! ... a velha supersticiosa, em determinados momentos contemplativos, e de extase, exclama cheia de dôr... até onde me conduzi a minha ESTRELLA! ...

Fallar ao nobre, ao plebeo, ao rico, ao pobre, ao humil, ao fido, ao habitante das cidades, e ao rús-

lico camponoz... fallae á todos os membros da humanidade, e todos elles vos dirão—que tem a sua ESTRELLA! ...

E assim é.
O homem, assaz flustado para poder comprehendere devidamente as obras do infinito, não poderia subtrahir-se a este influxo benéfico d'uma causa, cuja causa elle não póde, ou não sabé explicar, mas a que tambem não póde resistir.

Este nome, a ESTRELLA, se acha de tal modo unido á nossa natureza, de tal forma homogeneo, que até nos parece exercer uma influencia magnetica na nossa organização.

Que homem ha, que não pense na sua ESTRELLA? que homem ha, que não esteja persuadido, que tem um guia, um conductor misterioso e desconhecido, á quem elle chama—a sua ESTRELLA—?

Consultae o homem na adversidade, pedi-lhe a narração da sua vida, e elle vos dirá, concluindo: a minha ESTRELLA foi má, foi ella que me conduzio á este abysmo de desgraças...

Conversae com o homem no cumulo da ventura, e ouvireis a sua resposta, ao contrario daquella do desgraçado, elle bem dirá a sua ESTRELLA propicia, que lhe mostrou o verdadeiro caminho da felicidade...

Quando o homem apenas emite uma ideia sublime, a qual serve para distingui-lo entre os seus semelhantes, logo se ouve dizer—este homem é um astro brilhante na sociedade, é uma ESTRELLA luminosa...

Se apparece uma galante e formosa menina, a mesma frase, o mesmo grito se faz ouvir...

Entrae nos salões aristocraticos, e ouvireis a muitos homens, apontando para certas damas, dizer-vos—eis ali os ornamentos, as ESTRELLAS brilhantes da nossa corte...

Finalmente, que mais vos diremos?!

Avaliae por vos mesmos, e á vista da nossa exposição, concluiréis certamente que é—a ESTRELLA—uma flor de supremo valor, e digna de ser apreciada; uma flor que merece mil elogios, e elogios de todo o genero.

Não podereis contestar o nosso dito, sob pena de quereides negar a verdade. Estamos certo disto, e ousamos affirmar-o.

Como vos dissemos no principio, escolhemos para titulo da nossa folha—A ESTRELLA DA TARDE—; título significativo, sem duvida, mas sómente por um lado.

A astronomia, ou a astrologia, como melhor quizerem, chama Venus, a ESTRELLA vespertina ou da tarde; porem, inconstante como ella é no seu apparecimento, não seguiremos o seu trilho, porque assim teriamos de nos interromper por muito tempo, até vir a nossa preceptura.

Não; se chamamos a nossa ESTRELLA, a—ESTRELLA DA TARDE—, foi porque resolvemos, que ella se mostrasse á essa hora; mas não será Venus, pois não será inconstante e assim esperamos.

Como nos affirmão, ella está para brilhar d'um modo assustador. Tem-se espalhado entre o povo, que o mundo se agilha, pois que, se! este astro fulgido da terra, com quem var brisar, não póde deixar de produzir este fim tragico.

Ah! minha pobre Venus! quantos aboies, quantas nouças se tem inventado á teu respeito!

Mas nós não cremos neste boato falso, e as nossas hermozas e amáveis letoras, que se descaçadão, que Venus, cujo nome tem a estrella, não ha de consentir que se realizem vossas prognosticas; e ella ha-de permittir que todas vos, [pela menos a maior parte], atoda sacrilicium nas suas veas.

Quanto á nós, podemos affirmar-vos que subteribetela ao terivel dia 13 de Junho, e exortam

grandes *parsi passu* acompanhão-nos de longo, disseminando todavia alguns raios benéficos pelos logares em que gyra.

Deos a guie propiciamente a fim de não ser eclipsada, apenas tenha raiado no vasto horizonte pelas negras nuvens, que se agglomerão e levantão tempestades; e vós, leitores, abroquelai-a com o apanagio dos vossos conhecimentos, auxiliai-a com o vosso contingente, esparzindo sobre o seu debil corpo o balsamo confortativo das vossas luzes, pois só assim é que poderemos tocar o alvo dos nossos dourados sonhos.

Esse astro brilhante, plantado pela mão de Jehova no firmamento, scintillando faiscas luminosas neste quadro sublime; essa obra magnifica e admiravel, parto de uma intelligencia infinita, a ESTRELLA, foi o primeiro nome que nos occorreu, e do qual lançamos mão immediatamente, para collocar-o, como título, no frontispicio do nosso pequeno jornal. Por demais faustoso, logo comprehendemos a extensão dos deveres que nos impozemos, isto é; o procurarmos, ou produzirmos artigos dignos de serem publicados na nossa folha, e os quaes correspondessem a sua decoração.

Talvez que já o arrependimento tenha nascido em o nosso coração, por havermos abraçado uma empresa tão difficil, não consultando o apoucado das nossas forças intellectuaes. Sem duvida, mas que faremos agora? como recuar, quando já o primeiro passo está dado? ...

Perdoem-nos os leitores, ... mas não podemos eximir-nos á esta especie de susto que se apodera de nós, quando sondamos o immenso abysmo em que, quicá, vamos precipitar-nos. ...

Atámo todavia! temos alguma convicção de que venceremos estes obstaculos, não obstante o nosso acanhamento. ... quem sabe se seremos capazes de desempenhar a nossa tarefa?! .. veremos.

A ESTRELLA! ... que significa este nome? perguntará alguém. ... Oh! quem quer que sejaes. ... este nome é incomprehensivel. ... vós não sabeis certamente quanto ha de sublime neste nome!

Quereis saber o que é a ESTRELLA? o que significa? ...

Perguntae-o as damas. ... interrogae os mancebos, de qualquer classe que sejam, de qualquer condição. ... e ouvi a sua resposta.

As moças vos dirão: a ESTRELLA. ... é um emblema de amor! as suas pontas são setas do amor! o seu cheiro aromatico, e o halito do amor! tudo nella respira amor,—tudo nella lembra amor! ...

Se vos dirigirdes aos mancebos, estes vos responderão a mesma cousa, e vos dirão: a ESTRELLA. ... é uma flôr singular! a sua singeleza, a sua forma, tudo nella é emblematico! ...

Se pegardes d'uma ESTRELLA, ella vos trará á memoria o universo inteiro.

A ESTRELLA é uma flôr estimada, e empregada por todos.

E senão, ... reparar.

O amante apaixonado chama á sua amada—á minha ESTRELLA—! ... O poeta, nos seus sonhos dourados, tem a sua ESTRELLA! ... A velha supersticiosa, ainda mesmo nos seus momentos contemplativos, o de extase, exclama cheia de dôr. ... até onde me conduzio a minha ESTRELLA! ...

Fallar ao nobre, ao plebeo, ao rico, ao pobre, ao lano, ao léo, ao habitante das cidades, e ao rus-

tico camponez. ... fallae á todos os membros da humanidade, e todos elles vos dirão—que têm a sua ESTRELLA! ...

E assim é.

O homem, assáz limitado para poder comprehender devidamente as obras do Infinito, não poderia subtrahir-se a este jalluxo benéfico d'uma causa, cuja causa elle não póde, ou não sabe explicar, mas a que tambem não póde resistir.

Este nome, a ESTRELLA, se acha de tal modo unido a nossa natureza, de tal forma homoganeo, que até nos parece exercer uma influencia magnetica na nossa organização.

Que homem ha, que não pense na sua ESTRELLA? que homem ha, que não esteja persuadido, que tem um guia, um conductor misterioso e desconhecido, á quem elle chama—a sua ESTRELLA—?

Consultae o homem na adversidade, pedi-lhe a narração da sua vida, e elle vos dirá, concluindo: a minha ESTRELLA foi má, foi ella que me conduzio á este abysmo de desgraças. ...

Conversae com o homem no cumulo da ventura, e ouvireis a sua resposta, ao contrario daquella do desgraçado, elle bem dirá a sua ESTRELLA propicia, que lhe mostrou o verdadeiro caminho da felicidade. ...

Quando o homem apenas emite uma ideia sublime, a qual serve para distingui-lo entre os seus semelhantes, logo se ouve dizer—este homem é um astro brilhante na sociedade, é uma ESTRELLA luminosa. ...

Se apparece uma galante e formosa menina, a mesma frase, o mesmo grito se faz ouvir. ...

Entrae nos salões aristocraticos, e ouvireis a muitos homens, apontando para certas damas, dizer-vos—eis ali os ornamentos, as ESTRELLAS brilhantes da nossa corte. ...

Finalmente, que mais vos diremos?! ...

Avaliae por vos mesmos, e á vista da nossa exposição, concluiréis certamente que é—a ESTRELLA—uma flôr de supremo valôr, e digna de ser apreciada; uma flôr que merece mil elogios, e elogios de todo o genero.

Não podereis contestar o nosso dito, sob pena de queredes negar a verdade. Estamos certo disto, e ousamos affirmar-o.

Como vos dissemos no principio, escolhemos para título da nossa folha—A ESTRELLA DA TARDE—, título significativo, sem duvida, mas somente por um lado.

A astronomia, ou a astrologia, como melhor quizerem, chama Venus, a ESTRELLA vespertina ou da tarde; porem, inconstante como ella é no seu apparecimento, não seguiremos o seu trilho, porque assim teriamos de nos interromper por muito tempo, até vir a nossa preceptora.

Não; se chamamos a nossa ESTRELLA, a—ESTRELLA DA TARDE—, foi porque resolvemos, que ella se mostrasse á essa hora; mas não secca Venus, pois não será inconstante e assim esperamos.

Como nos affirmão, ella está para brilhar d'um modo assustador. Tem-se espalhado entre o povo, que o mundo se acaba, pois que, sendo este astro inimigo da terra, com quem vae brigar, não pode deixar de produzir este fim tragico.

Ah! minha pobre Venus! quantos aleives, quantas nuaticas se tem inventado á teu respeito!

Mas nós não cremos neste boato falso; e as nossas formosas e amaveis leitoras, que tem descaçadas, que Venus, cujo nome traz a estrella, não ha de consentir que se realizem tales prognosticos; e ella ha-de permittir que todas vos, (pelo menos a maior parte), ainda sacrificuem nas suas aras.

Quanto á nós, podemos affirmar-vos, que sobreviveria ao terrivel dia 13 de Junho, e cazar-nos

com mocinhos hem bonitos, e que muito não de amar-vos, [se Deos quizer].

E demais, quem pôde dizer-nos o que aconteça já? quem sabe?...

Esperemos pois pacientemente, até que a verdade se nos patentee; e até lá=

Temos muitas esperanças
De vos tornar á fallar,
E fazer, qu'inda uma vez,
Possa a ESTRELLA se mostrar

C.

VARIEDADES.

Achava-se em uma sociedade certo sujeito mui conhecido por miseravel e avarento, quando uma senhora, propondo uma subscrição em favor de uma familia virtuosa e desgraçada, começou a correr á roda dos circunstantes com o seu saquinho aberto.

Chegando junto do tal sujeito miseravel, estendeu este o braço, e deitou no sacco um cruzado novo. Como a senhora não reparasse nisto, dirigio-se depois elle; o homem protestou que ja tinha deitado um cruzado novo no sacco. «acredito, lhe responde a senhora, mas não vi—E eu, atalhou uma pessoa que estava ao pé, vi, mas não acredito.»

Reconciliação com o inimigo.

Um excellente bebedor, achando-se em artigo de morte, pediu a um dos seus visinhos, que estava junto do seu leito, que lhe trouxesse um púcaro d'agua: «Pois é preciso, diz elle, antes de morrer reconciliar-me com os meus inimigos.»

ALBUM POETICO.

O meu amor.

Eu amo o ceo estrellado
De mil cores adornado
Da minha patria querida;
Amo o sol maravilhoso,
Amo seu clima mimoso,
Que m'encanta nesta vida.

Eu amo a terra — Brasil —
Tão láguem tão gentil
No progresso adiantado;
Eu amo a fertilidade
Essa grande amenidade
Do seu solo bençoado.

Amo seus bosques frondosos
Amo os cantos maviosos
Do bentevi engraçado;
Amo o seu adiantamento
Que bem mostra o pensamento
Do seu povo libertado.

Amo as suas solidões
Qu'entristecem os corações

Onde não domina amor;
Amo suas noites sombrias
Que nos dão mil alegrias
Misturadas com temor.

Amo a meiga primavera
Qu'em todo anno impera
Na minha patria o — Brasil —
Amo os campos verdejantes
Que retém os viajantes
Nesta terra tão gentil.

Amo os rios caudalosos
Que correm tão pressurosos.
Por entre o bosque sombrio;
Amo os regatos morosos
Que se lançam tão donosos
Com um leve murmúrio.

Amo suas praias formosas
Onde as ondas marulhosas
Com força se vão quebrar;
Amo os montes altanados
Seus rochedos elevados
Que vão as nuvens locar.

Amo as suas puras fontes
Amo as suas bellas pontes
E todos os seus progressos;
Amo a sua liberdade
E mesmo a severidade
Amo todos os successos.

Amo suas noites serenas
Com suas visões ferrenhas
Que o medo vem espalhar;
Amo as suas tempestades
Que resoão nas cidades
C'um bramido de matar.

Amo o rocio matutino
Qu'um veo diamantino
Espalha por sobre as flores;
O arroio se deslizando
Os campos fertilizando
Amo até os seus horrores.

Amo o astro fulgurando
Alta noite divagando
No firmamento a brilhar;
Amo a estrella refulgente
Da tarde qu'a humana gente
Vem com risos alegrar.

Em fim amo a formosura
Obra prima da natura
Da minha terra natal;
De todo o meu coração
Amo a sua posição,
Que não tem outra rival.

Maranhão 28 de Maio de 1857.

com mocinhos bem bonitos, e que muito hão de amar-vos, [se Deos quizer].

E demais, quem pôde dizer-nos o que acontecerá ? quem sabe ? ...

Esperemos pois pacientemente, até que a verdade se nos patentee ; e até lá=

Temos muitas esperanças
De vos tornar á fallar,
E fazer, qu'inda uma vez
Possa a ESTRELLA se mostrar'

C.

VARIÉDADES.

Achava-se em uma sociedade certo sujeito mui conhecido por miseravel e avarento, quando uma senhora, propondo uma subscrição em favor de uma familia virtuosa e desgraçada, começou a correr á roda dos circunstantes com o seu saquinho aberto.

Chegando junto do tal sujeito miseravel, estendeu este o braço, e deitou no sacco um cruzado novo. Como a senhora não reparasse nisto, dirigio-se depois á elle ; o homem protestou que ja tinha deitado um cruzado novo no sacco. « Acredito, lhe responde a senhora, mas não vi— E eu, atalho a uma pessoa que estava ao pé, vi, mas não acredito. »

Reconciliação com o inimigo.

Um excellente bebedor, achando-se em artigo de morte, pediu a um dos seus visinhos, que estava junto do seu leito, que lhe trouxesse um pucaro d'agua : « Pois é preciso, diz elle, antes de morrer reconciliar-me com os meus inimigos. »

ALBUM POETICO.

o meu amor.

Eu amo o ceo estrellado
De mil cores adornado
Da minha patria querida ;
Amo o sol maravilhoso,
Amo seu clima mimoso,
Que m'encanta nesta vida.

Eu amo a terra — Brasil —
Tão saqueio tão gentil
No progresso adiantado ;
Eu amo a fertilidade
Essa grande amenidade
Do seu solo bençoado.

Amo seus bosques frondosos
Amo os cantos maviosos
Do bentevi engraçado ;
Amo o seu adiantamento
Que bem mostra o pensamento
Do seu povo libertado.

Amo as suas solidões
Qu'entristecem os corações

Onde não domina amor ;
Amo suas noutes sombrias
Que nos dão mil alegrias
Misturadas com temor.

Amo a meiga primavera
Qu'em todo anno impera
Na minha patria o — Brasil —
Amo os campos verdejantes
Que retém os viajantes
Nesta terra tão gentil.

Amo os rios caudalosos
Que correm tão pressurosos
Por entre o bosque sombrio,
Amo os regatos morosos
Que se lançam tão donosos
Com um leve murmurio.

Amo suas praias formosas
Onde as ondas marulhasas
Com força se vão quebrar ;
Amo os montes altanados
Seus rochedos elevados
Que vão as nuvens tocar.

Amo as suas puras fontes
Amo as suas bellas pontes
E todos os seus progressos ;
Amo a sua liberdade
E mesmo a severidade
Amo todos os successos.

Amo suas noutes serenas
Com suas visões ferrenhas
Que o medo vem espalhar ;
Amo as suas tempestades
Que resoão nas cidades
C'um bramido de matar.

Amo o rocio matutino
Qu'um veo diamantino
Espalha por sobre as flores ;
O arroio se deslizando
Os campos fertilizando
Amo até os seus horrores.

Amo o astro fulgurando
Alta noute divagando
No firmamento a brilhar ;
Amo a estrella refulgente
Da tarde qu'a humana gente
Vem com risos alegrar.

Em fim amo a formosura
Obra prima da natura
Da minha terra natal ;
De todo o meu coração
Amo a sua posição,
Que não tem outra rival.

Maranhão 28 de Maio de 1857.

A Estrella da tarde.

Quando o sol tem percorrido
A sua orbita marcada,
E que vai no mar sereno
Seus ardores mergulhar,
Apparece mui brilhante
Para a noute annunciar.

E' a primeira qu'assoma
No grande e vasto horizonte
Adornada de mil cores
Quando o sol vai se offuscar,
E' quem traz a pura luz
Para a noute allumiar.

Qual alampada divina
Que fica no sanctuario
Guardando o fogo sagrado,
Tal a Bella estrella—Venus—
Ficas a sós no firmamento
Guardando da noute a luz.

Se, quando as trevas s'espalhão
Nessas horas de silencio
No oriente desponta
E' por Lucifer chamada ;
Se a tarde no occidente
E' Venus resplandecente.

E' de todas as estrellas
Qu'abrilhantão o firmamento
A que diffunde mais luz
Nos altos ceos a brilhar;
E' mais que o rei do universo
Da manhã ao despontar.

Quer o astro luminoso
Seus raios venha espalhar,
Ou ja va no occidente
Seu grande gyro acabar,
Ella segue-o vagarosa
Te de todo se fiudar.

Seus raios são fulgurosos
Sua luz resplandecente
Os seus brilhos scintillantes
Sua côr auri-fulgente.

Maranhão 28 de Maio de 1857.

Enigma.

Importuna quanto sou !
Desde que sabi da lama
Ninguem pode supportar-me
Descançando na sua cama.

Sempre busco saciar,
A sede que me devora,
No sangue d'um pobre homem

Que cansado entra de fora.

Se o lavrador fatigado
Quer um pouco descansar,
Não consinto, mordo-o sempre
Te elle se levantar.

Em summa também as vezes
Soffro incommodos fataes
Se me pilhão dão-me a morte
Do que todos soffro mais.

Logogripho.

Um logogripho mimoso
Tens a vista, meu leitor,
Decifrai-o quanto antes,
Nisso me fazeis favor.

A primeira com a terceira
Conter pode todo o mundo,
De uma sciencia faz-se

Nelle estudo mui profundo.

A segunda com a terceira
Quem se mette nella escapa,
E' um vestido usual
Que muitos defeitos tapa.

A segunda com a primeira
Cousa muito desejada,
Quer de dia quer de noute,
Ninguem deixa-a descansada.

A terceira com a primeira
Tem medo do caçador,
Foge assim qu'o vê de longe
Evitando acerba dor.

E' lugar muito saudavel
Na provincia do Pará ;
Procura bem o leitor
Qu'entre outros lá está.

Charada.

O homem fragil, materia,
Tenta-me sempre atrevido,
Não obstante ter milhões
Ja no meu seio engolado.
Molestia feia e terrivel;
Flagelladora cruel,
Quem a tem supporta muito,
Mais do que bebessê fel.

CONCRETO.

Este meu composto encerra
Nome doce e idolatrado
Nome de moça bonita
Inda que mui pouco usado.

Reclus.

Q m E 10EJ eee qui gar 0000
eee 0000
eee 0000

Typ. — Heintze & Comp. por J. M. A. Serrão

A Estrella da tarde.

Quando o sol tem percorrido
A sua orbita marcada,
E que vai no mar sereno
Seus ardores mergulhar,
Apparece mui brilhante
Para a noute annunciar.

E' a primeira qu'assoma
No grande e vasto horizonte
Adornada de mil cores
Quando o sol vai se offuscar,
E' quem traz a pura luz
Para a noute allumiar.

Qual alampada divina
Que fica no sanctuario
Guardando o fogo sagrado,
Tal a bella estrella—Venus—
Ficas a sós no firmamento
Guardando da noute a luz.

Se, quando as trevas s'espalhão
Nessas horas de silencio
No oriente desponta
E' por Lucifer chamada ;
Se a tarde no occidente
E' Venus resplandecente.

E' de todas as estrellas
Qu'abrilhantão o firmamento
A que diffunde mais luz
Nos altos ceos a brilhar;
E' mais que o rei do universo
Da manhã ao despontar.

Quer o astro luminoso
Seus raios venha espalhar,
Ou ja va no occidente
Seu grande gyro acabar,
Ella segue-o vagarosa
Te de todo se findar.

Seus raios são fulguerosos
Sua luz resplandecente
Os seus brilhos scintillantes
Sua cor auri-fulgente.

Maranhão 28 de Maio de 1857.

Enigma.

Importuna quanto sou !
Desde que sabi da lama
Ninguem pode supportar-me
Descançando na sua cama.

Sempre busco saciar,
A sede que me devora,
No sangue d'um pobre homem

Que cansado entra de fora.

Se o lavrador fatigado
Quer um pouco descansar,
Não consinto, mordo-o sempre
Te elle se levantar.

Em summa também as vezes
Soffro incommodos fataes
Se me pilhão dão-me a morte
Do que todos soffro mais.

Logogripho.

Um logogripho mimoso
Tens a vista, meu leitor,
Decifrai-o quanto antes,
Nisso me fazeis favor:

A primeira com a terceira
Conter pode todo o mundo,
De uma sciencia faz-se
Nelle estudo mui profundo.

A segunda com a terceira
Quem se mette nella escapa,
E' um vestido usual
Que muitos defeitos tapa.

A segunda com a primeira
Cousa muito desejada,
Quer de dia quer de noute,
Ninguem deixa-a descansada.

A terceira com a primeira
Tem medo do caçador,
Foge assim qu'o vê de longe
Evitando acerba dor.

E' lugar muito saudavel
Na provincia do Pará ;
Procura bem o leitor
Qu'entre outros lá está.

Charada.

O homem fragil, materia,
Tenta-me sempre atrevido,
Não obstante ter milhões
Ja no meu seio engolado.
Molestia feia e terrivel;
Flagelladora cruel,
Quem a tem supporta muito,
Mais do que bebesse fel.

CONCRETO.

Este meu composto encerra
Nome doce e idolatrado
Nome de moça honra
Inda que mui pouco usado.

Reclus.

Q m. E IOEJ eee eul gar 0000
0000
0000

Typ. — Heintze & Comp. por J. M. A. Serrão.

O SÉCULO XIX.

O homem, essa obra prima de Deos, creado a sua imagem e semelhança, trazendo estereotipado na sua face o lume brilhante do seu rosto, no grande e vasto theatro da existencia, não poderia representar um papel secundario, nem o seu estado poderia ser estacionario, nem sua viagem curta, nem o seu fim de pouca monta.

Ao contrario; sua perigrinação é longa, seu limite é o incompreensivel lumiar da eternidade!

Na rápida scena desta vida em que o homem se reveste de tantos caracteres diferentes, deixaria elle, ou antes ser-lhe-ha permitido desamparar e entregar ao misero desprezo, a ponto de se apagar totalmente, essa chispa divina—a intelligencia—que o eleva acima dos brutos?

Poderia elle sem incorrer n'um crime abominavel, dispôr della á seu talante? Não é elle um mero depositario que um dia tem de dar contas precisas do que lhe confiarão?

Compenetremos-nos o homem foi creado para o progresso, para o adiantamento, e já de ha muito sente-se a fresca viração da sua vida e caminha-se para a sua realização.

Não é só o seculo XIX que trouxe-nos o cumprimento deste fim, os seus influxos ja crão nos seculos anteriores conhecidos, não com tanto desenvolvimento, porem no seu genero, cada um na sua esphera.

O homem, admoestado por uma voz innata, sempre tratou de combinar as moleculas da natureza, indagar os seus phenomenos, prescrutar as suas maravilhas, procurar todos os meios mais faccis e possiveis para seu augmento, examinar o verme que corroe as altas columnas da sociedade em geral—a humanidade—e tratar de estirpal-o; e não passar uma vida material e vegetativa como as plantas parasitas, contemplando tudo porque tem olhos, mas não inquirindo cousa alguma, e por isso tudo ignorando; satisfazendo-se unicamente com o phisico, nivelando-se deste modo com o animal irracional; elle sempre foi como um medico sollicito, que busca com seus estudos, suas practicas, suas experiencias e mesmo com seus erros curar e buscar um allivio á grande ulcera que destroe o pomposo e magnifico edificio da humanidade.

Assim como na idade ha mocidade e velhice, ha ascensão e ha decadencia, assim tambem no correr dos seculos, esta vasta maquina que rola sobre o eixo, tem seus periodos; até agora ella tinha estado envolvida nas mantilhas infantis, d'ora em diante despindo-as pouco e pouco, consideramol-a chegada a puberdade, isto é, ao seculo XIX.

Admiramos summamente a explanação que tem tido as descobertas operadas nos seculos preteritos, equiparando-as com a maravilhosa luz do seculo XIX, que não é mais do que a figura d'um rio gigante, que se tornou grande, pelo auxilio que lhe prestarão os seus confluenteis.

Guttemberg inventou a imprensa, mas poder-se-hia como elle a deixou espalhar o ensino, devidir as obras e com ella a illustração por todo o mundo? Por certo que não, porque o seu trabalho ainda era muito imperfeito, foi mister apparecer um genio, mais fogo que elle que lançou mão da sua experiencia, indagou, combinou e tratou de aperfeicoal-a para deixal-a no pé em que existe.

Franklin inventou os para-raios, porem deixou-os no estado de perfeicao a que tem chegado?

Hippocrates, o pai da medicina, emigrando desta vida, ficou tão adiantada a arte de prolongal-a?

Ora d'aqui já se pode deprehender que os seculos anteriores não crão tão sabios, não tinham tanta

11 de Junho de 1857.

illustração, mas tambem não se os pode accusar de viverem em eclipse total.

O mundo, antes do seculo de fogo, estava como um campo em que o diligente trabalhador já havia incubado uberrimas sementes, porem que não tinham nascido todas, e as que vierão pouco fructificarão; ou como o tronco de uma grande arvore que ja não estava informe, mas sim incompleto, clamando, para tornar-se util e bello, pela industria do habil artista.

As nuvens diaphanas que impedião os homens de verem distinctamente a claridade da luz ainda se não tinham desmanchado totalmente, porem forão perdendo um pouco da sua força, abrandando a sua densidade como a cera que se dissolve ou como o gelo que se desfaz apenas sente o calor do fogo, com o despartar espantoso do seculo XIX que fez repentinamente evaporar-se todas e perder-se confundidas no ar.

D'ahi datou uma nova vida; até ali os homens tinham caminhado ás apalpadelas, d'oura em diante guiados pelo facho brilhante da illustração; até ali tinham andado como um viajante perdido, sem descobrir vereda, sem encontrar um trilho, que ao menos lhe indicasse uma pousada, uma lazeira onde podesse aquecer seu fato molhado pelo orvalho copioso do tempo, um lugar onde recostasse seu corpo fatigado e coberto de pó; até ali só se lobrigarão os borrões da grande paisagem que se ia formar, de ora em diante transformada em um quadro perfeito e bem colorido.

O seculo XIX trouxe-nos todas as vantagens, a sciencia o amor das letras, illuminou os entendimentos, illustrou os espiritos, infundio-lhes os grandes sentimentos, excitou os genios, e ministrou-lhes fogo de que se alimentão.

As maiores descobertas se operarão, a astronomia tomou incremento, a navegação melhorou e tornou-se mais facil, os caminhos mais transitaveis, em summa o mundo que era uma arvore que desde a sua plantação nunca tinha florecido e brotado abundantemente, repentinamente, com o orvalhar d'uma noite remocou, revestio-se de floridos pimpolhos ainda mais vigorosos que os primeiros.

No seculo dezenave os maiores genios, os mais habeis poetas, os melhores historiadores, os mais experimentados medicos, os astronomicos mais excellentes, os mais sabios geographos tiveram o seu berço, forão embalados pelos amenos zephyros, que o hafejarão, sustentarão-se com o fructo do talento já desenvolvido.

Quanta differença não se nota das eras passadas! Antigamente quem fazia uma poesia menos mal era olhado como um astro da epocha; hoje que a illustração se acha diffundida por todo o universo, que o seu luzeiro, tem se infiltrado pelos desertos mais horrorosos, se tem insinuado nos espiritos dos povos mais supersticiosos, tem até derretido os gelos dos polos, affrontado os excessivos calores dos tropicos, que o homem abastado ja não faz timbre de tudo ignorar no mundo moral, que ja desprezou-se os requisitos principaes para ser um cavalleiro perfeito que crão: não perder um gamo na floresta mais emaranhada, cavalgar bem, atirar, luctar e correr com velocidade, exercicios do corpo, porem que se constitua habitual occupação; hoje que se não olha mais para tudo como para uma porção de pó amontoadado, q' até a arte bellica está reformada, q' se tem adoptado o modo facil e honroso de deslindir questoes por meio de congressos e tratados; hoje que se tem tocado o zenith da perfeicao; a quem se deve pois tantos benefelios não é a experiencia dos homens nos tempos passados com o progresso do seculo XIX? Sem dovida pois d'ahi é que data o grande adiantamento moral e material da humanidade e de todo o corpo social.

Até nos, a quem ainda nas fachas infantis tolhe-

Numero 2.

O SÉCULO XIX.

O homem, essa obra prima de Deos, creado a sua imagem e semelhança, trazendo estereotipado na sua face o lume brilhante do seu rosto, no grande e vasto theatro da existencia, não poderia representar um papel secundario, nem o seu estado poderia ser estacionario, nem sua viagem curta, nem o seu fim de pouca monta.

Ao contrario; sua perigrinação é longa, seu limite é o incomprehensivel lumiar da eternidade!

Na rápida scena desta vida em que o homem se reveste de tantos caracteres diferentes, deixaria elle, ou antes ser-lhe-ha permitido desamparar e entregar ao misero desprezo, a ponto de se apagar totalmente, essa chispa divina—a intelligencia—que o eleva acima dos brutos?

Poderia elle sem incorrer n'um crime abominavel, dispôr della á seu talante? Não é elle um mero depositario que um dia tem de dar contas precisas do que lhe confiarão?

Compenetremos-nos o homem foi creado para o progresso, para o adiantamento, e já de ha muito sente-se a fresca viração da sua vinda e caminha-se para a sua realização.

Não é só o seculo XIX que trouxe-nos o cumprimento deste fim, os seus influxos ja crão nos seculos anteriores conhecidos, não com tanto desenvolvimento, porem no seu genero, cada um na sua esphera.

O homem, admoestado por uma voz innata, sempre tratou de combinar as moleculas da natureza, indagar os seus phenomenos, prescrutar as suas maravilhas, procurar todos os meios mais faceis e possiveis para seu augmento, examinar o verme que corroe as altas columnas da sociedade em geral—a humanidade—e tratar de estirpal-o; e não passar uma vida material e vegetativa como as plantas parasitas, contemplando tudo porque tem olhos, mas não inquirindo cousa alguma, e por isso tudo ignorando; satisfazendo-se unicamente com o phisico, nivelando-se deste modo com o animal irracional; elle sempre foi como um medico sollicito, que busca com seus estudos, suas practicas, suas experiencias e mesmo com seus erros curar e buscar um allivio á grande ulcera que destroe o pomposo e magnifico edificio da humanidade.

Assim como na idade ha mocidade e velhice, ha ascensão e ha decadencia, assim tambem no correr dos seculos, esta vasta maquina que rola sobre o eixo, tem seus periodos; até agora ella tinha estado envolvida nas mantilhas infantis, d'ora em diante despindo-as pouco e pouco, consideramol-a chegada a puberdade, isto é, ao seculo XIX.

Admiramos summamente a explanação que tem tido as descobertas operadas nos seculos preteritos, equiparando-as com a maravilhosa luz do seculo XIX, que não é mais do que a figura d'um rio gigante, que se tornou grande, pelo auxilio que lhe prestarão os seus confluenteis.

Guttenberg inventou a imprensa, mas poder-se-hia, como elle a deixou, espalhar o ensino, devidir as obras e com ella a illustração por todo o mundo? Por certo que não, porque o seu trabalho ainda era muito imperfeito, foi mister apparecer um genio, mais fogo que elle que lançou mão da sua experiencia, indagou, combinou e tratou de aperfeçoal-a para deixal-a no pé em que existe.

Franklin inventou os para-raios, porem deixou-os no estado de perfeição a que tem chegado?

Hippocrates, o pai da medicina, emigrando desta vida, ficou tão adiantada a arte de prolongal-a?

Ora d'aqui já se pode deprehender que os seculos anteriores não crão tão sabios, não tinham tanta

11 de Junho de 1857.

illustração, mas tambem não se os pode accusar de viverem em eclipse total.

O mundo, antes do seculo de fogo, estava como um campo em que o diligente trabalhador já havia incubado uberrimas sementes, porem que não tinham nascido todas, e as que vierão pouco fructificarão; ou como o tronco de uma grande arvore que ja não estava informe, mas sim incompleto, clamando, para tornar-se util e bello, pela industria do habil artista.

As nuvens diaphanas que impedião os homens de verem distinctamente a claridade da luz ainda se não tinham desmanchado totalmente, porem forão perdendo um pouco da sua força, abrandando a sua densidade como a cera que se dissolve ou como o gelo que se desfaz apenas sente o calor do fogo, com o despartar espantoso do seculo XIX que fez repentinamente evaporar-se todas e perder-se confundidas no ar.

D'ahi datou uma nova vida; até ali os homens tinham caminhado ás apalpadelas, d'oura em diante guiados pelo facho brilhante da illustração; até ali tinham andado como um viajante perdido, sem descobrir vereda, sem encontrar um trilho, que ao menos lhe indicasse uma pousada, uma lazeira onde podesse aquecer seu fato molhado pelo orvalho copioso do tempo, um lugar onde recostasse seu corpo fatigado e coberto de pó; até ali só se lobrigarão os borrões da grande paisagem que se ia formar, de ora em diante transformada em um quadro perfeito e bem colorido.

O seculo XIX trouxe-nos todas as vantagens, a sciencia o amor das letras, illuminou os entendimentos, illustrou os espiritos, infundio-lhes os grandes sentimentos, excitou os genios, e ministrou-lhes fogo de que se alimentão.

As maiores descobertas se operarão, a astronomia tomou incremento, a navegação melhorou e tornou-se mais facil, os caminhos mais transitaveis, em summa o mundo que era uma arvore que desde a sua plantação nunca tinha florecido e brotado abundantemente, repentinamente, com o orvalho d'uma noite remoeu, revestio-se de floridos pimpolhos ainda mais vigorosos que os primeiros.

No seculo dezenove os maiores genios, os mais habéis poetas, os melhores historiadores, os mais experimentados medicos, os astrónomos mais excellentes, os mais sabios geographos tiveram o seu berço, forão embalados pelos amenos zephiros, que o hafejarão, sustentarão-se com o fructo do talento já desenvolvido.

Quanta differença não se nota das eras passadas! Antigamente quem fazia uma poesia menos mal era olhado como um astro da epocha; hoje que a illustração se acha diffundida por todo o universo, que o seu luzeiro, tem se infiltrado pelos desertos mais horrorosos, se tem insinuado nos espiritos dos povos mais supersticiosos, tem até derretido os gelos dos polos, affrontado os excessivos calores dos tropicos, que o homem abastado ja não faz timbre de tudo ignorar no mundo moral, que ja desprezou-se os requisitos principaes para ser um cavalleiro perfeito que crão: não perder um gamo na floresta mais emaranhada, cavalgar bem, atirar, luctar e correr com velocidade, exercicios do corpo, porem que se constitua habitual occupação; hoje que se não olha mais para tudo como para uma porção de pó amontado, q' até a arte bellica está reformada, q' se tem adoptado o modo facil e honroso de deslindir questões por meio de congressos e tratados; hoje que se tem tocado o zenith da perfeição; a quem se deve pois tantos beneficeis não é a experiencia dos homens nos tempos passados com o progresso do seculo XIX? Sem duvida pois d'ahi é que data o grande adiantamento moral e material da humanidade e de todo o corpo social.

Até nos, a quem ainda nas fachas infantis tolhe-

Numero 2.

rão os vagidos, impozerão as pesadas cadeias da escravidão, e amamentarão com um leite reprovado, leite estranho, não temos experimentado em tão pouco tempo de vida, isto é, de liberdade; pois a liberdade é a vida, uma superioridade de conhecimentos uma abundância de illustração?

Compulsem-se os nossos escriptos, cotizem-nos com os authors mais sabios da velha Europa e vejão se não lhe estamos hombrçando. Donde nasce o melhor poeta da Lingua Portugueza nos annos aquaes; o emulo de Garret, o imitador de Walter Scott? No Brasil nesta terra que apenas tem chegado á liberdade da sua emancipação, neste solo abençoado da Santa Cruz, cuja fertilidade é á toda a prova, cujo clima é o mais agradável, e cuja salubridade é a mais grata; em tão poucos annos já ve os seus mares cruzados de myriadas de navios estrangeiros e nacionaes, os seus rios sulcados por vapores e suas matias patentes ao transitio do commercio, e a quem é dividido tudo isto? Ao século XIX que trouxe toda a luz da sabedoria.

Não concluiremos sem copiarmos o que temos num jornal inglez a seu respeito. « Ainda ha poucos seculos o genero humano achava-se em triste posição quanto as manufacturas e commercio e certamente em não melhor nos outros conhecimentos uteis. Elle não encrava o ceo e o globo, a terra e o mar, como fazemos hoje. Tinha phisica sem experiencia, mathematica sem instrumentos, geometria sem escalas, e astronomia sem demonstrações. O povo tinha fogos sem foguetes e sem cores. Os homens entregavão-se ao mar sem compasso, e fazião-se de vela sem agulha. Observavão-se os astros sem telescopio, e medião-se as alturas sem barometro. A instrucção não tinha a imprensa; a escriptura o papel; o papel a tinta. Os amantes vião-se forçados a mandar á suas amadas uma taboa por uma carta amatoria; e um bilhete amoroso vinha a ter as dimensões de um trincho. Dirigião o commercio sem livros e as correspondencias sem correios. Os seus negociantes não formavão balança, e os seus logistas não possuíão livros de caixa. »

E hoje tudo isso está executado tudo trouxe-nos o século XIX, todas estas perfeições apparecerão com o seu raiar, e talvez que ainda cheguemos á tal ponto de até vivermos por machina, posto que já se poudesse restituir a vida a corpos resequidos por meio do galvanismo, mas o seu author protestou levar o segredo ao tumulo e conseguiu. Com tudo ainda no século XIX elle se ha de descolrir.

A miseria.

Palavra terrível que nos recorda uma existencia cheia de soffrimentos!

Quantas pessoas e famílias temos visto arremessadas nos lupanares das depravações por essa vilhorrã inimiga da honestidade?

Muitos dizem — vede aquelle mancebo que passa? já suble ao pathulo porque commetteo um assassinio — malvado, deve morrer! — Conheces aquella moça? Está completamente perdida! ...

E o que ha-de fazer quem vive na miseria? Se tem pai e mãe, vê aquelles que lhe deram o ser jazem em seus miseráveis leitos, acalculhados pelas molestias. Seu pai, que com seu trabalho demittia um paeço de suas privações, cahido, exangue, á flor-se com ardente febre: sua mãe, que o aquecia em seus braços quando tinha febre, e o acariçava quando tinha fome, murmurando de fraqueza! O pobre velho, com os labios resequidos não tem uma boheragem para os molhar, e sua mãe, tentando de de hio sem um cuberto para lhe extinguir o um alimento para abrandar a vida!

O que hão-de fazer diás Jovens sem experiencia, sem conhecimentos da vida?

O mancebo sabe que do trabalho lhe pode vir o sustento; mas sua irmã? Pior; lhe diz, eu vou procurar trabalho, para nos sustentar; toma cuidado de nossos pais. E-lo que se lança pelo mundo, a pedir occupação com que possa honestamente ganhar a vida; mas quem lh'a dará? Quem dará o que fazer, no mundo corrupto em que vivemos, a um mancebo desconhecido e sem outra recommendação mais que a sua pessoa? Ninguém! ...

Triste e pensativo volta, chega, seu pai-lho brada: — água! — sua mãe lhe pede: — pão! ...

Deshorientado, com as lagrimas nos olhos, o desespero na alma e o coração partido pela dor sai novamente, porém sem esperanças; na firme resolução de não mais voltar em quanto não tenha com que alliviar a miseria de sua família. Procura, porém nada se lhe offerece em que possa honestamente ganhar alguma coisa: maldiz-se, lastima-se, e até chega a blasfemar!

Por fim satánaz o impelle para o crime, e o misero sem forças para o atacar ve-se obrigado a firmar o infernal pacto que elle lhe propoe de lhe dar a alma por alguns fugidios instantes de fagueira sensualidade. ... Entrega-se a devassidão e a depravação e por fim ao roubo! Como porém o roubo é o irmão gêmeo do assassinio, o roubo torna-se homicida! ...

Ao depois? ...

Segue-se o cadafalso!

E o mancebo que nascêra com bons sentimentos, nobre e leal coração quem o levou ao mais alto grau de infamia?

A MISERIA! ...

Em quanto que, a donzella, que vio seu irmão voltar sem vida e sair desesperado, seus pais que levados ao idiotismo pela falta de alimento, lhe bradam continuamente — tenho fome! — corre todos os cantos, porém nada encontra — chora e lastima-se.

— Uma esmola! pede aos que passam.

— Quanto é linda dizem...

— Uma esmola! — brada rubra de pejo.

— Que lindos olhos, que negros cabellos!

— Por Deus uma esmola!

— Bem formosos labios! So me deres um beijo? ...

E a misera coitada, pallida de vergonha, se recolhe sem dar resposta a estas affrontas: mas seu pai lhe diz — tenho sede — sua mãe lhe brada — tenho frio e ambos lhe repetem temos fome! — e ella mesma vacilla de fraqueza!

Aventura-se uma, duas, trez e mais vezes a pedir; mas sempre os mesmos ditos, sempre as mesmas scenas! ...

Um dia, por fim, desesperada entrega-se ao primeiro que se lhe apresenta! ... Estão por alguns dias mais a os seus soffrimentos; mas — a misera chora calada e só a sua deshonra! — Porém isto não dura muito, porque os homens só se alimentam de infamias e depravações!

Ninguem mais faz caso da pobre deshonrada, por que já a perderam... se lhe pede uma esmola lhe respondente — trabalhe! Se se ollega para elle — olham-na com desprezo e cuspe-lhe nos faces! ... E a misera chora calada e so as affeições que recebe! Por fim sem seus pais arrastados á sepultura, por falta de alimento, que pela molestia — E a donzella chora calada e só a sua bethandade! — E que a ha seus amargurados dias no canto de um curio, por lazes de um templo, ou em algum hospital!

Que obrigação está porvir um bello, bem formado, um cheio de esperanças a praticar a miseria!

A MISERIA!

H. B. B.

rão os vagidos, impozirão as pesadas cadeias da escravidão, e amamentarão com um leite reprovado, leite estranho, não temos experimentado em tão pouco tempo de vida, isto é, de liberdade, pois a liberdade é a vida, uma superioridade de conhecimentos uma abundancia de illustração?

Compulsem-se os nossos escriptos, cotizem-nos com os authores mais sabios da velha Europa e vejão se não lhe estamos hobreando. Donde nasceo o melhor poeta da Lingua Portugueza nos annos actuaes, o emulo de Garret, o imitador de Walter Scott? No Brasil nesta terra que apenas tem chegado á puerdade da sua emancipação, neste so'o abençoado da Santa Cruz, cuja fertilidade é á toda a prova, cujo clima é o mais agradável, e cuja salubridade é a mais grata; em tão poucos annos ja ve os seus mares cruzados de myriadas de navios estrangeiros e nacionaes, os seus rios sulcados por vapores e suas mattas patentes ao transito do commercio, e a quem é dividido tudo isto? Ao seculo XIX que trouxe toda a luz da sabedoria.

Não concluiremos sem copiarmos o que lemos num jornal inglez a seu respeito « Ainda ha poucos seculos o genero humano achava-se em triste posição quanto as manufacturas e commercio e certamente em não melhor nos outros conhecimentos uteis. Elle não encarava o ceo e o globo, a terra e o mar, como fazemos hoje. Tinha phisica sem experiencia, mathematica sem instrumentos, geometria sem escalas, e astronomia sem demonstrações. O povo tinha fogos sem foguetes e sem cores. Os homens entregavão-se ao mar sem compasso, e fazião-se de vela sem agulha. Observavão-se os astros sem telescopio, e medião-se as alturas sem barometro. A instrucção não tinha a imprensa; a escriptura o papel; o papel a tinta. Os amantes vião-se forçados a mandar á suas amadas uma taboa por uma carta amatoria; e um bilhete amoroso vinha a ter as dimensões de um trincho. Dirigião o commercio sem livros e as correspondencias sem correios. Os seus negociantes não formavão balança, e os seus logistas não possuião livros de caixa. »

E hoje tudo isso está executado tudo trouxe-nos o seculo XIX, todas estas perfeçõs apparecerão com o seu raia, e talvez que ainda cheguemos á tal ponto de até vivermos por machina, posto que ja se poudesse restituir a vida a corpos resequidos por meio do galvanismo, mas o seu author protestou levar o segredo ao tumulo e consequio. Com tudo ainda no seculo XIX elle se ha de descobrir.

A miseria.

Palavra terrivel que nos recorda uma existencia cheia de soffrimentos!

Quantas pessoas e familias temos visto arremessadas nos lupanares das depravações por essa vibora inimiga da honestidade?

Muitos dizem — vede aquelle mancebo que passa? vai subir ao patibulo porque commetteo um assassinio — malvado, deve morrer! — Conheces aquella moça? Está completamente perdida! . . .

E o que ha-de fazer quem vive na miseria? Se tem pai e mai, vê aquelles que lhe deram o ser jazem em seus miseraveis leitos, acanhados pelas molestias. Seu pai, que com seu trabalho demittia em parte as suas privações, cahido, exangue, a finir-se com ardente febre: sua mai, que o aquecia em seus braços quando tinha frio, e o acariciava quando tinha fome, morrendo de fraqueza! O pobre velho, com os labios resequidos não tem uma heberagem para os molhar, e sua mai, terrificado de frio sem um cobertor para lh'o extinguir, e um alimento para abrandar a vida!

O que hão-de fazer dois joyens sem experiencia, sem conhecimentos da vida?

O mancebo sabe que do trabalho lhe pode vir o sustento; mas sua irmã? Fica, lhe diz, eu vou procurar trabalho, para nos sustentar; toma cuidado de nossos pais. Ei-lo que se lança pelo mundo, a pedir occupação com que possa honradamente ganhar a vida; mas quem lh'a dará? Quem dará o que fazer, no mundo corrupto em que vivemos, a um mancebo desconhecido e sem outra recommendação mais que a sua pessoa? Ninguem! . . .

Triste e pensativo volta, chega, seu pai lhe brada: — agoa! — sua mai lhe pede: — pão! . . .

Deshorientado, com as lagrimas nos olhos, o desespero na alma e o coração partido pela dor sai novamente, porém sem esperanças, na firme resolução de não mais voltar em quanto não tenha com que alliviar a miseria de sua familia. Procura, porém nada se lhe offerece em que possa honestamente ganhar alguma cousa: maldiz-se, lastima-se, e até chega a blasfemar!

Por fim satanaz o impelle para o crime, e o misero sem forças para o atacar ve-se obrigado a firmar o infernal pacto que elle lhe propoe de lhe dar a alma por alguns fugidiços instantes de fagueira sensualidade. . . Entrega-se a devassidão e a depravação e por fim ao roubo! Como porém o roubo é o irmão gêmeo do assassinio, o roubador torna-se homicida! . . .

Ao depois? . . .

Segue-se o cadafalso!

E o mancebo que nascera com bons sentimentos, nobre e leal coração quem o levou ao mais alto grau de infamia?

A MISERIA! . . .

Em quanto que, a donzella, que vio seu irmão voltar sem nada e sair desesperado, seus pais que levados ao idiotismo pela falta de alimento, lhe bradam continuamente — tenho fome! — corre todos os cantos, porém nada encontra — chora e lastima-se.

— Uma esmola! pede aos que passam.

— Quanto é linda dizem. . .

— Uma esmola! — brada rubra de pejo.

— Que lindos olhos, que negros cabellos!

— Por Deos uma esmola! =

— Bem formosos labios! Se me deres um beijo? . . .

E a misera coitada, pallida de vergonha, se recolhe sem dar resposta a estas affrontas: mas seu pai lhe diz — tenho sede — sua mai lhe brada — tenho frio e ambos lhe repetem temos fome! — e ella mesmo vacilla de fraqueza!

Aventura-se uma, duas, trez e mais vezes a pedir; mas sempre os mesmos ditos, sempre as mesmas scenas! . . .

Um dia, por fim, desesperada entrega-se ao primeiro que se lhe apresenta! . . . Então por alguns dias minora os seus soffrimentos; mas — a misera chora calada e só a sua deshonra! — Porém isto não dura muito, porque os homens só se alimentam de infamias e depravações!

Ninguem mais faz caso da pobre deshonrada, por que ja a perderam. . . se lhes pede uma esmola lhe respondem — trabalhai! Se se chega para elles — olham-na com desprezo e cospem-lhe nas faces! . . . E a misera chora calada e só as affrontas que recebe! Por fim saem seus pais atrojados á sepultura, e a pobre pela falta de alimento, que pela molestia — e a misera chora calada e só a sua orphandade! — Até que acaba seus amargurados dias no canto de uma rua, nos lajes de um tempio, ou em algum hospital!

Quem obriga esta jovem tão bella, tão formosa, tão cheia de esperanças a prostituição infame!

A MISERIA!

B. B. B.

VARIÉDADES.

Um querido amigo.

Um sujeito, que estava n'uma casa de jogo havia ganho cem moedas, as quaes metteu dentro do chapéo. Um desconhecido aproximou-se e diz-lhe: Querido amigo, tem a bondade de me emprestar vinte moedas?

Com muito gosto «querido amigo», responde o interpellado, mas faz obsequio dizer-me primeiro como eu me chamo.

O outro ficou confuso e envergonhado de ver descoberto o seu engano; mas o individuo a quem tinham sido pedidas as vinte moedas accrescentou com a maior placidez:

Ja vés, «querido amigo», que não sabendo o meu nome, te verias afflicto quando quizesse procurar-me afim de me restituir a quantia que te emprestasse.

Um marido velho estando ás portas da morte chamou ja meio agonizante á sua mulher ainda moça e bonita, e lhe disse que morreria com grande satisfação, se lhe promettesse eficazmente que não casaria com um militar, que lhe havia causado grandes ciúmes. «Morrá descansado», respondeo-lhe ella, a minha palavra ja está dada a outro.

PENSAMENTOS.

Belleza.

A belleza enleva a vista, arrebatá o coração e perturba a razão.

A grande formosura nas mulheres é para umas o maior da sua felicidade, é para outras da sua perdição.

A belleza do rosto é como a flôr; hoje mimosa, a manhã desfolhada; a do espirito duravel e sempre amavel.

Qual rochedo no meio do mar, investido das ondas; assim se acha a mulher formosa no meio do mundo; carece de uma firmeza, para não ser abalada pela furia das paixões.

A belleza é um encanto, que se quebra apenas se goza.

Os enfeites e louçanias, servem de encobrir ou desfarçar os defeitos das mulheres; aquellas que são bellas, não carecem para realçar, senão de modestia e pejo.

ALBUM POETICO.

Descantes do Vate.

Sou vate—o que faço no mundo sozinho,
Se o fado mesquinho dos vates ja sei;
Se a lyra que tinha, rojei-a n'um canto,
Que val o encanto da vida que ameí?... .

Se o vate que nasce, já é mal fadado,
Se tem acabado, a vida ao nascer;

Sou vate—o que faço no mundo sozinho,
Se o fado mesquinho do vate é soffrer?

Se o pobre coitado, nascendo na vida,
A esp'rança querida o não vem allagar;
Se a lyra que tinha, rojei-a n'um canto,

Que val o encanto—se não posso amar?

E por que espera o pobre poeta,
Se a sua meta, tocou ao viver;
Se o vate que nasce já é mal fadado,
Se tem acabado a vida ao nascer?

Se canta na lyra, que é triste, sentida,
Ao ser desferida, lhe-falla de amor;
Se o pobre coitado, nascendo na vida
A esp'rança querida não deu-lhe uma flôr?

Se ama é trahido, se jura lhe mentem,
Que amores não sentem, os que vate não são;
E por que espera o pobre poeta,
Se a sua meta tocou de ante-mão?

Se chora, se carpe, a negra traição,
O seu coração ulcera de dôr... .
Se canta na lyra, que é triste, sentida,
Ao ser desferida repete-lhe amor.—

Não quero ser vate, poeta quem quer? !... .
E' ser da mulher o mais torpe vilão;
Se ama é trahido, se jura lhe mentem
Que amores não sentem, os que vate não são. !

Sou vate—o que faço no mundo sozinho,
Se o fado mesquinho, dos vates já sei;
Se a lyra que tinha, rojei-a n'um canto,
Que val o encanto, da vida que ameí? !

R. Borba.

O Lyrio do prado.

Flor mimosa que embalsama
Este campo idolatrado,
Dos cravos tira o aroma,
Entre as rosas misturado.

Abi solitaria pende,
Esperando que a donzella
Colhe-la venha apressada,
Mais formosa do que ella.

Só a simples mariposa,
Fugitiva doudejante
E' que enlevar se vem
No seu cheiro embriagante

Salve flôr mysteriosa,
Que sómente inspira amor;
Desterra a minha tristeza,
Faz cessar a minha dôr.

Sêde o nectar precioso
Que farte meu coração;
O ingu penhor adorado
Testemunho d'afeição.

Maranhão 11 de Junho de 1857.

VARIÉDADES.

Um querido amigo.

Um sujeito, que estava n'uma casa de jogo havia ganho cem moedas, as quaes metten dentro do chapéo. Um desconhecido aproximou-se e diz-lhe: Querido amigo, tem a bondade de me emprestar vinte moedas?

Com muito gosto «querido amigo», responde o interpellado, mas faz obsequio dizer-me primeiro como eu me chamo.

O outro ficou confuso e envergonhado de ver descoberto o seu engano; mas o individuo a quem tinham sido pedidas as vinte moedas accrescentou com a maior placidez:

Ja vês, « querido amigo », que não sabendo o meu nome, te verias afflicto quando quizeses procurar-me afim de me restituir a quantia que te emprestasse.

Um marido velho estando ás portas da morte chamou ja meio agonizante á sua mulher ainda moça e bonita, e lhe disse que morreria com grande satisfação, se lhe promettesse eficazmente que não casaria com um militar, que lhe havia causado grandes ciúmes. « Morra descansado, respondeo-lhe ella, a minha palavra ja está dada a outro. »

PENSAMENTOS.

Belleza.

A belleza enleva a vista, arrebatada o coração e perturba a razão.

A grande formosura nas mulheres é para umas o maior da sua felicidade, é para outras da sua perdição.

A belleza do rosto é como a flôr; hoje mimosa, a manhã desfolhada: a do espirito duravel e sempre amavel.

Qual rochedo no meio do mar, investido das ondas; assim se acha a mulher formosa no meio do mundo; carece de uma firmeza, para não ser abalada pela furia das paixões.

A belleza é um encanto, que se quebra apenas se goza.

Os enfeites e louçanias, servem de encobrir ou desfarçar os defeitos das mulheres; aquellas que são bellas, não carecem para realçar, senão de modestia e pejo.

ALBUM POETICO.

Descantes do Vate.

Sou vate—o que faço no mundo sozinho,
Se o fado mesquinho dos vates ja sei;
Se a lyra que tinha, rojei-a n'um canto,
Que val o encanto da vida que amei? . . .

Se o vate que nasce, já é mal fadado,
Se tem acabado, a vida ao nascer;
Sou vate—o que faço no mundo sozinho,
Se o fado mesquinho do vate é soffrer?

Se o pobre coitado, nascendo na vida,
A esp'rança querida o não vem allagar;
Se a lyra que tinha, rojei-a n'um canto,

Que val o encanto—se não posso amar?

E por que espera o pobre poeta,
Se a sua meta, tocou no viver;
Se o vate que nasce já é mal fadado,
Se tem acabado a vida ao nascer?

Se canta na lyra, que é triste, sentida,
Ao ser desferida, lhe falla de amor;
Se o pobre coitado, nascendo na vida
A esp'rança querida não deu-lhe uma flor?

Se ama é trahido, se jura lhe mentem,
Que amores não sentem, os que vate não são;
E por que espera o pobre poeta,
Se a sua meta tocou de ante-mão?

Se chora, se carpe, a negra traição,
O seu coração ulcera de dôr. . .
Se canta na lyra, que é triste, sentida,
Ao ser desferida repete-lhe amor.—

Não quero ser vate, poeta quem quer?! . . .
E' ser da mulher o mais torpe vilão;
Se ama é trahido, se jura lhe mentem
Que amores não sentem, os que vate não são!

Sou vate—o que faço no mundo sozinho,
Se o fado mesquinho, dos vates já sei;
Se a lyra que tinha, rojei-a n'um canto,
Que val o encanto, da vida que amei?!

R. Borba.

O Lyrio do prado.

Flor mimosa que embalsama
Este campo idolatrado,
Dos cravos tira o aroma,
Entre as rosas misturado.

Ahi solitaria pende,
Esperando que a donzella
Colhe-la venha apressada,
Mais formosa do que ella.

Só a simples mariposa,
Fugitiva doudejante
E' que enlevar se vem
No seu cheiro embriagante

Salve flor mysteriosa,
Que sómente inspira amor;
Desterra a minha tristeza,
Faz cessar a minha dôr.

Sêde o nectar precioso
Que farte meu coração;
O meu penhor adorado
Testemunho d'affeição.

Maranhão 11 de Junho de 1857.

FABULA.*O Perú entre as Gallinhás.*

4.º

Rudicundo; Perú roncava inchado,
 Pôr vêr-se de gallinhás rodeado;
 Canta o gallo vizinho, elle tremendo,
 Mais fino qu'um cordel vai s'escondendo.

Ha generaes,
 Entre mulheres
 Que nas batalhas
 Nem são alferes.

MOTE.

Já soffreu meu coração.

Glosa.

Já cumpri as leis do fado,
 Já agora vivo feliz;
 Já não sou mais infeliz,
 Já gozo do teu agrado.
 Já por ti fui magoado,
 Já andou meu coração...
 Já por ti teve afflicção,
 Já por ti soffreo meu peito;
 Já por ti, por teu respeito,
 Já soffreo meu coração.

R. Borba.

Enigma.

Eu sou 6, sou 9, sou 12, sou 15,
 Sou 13, sou 5, sou 14 e um,
 Quem pôde dizer-me qual é minha origem?
 Que homem? quem pôde? q' homem? nenhum.

Sou bem conhecido de vós, meos leitores,
 Talvez que me ameís, o qu'eu não duvido,
 Talvez que o meu nome, sendo proferido,
 Desperte entre vós lembranças d'amores.

Porem vós quem sois?
 Dir-me-heis tambem...
 Eu sou esse nome,
 A' quem quereis bem...
 Inda não sabeis?
 Então... lêde bem.

C.

Logogripho.

Eis aqui um logogripho,
 Meu carissimo leitor,
 Syllabas quatro só tem...
 Decifra-o, por favor.

Como sei qu'es curioso
 E gostas d'adivinhar,
 Vou dizer-te quantas letras...
 São dez... podes começar

A 1.ª e segunda
 Um adverbio denota,
 D'elle usão especialmente
 Os pais, a noiva, e a devota.
 A 2.ª repetida
 E' molestia de gallinha,
 'Pobre animal! quando a tem
 Fica triste a pobrezinha!
 A 3.ª e 4.ª syllabas
 E' animal fabuloso,
 Tambem ave de rapina
 Diz quem sabe... eu não ousou,
 A 3.ª e a 1.ª
 E' insecto conhecido,
 Gosta de gritar á noite
 Que tormento aborrecido!
 Que mais queres meu leitor?
 Não achas muita clareza?
 Bem facil é certamente...
 Adivinha com presteza.
 Se fores logogriphador
 Meu amado leitor,
 Poderás me decifrar
 Querendo logogriphar.

C.

Charada.

De quatro elementos me formo;
 Mas nada dou; 2
 Não sou pleuriz nem sou pontada
 Porem dor sou. 1

Coxerito.

Entre Scilla e Charybdes
 Deve ser admirado,
 Para ser bem conhecido
 E pela fama cantado.

Ram.

Rebus.

FLIII AQLqCmPrfzoBm.

Decifrações do n. passado.

Do enigma—Praga.—Do logogripho—Ma-
 capá.—Da charada—Martinha—e do rebus
 —Quem é grande deseja esmagar os pequenos.

Advertencia.

—Accita-se assignaturas para este periodi-
 co nesta Typographia a 600 reis mensaes pa-
 gos sempre adiantados.

Os Srs. assignantes que nos quizerem han-
 rar com seus escriptos podem deixar nella os
 originaes que serão immediatamente publi-
 cados vindo conforme o programma estabele-
 cido.

Typ. «Beritavi» imp. por J. M. A. S. S. S.

FABULA.*O Perú entre as Gallinhas.*

4.º

Rubicundo perú roncava inchado,
 Pôr vêr-se de gallinhas rodeado;
 Canta o gallo vizinho, elle tremendo,
 Mais fino qu'um cordel vai s'escondendo.

Ha generaes,
 Entre mulheres
 Que nas batalhas
 Nem são alferes.

MOTE.

Já soffreu meu coração.

Glosa.

Já cumpri as leis do fado,
 J'agora vivo feliz;
 Já não sou mais infeliz,
 Já gozo do teu agrado.
 Já por ti mui magoado,
 Já andou meu coração...
 Já por ti teve afflicção,
 Já por ti soffreo meu peito;
 Já por ti, por teu respeito,
 Já soffreo meu coração.

R. Borba.

Enigma.

Eu sou 6, sou 9, sou 12, sou 15,
 Sou 13, sou 5, sou 14 e nm,
 Quem póde dizer-me qual é minha origem?
 Que homem? quem póde? q' homem? nenhum.

Sou bem conhecido de vós, meos leitores,
 Talvez que me ameis, o qu'eu não duvido,
 Talvez que o meu nome, sendo proferido,
 Desperte entre vós lembranças d'amores.

Porem vós quem sois?
 Dir-me-heis tambem...
 Eu sou esse nome,
 A' quem quereis bem...
 Inda não sabeis?
 Então... lêde bem.

C.

Logogripho.

Eis aqui um logogripho,
 Meu carissimo leitor,
 Syllabas quatro só tem...
 Decifra-o, por favor.

Como sei qu'es curioso
 E gostas d'adivinhar,
 Vou dizer-te quantas letras...
 São dez... podes começar

A 1.ª e segunda
 • Um adverbio denota,
 D'elle usão especialmente
 Os pais, a noiva, e a devota.
 A 2.ª repetida
 E' molestia de gallinha,
 Pobre animal! quando a tem
 Fica triste a pobrezinha!
 A 3.ª e 4.ª syllabas
 E' animal fabuloso,
 Tambem ave de rapina
 Diz quem sabe... eu não ousa.
 A 3.ª e a 1.ª
 E' insecto conhecido,
 Gosta de gritar á noite
 Que tormento aborrecido!
 Que mais queres meu leitor?
 Não achas muita clareza?
 Bem facil é certamente...
 Adevinha com presteza.
 Se fores logogriphador
 Meu amado leitor,
 Poderás me decifrar
 Querendo logogriphar.

C.

Charada.

De quatro elementos me formo;
 Mas nada dou; 2
 Não sou pleuriz nem sou pontada
 Porem dor sou. 1

CONCEITO.

Entre Scilla e Charybdes
 Deve ser admirado,
 Para ser bem conhecido
 E pela fama cantado.

Ram.

Rebus.

FLIII AQLqCmPrfzoBm.

Decifrações do n. passado.

Do enigma—Praga.—Do logogripho—Ma-
 capá.—Da charada—Martinha—e do rebus
 —Quem é grande deseja esmagar os pequenos.

Advertencia.

—Aceita-se assignaturas para este periodi-
 co nesta Typographia a 600 reis mensaes pa-
 gos sempre adiantados.

Os Srs. assignantes que nos quizerem hon-
 rar com seus escriptos podem deixar nella os
 originaes que serão immediatamente publi-
 cados vindo conforme o programma estabele-
 cido.

Typ. = Remtevi = Imp. por J. M. A. Serrão.

A SENSUALIDADE.

O género humano, gemendo constantemente de baixo do peso da terrível sentença, que contra elle foi proferida, em castigo do seu crime, é na pessoa do primeiro homem, difficilmente se livra das ciladas que lhe arma o seu occulto inimigo, com difficuldade encontra refugio contra o vicio que o acompanha o e cerca de todos os lados e por toda a parte; mascarado sempre, e sempre disfarçado, de modo que, só quando o homem cahe e se vê perdido, é que elle lhe apparece de frente, e se mostra perfeitamente; deixando então patente toda a sua hediondez.

Mas, quando acontece isto, quantos estragos, quantos damnos e prejuizos ja não tem causado!

Entre todos os vicios que corrompem e destróem a triste humanidade, tem um lugar mui distincto a —sensualidade—: seus effeitos são terriveis.

O homem, que se deixa possuir e dominar por essa inimiga, esquece immediatamente os seus deveres mais sagrados. A sua alma e o seu corpo soffrem conjunctamente, porque a sensualidade, estragando o corpo, inutilisa-o de sorte, que jamais pôde exercer as funcções para que foi creado, e a alma, privada assim do seu servo, fica inhabilitada de poder desempenhar a alta e nobre, missão que lhe foi confiada pelo seu Creador; d'ahi começa a sua prevaricação, d'ahi a sua inação, e finalmente a sua prostração.

O homem, uma vez entregue a esta fatal paixão, tudo vê pelo avesso; quando a sensualidade delle se apodera, tudo elle olvida, tudo despreza. A confusão que reina nas suas ideias, é o seu primeiro castigo, porque aquillo que ha pouco lhe parecia um crime, elle agora considera, senão como virtude, ao menos como uma acção boa, ou quando muito indifferente; emfim fica o homem reduzido ao triste estado de um cego que, tendo olhos, não vê, contentando-se somente com apalpar os objectos para conhecê-los. Deus e o homem, o Céo e a terra, o bem e o mal, a virtude e o vicio, a mentira e a verdade, tudo elle confunde, porque os olhos do seu entendimento estão fechadas, porque o seu coração está surdo á voz da sua razão. Só a consciencia, só ella, é a unica capaz de bradar ao homem no meio da sua prevaricação, e fazer-se ouvir; porem muitas vezes nada consegue, e nada pode conseguir, porque elle não pára no seu apressado caminhar.

A sensualidade, para elle, é tudo; ella o faz crêr como bem real aquillo que, até na apparencia, nada mais é que um mal terrível. E não são estes os effeitos mais perigosos que resultão da —sensualidade—; ella produz outros peiores, e que são mais prejudiciaes.

Imaginaí um mancebo bem educado, filho de pessoas honestas e virtuosas, o qual haja bebido no seio da familia os principios d'uma moral sã e d'uma religião divina. Este mancebo, chegado á idade de fogo, nessa idade em que as paixões, como que se renuem e combinão, para derribarem aquelle que, até ali, nunca lhes dêo ouvidos, pois, sempre rodeado de homens honrados e experientes, jamais pensou em se apartar do caminho que trilhava; este mancebo, que amou a virtude, e detestou o vicio, por que o valor d'aquella, e o horror deste sempre conheço; este mancebo, estimado e respeitado por todos, digno certamente dos maiores elogios, tudo desmerece, tudo perde, logo que se deixa arrastar por qualquer dos vicios, e principalmente pela —sensualidade—.

Uma vez entregue a fatal paixão, elle começa a prostituir-se, a menoscabar a honra, a virtude, e as

cousas mais sagradas e mais santas, e isto d'um modo que elle mesmo não conhece.

Entrando no meio da sociedade corrupta, elle sente palpitar o seu coração, sente aquella violenta agitação, [que é o ultimo combate da sua consciencia atorribunda], disfarça-se de mil modos, não se atrevendo a inquirir a causa d'aquella temor, e a sua cabeça tresvairada, e escandecida, pelos prazeres embriagantes que lhe offerecem outros tantos homens perdidos, entontece, e curva-se por fim a aquelle poder, que elle devia, mas que não quiz combater... e então, eis-o que se lança nos braços do vicio, começando pela sensualidade, [como os mais] pois é ella, quasi sempre, a porta franca para a perdição; é ella, de ordinario, a que se incumbe de basejar, com o seu halito pestifero e venenoso, aquella alma fraca, e transviada, que teve a desgraça de sentir o seu contacto, mas que não teve a força necessaria para repellil-a.

A —sensualidade— pois, é a mãe do deleite e do descaramento; e são suas socias inseparaveis a voluptuosidade, a impudencia, e a deshonestidade.

O homem sensual é um ente digno de toda a commiseração. Banido da sociedade dos homens de bem, vivendo continuamente no charco da depravação, trazendo sempre estampado no rosto o sello da reprovação, pouco a pouco se sifia, até que, esgotado de forças, succumbe aos repetidos golpes do vicio, os quaes ja elle não pôde sustentar.

Eis aqui as terriveis consequências desse vicio nefando que chamamos —sensualidade—, eis o que é a —sensualidade—.

C.

= As variedades até agora publicadas são extrahidas da « MINERVA BRASILIENSE. »

CHRONICA DA QUINZENA.

Saude e parabens, amaveis leitores e leitoras, pelo novo mundo em que nos achamos, sem termos passado pela dissabor de entre as labaredas encarnamos a curva lance da terrível parca.

Grande calote!...

O que vos parece a pulha, que o estonteado astrologo alemão nos impingio? Que de sustos não causou neste pedacinho da America, essa brincadeira? ... Felizmente para nós já lá se foi o dia 13, e com elle todos os receios que nutrião algumas moças bouitas, que chorosas pensavam deixar em alguma nova area o seu idolatrado Nôc; e sobretudo as velhas que não obstante estarem no ultimo quartel da vida, são todavia as que mais se assustam com patranhas desta ordem! Bem avisados estavamos, quando vos dissemos que, não vos assustasseis, porque o mundo não se acabaria e vós ainda haviéis de sacrificar nas aras da graciosa Venus.

Agora que um pouco mais desassombrados estamos, pois deixemo-nos de coisas tambem tivemos o nosso tanto de bons calafrios com a tal noticia, com tudo sempre com a consolação de que a nossa Estrella commoseo iria; agora que o mundo já é outro, e temos a convicção, de que a corrupção do passado não coube em partilhas a este, ou pelo menos que ainda não teve tempo de estender seu longos braços; vamos conversar um pouco, pois vos queremos dar algumas novidades... Sam tantas e tam variadas o tam pouco jeito temos para as coordenar, que não sabemos por onde começar... E' por cá, ahí vai...

Amaveis leitoras, tinhamos sobejta vontade de contar-vos algumas novidades do —Theatro Lyrico— mas para que nos havemos de metter em camisas de onze varas? nós que nem se quer sabemos a musica do —caldeirão— queremos entrar na apreciação de lac-

A SENSUALIDADE.

O genero humano, gemendo constantemente de baixo do peso da terrivel sentença, que contra elle foi proferida, em castigo do seu crime, e na pessoa do primeiro homem, difficilmente se livra das ciladas que lhe arma o seu occulto inimigo, com difficuldade encontra refugio contra o vicio que o acompanha e o cerca de todos os lados e por toda a parte, mascarado sempre, e sempre disfarçado, de modo que, só quando o homem cahe e se vê perdido, é que elle lhe apparece de frente, e se mostra perfeitamente, deixando então patente toda a sua hediondez.

Mas, quando acontece isto, quantos estragos, quantos damnos e prejuizos ja não tem causado!

Entre todos os vicios que corrompem e destróem a triste humanidade, tem um lugar mui distincto a —sensualidade—: seus effeitos são terriveis.

O homem, que se deixa possuir e dominar por essa inimiga, esquece immediatamente os seus deveres mais sagrados. A sua alma e o seu corpo soffrem conjunctamente, porque a sensualidade, estragando o corpo, inutilisa-o de sorte, que jamais póde exercer as funcções para que foi creado, e a alma, privada assim do seo servo, fica inhabilitada de poder desempenhar a alta e nobre, missão que lhe foi confiada pelo seo Creador; d'ahi começa a sua prevaricação, d'ahi a sua inação, e finalmente a sua prostração.

O homem, uma vez entregue a esta fatal paixão, tudo vê pelo avesso; quando a sensualidade delle se apodera, tudo elle olvida, tudo despreza. A confusão que reina nas suas ideias, é o seo primeiro castigo, porque aquillo que ha pouco lhe parecia um crime, elle agora considera, senão como virtude, ao menos como uma acção boa, ou quando muito indifferente; emfim fica o homem reduzido ao triste estado de um cego que, tendo olhos, não vê, contentando-se somente com apalpar os objectos para conhecê-los. Deos e o homem, o Ceo e a terra, o bem e o mal, a virtude e o vicio, a mentira e a verdade, tudo elle confunde, porque os olhos do seu entendimento estão fechados, porque o seu coração está surdo á voz da sua razão. Só a consciencia, só ella, é a unica capaz de bradar ao homem no meio da sua prevaricação, e fazer-se ouvir; porem muitas vezes nada consegue, e nada pode conseguir, porque elle não pára no seu apressado caminhar.

A sensualidade, para elle, é tudo; ella o faz crêr como bem real aquillo que, até na apparencia, nada mais é que um mal terrivel. E não são estes os effeitos mais perigosos que resultão da —sensualidade—; ella produz outros peiores, e que são mais prejudiciaes.

Imaginaí um mancebo bem educado, filho de pessoas honestas e virtuosas, o qual haja bebido no seio da familia os principios d'uma moral sã e d'uma religião divina. Este mancebo, chegado á idade de fogo, nessa idade em que as paixões, como que se reúnem e combinão, para derribarem aquelle que, até ali, nunca lhes dêo ouvidos, pois, sempre rodeado de homens honrados e experientes, jamais pensou em se apartar do caminho que trilhava; este mancebo, que amou a virtude, e detestou o vicio, por que o valor d'aquella, e o horror deste sempre conhecêo; este mancebo, estimado e respeitado por todos, digno certamente dos maiores elogios, tudo desmerece, tudo perde, logo que se deixa arrastar por qualquer dos vicios, e principalmente pela —sensualidade—.

Uma vez entregue a fatal paixão, elle começa a prostituir-se, a menoscabar a honra, a virtude, e as

21 de Junho de 1857.

cousas mais sagradas e mais santas, e isto d'um modo que elle mesmo não conhece.

Entrando no meio da sociedade corrupta, elle sente palpar o seu coração, sente aquella violenta agitação, [que é o ultimo combate da sua consciencia moribunda], disfarça-se de mil modos, não se atrevendo a inquirir a causa d'aquelle temor, e a sua cabeça tresvairada e escandecida, pelos prazeres embriagantes que lhe offerecem outros tantos homens perdidos, entontece, e curva-se por fim a aquelle poder, que elle devia, mas que não quiz combater... e então, eil-o que se lança nos braços do vicio, começando pela sensualidade, [como os mais] pois é ella, quasi sempre, a porta franca para a perdição; é ella, de ordinario, a que se incumbe de bafejar, com o seu halito pestifero e venenoso, aquella alma fraca, e transviada, que teve a desgraça de sentir o seu contacto, mas que não teve a força necessaria para repellil-a.

A—sensualidade—pois, é a mãe do deleite e do descaramento; e são suas socias inseparaveis a voluptuosidade, a impudicicia, e a deshonestidade.

O homem sensual é um ente digno de toda a commiseração. Banido da sociedade dos homens de bem, vivendo continuamente no charco da depravação, trazendo sempre estampado no rosto o sello da reprovação, pouco a pouco se finia, até que, esgotado de forças, succumbe aos repetidos golpes do vicio, os quaes ja elle não póde sustentar.

Eis aqui as terriveis consequências desse vicio nefando que chamamos —sensualidade—, eis o que é a —sensualidade—.

C.

= As variedades até agora publicadas são extrahidas da « MINERVA BRASILIENSE. »

CHRONICA DA QUINZENA.

Saude e parabens, amaveis leitores e leitoras, pelo novo mundo em que nos achamos, sem termos passado pelo dissabor de entre as labaredas encarmos a curva fouce da terrivel parca.

Grande calote!...

O que vos parece a pulha, que o estonteado astrologo alemão nos impingio? Que de sustos não causou neste pedacinho da America, essa brincadeira?!... Felizmente para nós já lá se foi o dia 13, e com elle todos os receios que nutrião algumas moças bonitas, que chorosas pensavam deixar em alguma nova arca o seu idolatrado Noé; e sobretudo as velhas que não obstante estarem no ultimo quartel da vida, são todavia as que mais se assustam com patranhas desta ordem! Bem avisados estavamos, quando vos dissemos que, não vos assustasseis, porque o mundo não se acabaria e vós ainda haviéis de sacrificar nas aras da graciosa Venus.

Agora que um pouco mais desassombrados estamos, pois deixemo-nos de coisas tambem tivemos o nosso tanto de bons calafrios com a tal noticia, com tudo sempre com a consolação de que a nossa Estrella comosco iria; agora que o mundo já é outro, e temos a convicção, de que a corrupção do passado não coube em partilhas a este, ou pelo menos que ainda não teve tempo de estender seu longos braços; vamos conversar um pouco, pois vos queremos dar algumas novidades... Sam tantas e tam variadas e tam pouco geito temos para as ordenar, que não sabemos por onde começar... E' por cá, ahí vai...

Amaveis leitoras, tinhamos sobeja vontade de contar-vos algumas novidades do —Theatro Lyrico— mas para que nos havemos de metter em camisas de onze varas? nos que nem se quer sabemos a musica do —caldeirão—quereremos entrar na apreciação de fac-

Numero 3.

tos que se assemelham com as harmonias celestes?!

—E' arrojado... Um... Um... lá vai...

Aquelles grossos taboalados do palco de S. Luiz, gemem hoje debaixo dos delicados pesinhos da condessa Maffei, que não obstante contar seus oito lustros, tem com a sua—bellésa—fascinado a todos e conseguido aquillo que com sua voz jamais conseguira—O completo triumpho da scena Maranhense!

Dizem alguns entendedores que a illustre condessa não dá os graves... Ora dando-os a musica é quanto basta!

Nem se quer tem apparencias do prima dona absoluta; dizem outros mais regoristas... Não tem mimica... ainda dizem... dizem... dizem tudo

Nossa opinião é, que a excellentissima Maffei é boa, tanto que teve a distincta honra de assassinar a bella Elvira do Hernani; pois agarrando-se a essa importante parte, não medindo suas forças, e' la em scena dando por paus e por pedras, só acertando depois de muito lutar, ... qual o louco em seus momentos lucidos, ella lá de quando em vez acerta para torrar-se a perder e saltando como os gatos por sobre brázias vai até ao fim, ou ella lhe dá o fim...

A condessa pode ser tudo, bella, tratavel, condessa e até rainha; mas nunca prima dona absoluta: não nos arrependendo de dizer que a sua voz é de contralto, que suas scenas sam sem saboronas e fora de villa e termo...

No entanto não seremos nós o seu Cãbrion não, basta pertencer ella ao sexo amavel.

O tenor, o sr. Scanavino com sua voz doce e melodiosa, um pouco forte, sem aspereza, captou as sympathias geraes supprindo em parte o nosso chorado Remorini.

O sr. Dalla Costa, que antes fôra—dadas pernas—pois as têm bastante grandes, que tomando a scena de um lado a outro deixa o tablado entre Sylla e Carybides, cuja voz não sendo de basso profundo é forte; que mais nos parece ser sahida das pernas do que pela garganta, agradou geralmente e fez-se-lhe justiça.

Quanto ao sr. d'Hypolito, nada avancaremos por ser de la muito conhecido entre nós por verdadeiro barytono.

Ah! leitoras, perdão para o pobre chronista que está fascinado, não por vozes divinaes mas sim por ligeiras de pernas, pernas, pernas oh! mil Virginia, eis um vosso humillissimo servo... Estou louco, abstracto, maniaço! Ella... ella... é nos meus sonhos nos momentos em que... vello... oh! Virginia... Virginia, que viestes de tam longe perturbar o meu pensamento!.....

Com a appareição d'essa divindade que não dá a honra de pizar o palco, sustentando-se apenas nos dedos dos delicados pesinhos, os maiores gladiadores dos partidos Rebussinistas e Maffelistas depozerão as armas; e em extasis frenetico abalarão o ambito theatral com estronhosos applausos...

E' mesmo aquelles que na noite da primeira representação queriam jogar os saccos, ja os vi em boa harmonia e até juntos darem bravos a bella Virginia!

Ora, uma coisa ha que ainda não podemos ligar attinar como é que isso acontece, vem a ser: vendem-se bilhetes em mãos particulares, mais em conta que os comprados ao rigoroso M. G. que os não deixa por menos; alguns dizem serem bilhetes com que se brindam os palmadores da condessa... se tambem se dessem camarotes era bom bom, teriamos de ver muitas maffelistas lançando ao patro dellos banquetes!

—Depois do quatro representações do bem com-

posto e em partes, o desempenhado Hernani, impingio-nos no dia 18. o sr. Ramonda o velho e gasto Elixir, em que estreou o bufo da companhia.

Honra ao merito!

Gostamos mais do sr. Ramonda, na bacarola, do que do sr. Bergamiaschi. Não queremos dizer com isto que elle não agradou, não, pelo contrario, foi muito applaudido!

Tambem reapareceu a Sura. Remorini, com todas as suas graças, e captou ainda mais, se é possível, as sympathias geraes com a doçura de sua voz, com seus gestos e admanes. Como é bello vel-a escapulindo-se das ciladas do Dr. Dulcamara!...

Como se mostra faceira e fugitiva na occasião da bacarola, quanta graça não reúne nesse momento!.. A platéa justiceira como sempre, freneticamente applaudio-a, e o palco ficou agglomerado de boquets, e debaixo de grossa chuva de sonetos, partirão mil bravos e bravissimos...

O sr. Scanavino fez aquillo que suas forças lhe permittirão, não podendo no todo, preencher a falta do sr. Remorini...

O sr. d'Hypolito, nada deixou a desejar na parte do sargento Belcore.

O resto da companhia ja é muito conhecida a excepção do sr. Borgos que vai se distinguindo e chamando a attenção do publico tanto por suas posturas arrogantes, como por sua excellentissima mimica!..!

—Agora vamos ao baile do dia 10. Como não ficaríeis cançaliubas e fatigadas desse baile esplendido e brilhante, não é verdade?

Reparastes, entre muitos caricatos, naquelle suicio de luvas rotas, disse-me elle que estava á corte, pois que no Rio assim se usa!

Não reparastes naquella illustre matrona como estava quasi a suffocar-se de gorda que era?

Olé se viestes e tanto assim que se ella d'aqui a dous ou mais annos se apresentar com o mesmo vestido, haveis de conhecê-la...

Maliciosas e reparadeiras que sois!...

—Entremos na ordem do dia, sallemos de São Bom Homem, talvez que sejais sua devota pois ficai sabendo que não foi bento, por que—descobrio-se a final—que o homem não era Santo e sim boneco da prôa de um navio! Que fiascos! que patraugas!...

Quando algum dia se persuadio esse boneco, que havia levar tantos beijos, das moças como levou? Elle que lutando com as ondas, supportou muitos encontrões e prapemadas, havia crer que um dia seria adorado como Santo, e que receberia de labios nacorados tam sonantes beijinhos, não levando em conta as habadellas das velhas?!

E' para ver!... sam destinos... sam sortes...

Desculpem-nos se passamos sobre tudo isto leve mente; pois se fossemos a tudo profundar seria um nunca acabar pois

Basta; estamos cansados,
Não sabemos a lição;
Que lição!... é muito grande;
Triste é nossa condição!

Paramos, fazemos ponto,
Não por nosso gosto, não;
E' p'ra o lente não dizer:
—Não sabem pois a lição?!

Levar ponto, ir p'ra rua,
Ir ser guarda nacional!
Andar com patrono e arma,
Achues bonito!—o que tal!

VARIÉDADES.

Um certo Kan da Tartaria, tendo ido viajar aos seus estados, com parte da sua corte, encontrou um

tos que se assemelham com as harmonias celestes?!...

E' arrojo... Um... Um... lá vai...

Aquelles grossos taboados do palco de S. Luiz, gemem hoje debaixo dos delicados pesinhos da condessa Maffei, que não obstante contar seus oito lustros, tem com a sua—bellesa—fascinado a todos e conseguido aquillo que com sua voz jamais conseguirá—O completo triumpho da scena Maranhense!

Dizem alguns entendedores que a illustre condessa não dá os graves... Ora dando-os a musica é quanto basta!...

Nem se quer tem apparencias de prima dona absoluta, dizem outros mais regoristas... Não tem mimica... ainda dizem... dizem... dizem tudo

Nossa opinião é, que a excellentissima Maffei é boa, tanto que teve a distincta honra de assassinar a bella Elvira do Hernani; pois agarrando-se a essa importante parte, não medindo suas forças, ei-la em scena dando por paus e por pedras, só acertando depois de muito luctar, ... qual o louco em seus momentos lucidos, ella lá de quando em vez acerta para tornar-se a perder e saltando como os gatos por sobre brazas vai até ao fim, ou ella lhe dá o fim...

A condessa pode ser tudo, bella, tratavel, condessa e até rainha; mas nunca prima dona absoluta: não nos arrependendo de dizer que a sua voz é de contralto, que suas scenas sam sem savoronas e fora de villa e termo...

No entanto não seremos nós o seu Cabrion não, basta pertencer ella ao sexo amavel.

O tenor, o snr. Scanavino com sua voz doce e melodiosa, um pouco forte, sem aspereza, captou as sympathias geraes supprindo em parte o nosso chorado Remorini.

O snr. Dalla Costa, que antes fôra—dadas pernas—pois as tem bastante grandes, que tomando a scena de um lado a outro deixa o tablado entre Sylla e Carybides, cuja voz não sendo de basso profundo é forte, que mais nos parece ser sahida das pernas do que pela garganta, agradou geralmente e fez-se-lhe justiça.

Quanto ao snr. d'Hypolito, nada avancaremos por ser de ha muito conhecido entre nós por verdadeiro barytono.

Ah! leitoras, perdão para o pobre chronista que está fascinado, não por vozes divinaes mas sim por ligeiras de pernas, pernas, pernas oh! mll. Virginia, eis um vosso humillissimo servo... Estou louco, abstracto, maniaço! Ella... ella... é nos meus sonhos nos momentos em que... vello... oh! Virginia... Virginia, que viestes de tam longe perturbar o meu repouso!.....

Com a apparição d'essa divindade que não dá a honra de pizar o palco, sustentando-se apenas nos dedos dos delicados pesinhos, os maiores gladiadores dos partidos Rebussinistas e Maffeiistas depozerão as armas, e em extasis frenetico abalarão o ambito theatral com estrondosos applausos...

E' mesmo aquelles que na noite da primeira representação queriam jogar os soccos, ja os vi em boa harmonia e até juntos darem bravos a bella Virginia!...

Ora, uma cousa ha que ainda não podemos bem atinar como é que isso acoutececo, veni a ser: vender-se bilhetes em mãos particulares, mais em conta que os comprados ao rigoroso M. G. que os não deixa por menos; alguns dizem serem bilhetes com que se brindam os palmeadores da condessa... se tambem se dessem camarotes era bem bom, teriamos de ver muitas maffeiistas lançando ao palco bellos bouquets!

—Depois de quatro representações do bem com-

posto e em partes, e desempenhado Hernani, impingio-nos no dia 18 o sr. Ramonda o velho e gasto-Elixir, em que estreou o bufo da companhia.

Honra ao merito!

Gostamos mais do snr. Ramonda, na bacarola, do que do sr. Bergamaschi. Não queremos dizer com isto que elle não agradou, não, pelo contrario, foi muito applaudido!

Tambem reapareceu a Snra. Remorini, com todas as suas graças, e captou ainda mais, se é possível, as sympathias geraes com a doçura de sua voz, com seus gestos e admanes. Como é bello vel-a escapulindo-se das ciladas do Dr. Dulcamara!...

Como se mostra faceira e fugitiva na occasião da bacarola, quanta graça não reúne nesse momento!.. A platea justiceira como sempre, freneticamente applaudio-a, e o palco ficou agglomerado de bouquets, e debaixo de grossa chuva de sonetos, partirão mil bravos e bravissimos...

O snr. Scanavino fez aquillo que suas forças lhe permittirão, não podendo no todo, preencher a falta do snr. Remorini...

O snr. d'Hypolito, nada deixou a desejar na parte do sargento Belcore.

O resto da companhia ja é muito conhecida a excepção do snr. Burgos que vai se distinguindo e chamando a attenção do publico tanto por suas posturas arrogantes, como por sua excellentissima mimica!!!

—Agora vamos ao baile do dia 10. Como não ficarieis cançadiuhas e fatigadas desse baile esplendido e brilhante, não é verdade?

Reparastes, entre muitos caricatos, naquelle succio de luvas rotas, disse-me elle que estava á corte, pois que no Rio assim se usa!

Não reparastes naquella illustre matrona como estava quasi a suffocar-se de gorda que era?

Olé se vistes e tanto assim que se ella d'aqui a dous ou mais annos se apresentar com o mesmo vestido, haveis de conhecê-la...

Maliciosas e reparadeiras que sois!...

—Entremos na ordem do dia, fallemos de São Bom Homem, talvez que sejais sua devota pois ficai sabendo que não foi bento, por que—descobrio-se a final—que o homem não era Santo e sim boneco da prôa de um navio! Que fiascos! que patraugas!...

Quando algum dia se persuadio esse boneco, que havia levar tantos beijos, das moças como levou? Elle que luctando com as ondas, supportou muitos encontrões e prapemadas, havia crer que um dia seria adorado como Santo, e que receberia de labios nacorados tam sonantes beijinhos, não levando em conta as babadellas das velhas?!

E' para ver!... sam destinos... sam sortes...

Desculpem-nos se passamos sobre tudo isto levemente; pois se fossemos a tudo profundar seria um nunca acabar pois

Basta; estamos cansados,
Não sabemos a lição;
Que lição!... é muito grande;
Triste é nossa condição!

Paramos, fazemos ponto,
Não por nosso gosto, não;
E' p'ra o lente não dizer:
—Não sabem pois a lição?!

Levar ponto, ir p'ra rua,
Ir ser guarda nacional!
Andar com patrona e arma,
Achaes bonito?—o que tal!

VARIÉDADES.

Um certo Kan da Tartaria, tendo ido viajar aos seus estados, com parte da sua corte, encontrou um

pobre, que apénas o tinha visto, havia começado a gritar. « Se alguém me quer fazer o presente de cem peças de ouro, eu me obrigo a dar-lhe um bom conselho. » O Kan immediatamente lhe mandou contar esta somma, e o pobre com gravidade diz. « Não comeces cousa alguma sem que tenhas considerado bem o seu fim. »

Esta sentença pareceo muito simples aos cortezaos, que se puzerão a rir com desdem, e disserão: « Este bom pobre ficou bem pago pela sua máxima. » Mas o Kan se foi tão satisfeito com ella, que deu ordem para que fosse escripta com lettras de ouro em muitos lugares do seu palacio, e gravada principalmente sobre toda a sua baixela. Pouco tempo depois aconteceu ter sido comprado o cirurgião do principe, para o matar com uma lanceta envenenada, quando fosse chamado para o sangrar. Chegou esta occasião, e no momento em que o rei estava ja com o braço atado, e o cirurgião com a fatal lanceta na mão, este reparou nas palavras que vio gravadas sobre a bacia: « Não comeces cousa alguma sem que tenhas considerado bem o fim. » De tal sorte ficou tocado por ellas, que deixa cair a lanceta. O rei percebe a sua confusão, e procura saber o motivo. O cirurgião se lança á seus pés; confessa-lhe o seu crime, de que obtem perdão, e os conspiradores forão punidos de morte. Então o rei, voltando-se para aquelles da sua corte, que tinham desprezado a maxima do pobre: « Vede, lhe diz; se se deve fazer pouco caso de um conselho que foi capaz de salvar a vida de um rei? » [Extr.]

ALBUM POETICO.



A CRUZ.

O. D. C.

Ao Illm. Sr. Dr. J. C. Lobato.

Venez offrir des vœux pleins de tendresse
Au Seigneur que vous adorez.

ROUSSEAU.

Salve, ó astro luminoso,
Cruz do meu Redemptor,
Salve, ó lenho precioso,
Patibulo do Salvador.

J. R. C.

Quem deixa, passando na mente este mundo,
De crer, mui profundo, no Ser de Jesus;
Que atheo haverá, que scisme na vida,
E deixe esquecida a crença da—CRUZ?

Quem vendo não crê—erguer-se brilhante
O sol dardéjante, que o dia conduz,
Vibrando de manso no vacuo deixado,
Dos cravos tirados dos braços da—CRUZ?

Quem vê no occaso, o sol a sumir-se,
Fludar-se, esvaldr-se no mar sua luz;
Quem deixa ao crepusculo da tarde serena
De pôr a crença na base da—CRUZ?

Quem vê os palacios das grandes cidades,
Em que as vaidades do homem transluz;
Quem vê a cabana—mesquinha—isolada,
Tem fé redobrada na crença da—CRUZ.

Quem vê levantar-se no cimo gigante
A lua oscillante, que a noite conduz,
Quando ella faceira, no ceo campeando,
Vai luz derramando no topo da—CRUZ;

Quem vê o zenith cercado d'estrellas,
De cores tam bellas, qu'alma seduz;
Quem vê o reflexo da lua no mar,
Sem crente ir orar em frente da—CRUZ?

Quem vê a ermida de um cemitério,
Que em mudo mysterio a—morte—traduz;
Quem vê o cypreste—sózinho—callado,
Gemer debruçado na haste da—CRUZ;

Quem vê a ossada, do tempo comida,
Já podre, deslida, sem forma, sem luz;
Quem vê tudo isto, sem crente tornar-se,
Sem ir abraçar-se, chofando, com a—CRUZ?

Quem deixa, passando na mente este mundo,
De crer, mui profundo, no Ser de Jesus;
Que atheo haverá, que scisme na vida,
E deixe esquecida a crença da—CRUZ?

R. BÔRBA.

POESIA

OFFRECIDA PELO AUTOR A UMA JOVEM-MENINA A

Exm.^a Sr.^a D. E. R. C.

L'innocence est ta' couronne!

Assim como a linda rosa
Que mimosa
Tão formosa
Se mostra logo ao nascer;
Assim tu, joven innocente,
Brevemente
Alegremente
Vais no mundo apparecer.

Dotada dessa belleza,
Gentileza
Singeleza
Que te deo o Creador;
Ah! não sejas orgulhosa,
Presumpçosa
Vaidosa
Com o pobre trovador.

Se quando, entre milhares,
Tu olhares,
Divisares
O rosto do teu cantor;
Não o encares zangada!
Rufadada
Enraivada
Nem o olhes com rigor.

pobre, que apenas o tinha visto, havia começado a gritar. « Se alguém me quer fazer o presente de cem peças de ouro, eu me obrigo a dar-lhe um bom conselho. » O Kan immediatamente lhe mandou contar esta somma, e o pobre com gravidade diz. « Não comeces cousa alguma sem que tenhas considerado bem o seu fim. »

Esta sentença pareceo muito simples aos cortezãos, que se pozerão a rir com desdem, e disserão: « Este bom pobre ficou bem pago pela sua maxima. » Mas o Kan se foi tão satisfeito com ella, que deu ordem para que fosse escripta com letras de ouro em muitos lugares do seu palacio, e gravada principalmente sobre toda a sua baixela. Pouco tempo depois aconteceu ter sido comprado o cirurgião do principe, para o matar com uma lanceta envenenada, quando fosse chamado para o sangrar. Chegou esta occasião, e no momento em que o rei estava ja com o braço atado, e o cirurgião com a fatal lanceta na mão, este reparou nas palavras que vio gravadas sobre a bacia. « Não comeces cousa alguma sem que tenhas considerado bem o fim. » De tal sorte fica tocado por ellas, que deixa cabir a lanceta. O rei percebe a sua confusão, e procura saber o motivo. O cirurgião se lança á seus pés, confessa-lhe o seu crime, de que obtem perdão, e os conspiradores forão punidos de morte. Então o rei, voltando-se para aquelles da sua corte, que tinham desprezado a maxima do pobre. « Vede, lhe diz, se se deve fazer pouco caso de um conselho que foi capaz de salvar a vida de um rei? » [Extr.]

ALBUM POETICO.



A CRUZ.

O. D. C.

Ao Illm. Sr. Dr. J. C. Lobato.

Venez offrir des vœux pleine de tendresse
Au Seigneur que vous adorez.

ROUSSEAU.

Salve, ó astro luminoso,
Cruz do meu Redemptor,
Salve, ó lenho precioso,
Patibulo do Salvador.

J. R. C.

Quem deixa, passando na mente este mundo,
De crer, mui profundo, no Ser de Jesus;
Que atheo haverá, que scisme na vida,
E deixe esquecida a crença da—CRUZ?

Quem vendo não crê--erguer-se brilhante
O sol dardejante, que o dia conduz,
Vibrando de manso no vacuo deixado,
Dos cravos tirados dos braços da—CRUZ?

Quem vê no occaso, o sol a sumir-se,
Findar-se, esvair-se no mar sua luz;
Quem deixa ao crepusculo da tarde serena
De pôr a açucena na base da—CRUZ?

Quem vê os palacios das grandes cidades,
Em que as vaidades do homem transluz;
Quem vê a cabana—mesquinha—isolada,
Tem fé redobrada na crença da—CRUZ.

Quem vê levantar-se no cimo gigante
A lua oscillante, que a noite conduz,
Quando ella faceira, no ceo campeando,
Vai luz derramandó no tópo da—CRUZ;

Quem vê o zenith cercado d'estrellas,
De cores tam bellas, qu'alma seduz;
Quem vê o reflexo da lua no mar,
Sem crente ir orar em frente da—CRUZ?

Quem vê a ermida de um cemiterio,
Que em mudo mysterio a—morte—traduz;
Quem vê o cypreste—sozinho—callado,
Gemer debruçado na haste da—CRUZ;

Quem vê a ossada, do tempo comida,
Ja podre, delida, sem forma, sem luz;
Quem vê tudo isto, sem crente tornar-se,
Sem ir abraçar-se, chorando, com a—CRUZ?

Quem deixa, passando na mente este mundo,
De crer, mui profundo, no Ser de Jesus;
Que atheo haverá, que scisme na vida,
E deixe esquecida a crença da—CRUZ?

R. BONBA.

POESIA

OFFRECIDA PELO AUTOR A' UMA JOVEM MENINA A

Exm.^a Sr.^a D. E. R. C.

L'innocence est ta coronne!

Assim como a linda rosa
Que mimosa
Tão formosa
Se mostra logo ao nascer;
Assim tu, joven innocente,
Brevemente
Alegremente
Vais no mundo apparecer.

Dotada dessa belleza,
Gentileza
Singeleza
Que te deo o Creador;
Ah! não sejas orgulhosa,
Presumpçosa
Vaidosa
Com o pobre trovador.

Se quando, entre milhares,
Tu olhares,
Divisares
O rosto do teu cantor;
Não o encares zangada:
Enfadada
Enraivada
Nem o olhes com rigor.

Embora o meu coração
D'antemão,
Co' effusão
Te faça est'offerta indinã;
Comtudo, virgem formosa,
"Como a rosa
Tão mimosa
A minha intenção foi dina.

Eu não sei se quererás,
E aceitarás
Os versos qu'aquí t'off'reço;
Eu não sei se a poesia
T'enfastia
E não tem p'ra ti aprêço,
Se assim é, anjo formoso,
E mimoso
Perdôa a minha ousadia;
Pois certamente julgava,
E pensava
Que gostavas de poesia.

Maranhão 19 de Junho de 1857. C.

Enigma.

Entre todas a natura
Formulou-me sem igual
Fez-me cheirosa e bella
Deu-me té c'roda real.

Uso della mais não vale
Quanto a d'um Imperador
A minha é verde somente
A delle tem resplendor.

Com a minha não aspiro
Sua' real magestade.
Sou com tudo appetecida
Mais do qu'elle na cidade.

Quando rara valo muito,
Sou a premio disputada,
Os ricos todos me quêrem
Pois sou fructa delicada.

Logogripho.

Um logogripho apresento
A' quem quizer decifrar,
Eil-o aqui tal como é
Sem uma letra lhe saltar.

A primeira com a terceira
Combina, caro leitor,
Que verás um animal
Inmundo, mas de valor.

A segunda com a terceira
É um lugar elevado,
Só personagem eminente
Nelle se vê collocado.

A terceira com a quinta
(Diz a sagrada Escriptura)
Tirarão Christo da Cruz,
E o dêrão á sepultura

A primeira e a segunda
No alto está collocado,
Olha p'ra cima, leitor,
E me terás decifrado.

A quarta e também a quinta
É a voz d'um animal,
Que tendo fome, coitado!
Exprime a dor do seu mal.

A quinta com a terceira
Faz partê do corpo humano,
Acredita-me, leitor,
Que nisto eu não t'engano.

Os homens que amão as letras
Que gostão de indagar,
Não me desprezão, pois todos
Meu segredo querem achar. C.

Charada.

Apesar de inoffensivo
Sempre contra me has de vér
A posterior sou contrario
Sem anterior mesmo ser. 2

Sou filho. Oh! vaso novo!
Quem ja vio um vaso assim?
Minha mãe me dera a luz
Nascendo depois de mim! 2

CONCEITO.

Deos te livre de me ouvir
E de prestar-me attenção
Pois perdido ficarás,
Teus dias encurtarão!

Ram.

Rebus:

000luXooo¹⁰₁₀ Rdacaaa daç A⁴₆ ção Dooo EEE
TAD000. iurt

Decifrações do n. passado.

Do enigma

As letras do a b e reduz á unidades
Depois combinando-as, meu caro leitor,
= Filomena = encontrarás
E decifrado terás.

Do logogripho = LONOGRIPHO. = Da charada = SA-
NAOBE = e do rebus = FELIZ AQUELLE QUE SEMPRE
FAZ O BEM.

Typ. = Bentevi = Imp. por J. M. A. Serrão.

Embora o meu coração
D'antemão,
Co' effusão
Te faça est'offerta indina ;
Comtudo, virgem formosa,
Como a rosa
Tão mimosa
A minha intenção foi dina.

Eu não sei se quererás,
E aceitarás
Os versos qu'aqui t'off'reço ;
Eu não sei se a poesia
T'enfastia
E não tem p'ra ti aprêço,
Se assim é, anjo formoso,
E mimoso
Perdôa a minha ousadia ;
Pois certamente julgava,
E pensava
Que gostavas de poesia.

Maranhão 19 de Junho de 1857.

Enigma.

Entre todas a natura
Formulou-me sem igual
Fez-me cheirosa e bella
Deu-me té c'róa real.

Uso della mais não vale
Quanto a d'um Imperador
A minha é verde somente
A delle tem resplendor.

Com a minha não aspiro
Sua' real magestade.
Sou com tudo appetecida
Mais do qu'elle na cidade.

Quando rara valo muito,
Sou a premio disputada,
Os ricos todos me querem
Pois sou fructa delicada.

Logogripho.

Um logogripho apresento
A' quem quizer decifrar,
Eil-o aqui tal como é
Sem uma letra lhe faltar.

A primeira com a terceira
Combina, caro leitor,
Que verás um animal
Immundo, mas de valor.

A segunda com a terceira
E' um lugar elevado,
Só personagem eminente
Nelle se vê collocado.

A terceira com a quinta
(Diz a sagrada Escripura)
Tirarão Christo da Cruz,
E o dérão á sepultura

A primeira e a segunda
No alto está collocado,
Olha p'ra cima, leitor,
E me terás decifrado.

A quarta e tambem a quinta
E' a vóz d'um animal,
Que tendo fome, coitado !
Exprime a dor do seu mal.

A quinta com a terceira
Faz parte do corpo humano,
Acredita-me, leitor,
Que nisto eu não t'engano.

Os homens que amão as letras
Que gostão de indagar,
Não me desprezão, pois todos
Meu segredo querem achar.

Charada.

Apesar de inoffensivo
Sempre contra me has de vér.
A posterior sou contrario
Sem anterior mesmo ser.

Sou filho. Oh ! vaso novo !
Quem ja vio um vaso assim ?
Minha mãe me dera a luz
Nascendo depois de mim !

CONCEITO.

Deos te livre de me ouvir
E de prestar-me attenção
Pois perdido ficarás,
Teus dias encurtarão !

Ram.

Rebus.

000luXooo¹⁰₁₀ Rdneaaa daç A⁴₆ ção Dooo EEE
TAD000 _{iurt}

Decifrações do n. passado.

Do enigma

As letras do abc reduz á unidades
Depois combinando-as, meu caro leitor,
= Filomena = encontrarás
E decifrado terás.

Do logogripho = LOGOGRIPHO. = Da charada = NA-
DADOR = e do rebus = FELIZ AQUELLE QUE SEMPRE
FAZ O REM.

Typ. = Benitevi = Imp. por J. M. A. Serrão.

A EDUCAÇÃO DA MOCIDADE.

L'education des enfants devoit être un des principaux soins du gouvernement.

A pobre humanidade, fragil e sem força, desde a queda terrivel do seu primogenitor, que vendeo caro a felicidade, esse talisman mais difficil de encontrar-se que as minas de diamante, ou uma fonte nas vastas charnecas e nos longinquos desertos da Libia ardente, o que seria della, privada dos seus lenistes, despojada dos seus risos e alegrias, sujeita as mais climatericas emergencias; se não tratassê como de huir a sua vida, regular os seus costumes, empanar o rijo sibilar dos ventos, para não apagar o seu ja amortecido facho, fazer e promulgar leis, para observar restrictamente? Abysmar-se-hia em um pelago insondavel, em um volcão infernal; e então para evitar todos estes males, serve-se de um meio não muito difficultoso da — educação —, como unica taboa de salvação onde se podem abrigar os escapos do naufragio universal.

O que seria do genero humano, vivendo sem leis, sem usos, não reconhecendo religião nem Deos, passando uma existencia nomada e brutal, entregue aos maiores crimes, acostumado e creado á lei da natureza, se se não constituísse em corpo de nação, se não buscasse um chefe que o regesse e se se não sujeitasse a seus mandados?

Vegetaria á olhos vendados com a mira unicamente nas excursões e latrocínios, que constituem seu principal dever.

Mas como se pode conciliar tantos espiritos dissidentes, abêrrados quasi na sua totalidade do prisma da virtude, afastal-os desse caminho e obrigar-os a trilhar o bom? Só pela educação e esta principiada desde a mais tenra idade, desde que se encara o magnifico panorama da maravilhosa natureza, simplesmente educando a mocidade.

Diz um sabio escriptor: « A natureza é o primeiro espectáculo que se offerece ao homem á sua entrada na vida; o clima a primeira sensação que experimenta; a religião, depois das affeições da familia, é o primeiro amor, que se lhe da; os costumes formão o primeiro laço social, que o liga a seus concidadãos; as leis o primeiro jugo á que é obrigado a submeter-se; a historia a primeira gloria de que pode ufanar-se; e a educação deve ser a primeira chave o primeiro passo para conseguir-se a boa harmonia e a grande obra da regeneração, que principiou com o seculo XIX.

E de certo; pois o que seria a sociedade humana sem o primeiro elemento — a educação —? Um phantasma sem força, um corpo sem alma ou uma alma sem vida, sem acção nenhuma, que demonstrasse existencia.

De que vale á amizade sem o commercio continuo com seus amigos? O amor filial sem demonstrações exteriores de respeito é de ternura para noossos pais? Da mesma maneira; de que valem as leis, regras e sustentaculos dos estados; de que valem os juizes, revestidos de toda a força de autoridade e cheios de todo o poder; de que vale a justiça, que sustenta em um difficil equilibrio a grande balança e a frondosa arvore do estado; se o corpo social, a massa compacta da humanidade, se esse magnifico e brilhante edificio não tem sua base solida, não está fundado e amoldado com o rijo cimento da educação? Vale tanto como um castello edificto sobre areia movediça, como as folhas vigorosas e inumeras das arvores, que não obstante sua quantidade, o mais leve zephiro derriba e espalha por sobre suas raizes.

28 de Junho de 1857.

Todos os estados tem penas e tem premios, aquellas para os que desobedecem e infringem as regras estabelecidas, e estas para os que cumprem com os seus deveres, sujeitando-se a tudo quanto serve de norma para a felicidade geral, para os que tem sempre diante dos olhos e esforçao-se por executar o quadro de todas as suas obrigações como bons cidadãos, zeladores, e cooperadores de todo o bem estar phisico e moral; porém o que valem ellas quando o espirito está infectado de maldades e o corpo esta polluto com o sangue impuro dos lupanars, e salpicado de manchas, bem salientes da sua depravação? O mesmo que um argueiro que o vento leva.

Se as leis que regulão o mundo são o seu sustentaculo, mantendo e conservando a paz, fazendo o homem respeitar o seu semelhante, como poderião ellas executar e chegar á seu fim, se os seus subditos, os espiritos que tem sujeito, não se acostumarem desde o principio a reconhecer como a unica regra, que devem observar?

A educação deve começar com o nascimento, fortificar com a idade e lançar profundas raizes com o andar dos tempos, apagar-se um pouco da memoria e do coração e imprimir-se então com tintas indelevéis praticando e executando-a frequentemente.

O regimen do governo monarchico é differente do republicano; já se vê pois, que se faz mister uma educação para a mocidade apropriada e conveniente ao character do governo, por isso a educação não deve ser feita em particular pelos pais; porém pela nação em geral, nas escolas communs, debaixo de um mesmo regimen assim de lhes inspirar o amor das lèttas, a obediencia as leis, o gosto pela patria e pela constituição do estado em que ha de viver.

A mocidade, esperança dos estados, arvore, que apenas germinando, já todos esperão, que pullule para colher-lhe os dourados e saborosos fructos, limpido espelho onde reflectem todos os desejos é confiança da sociedade humana, precisa, para cumprir bem e fielmente a sua missão prescripta, de uma educação e educação bem regular; precisa, que os seus pais sejam incansaveis em reprimir, desde o alvorecer da sua existencia, a torrente impetuosa das paixões, pois se não o fizerem arriscar-se-hão a perdê-la e a inutilizal-a totalmente já pela sua vida dissoluta, já pelo seu modo intratavel.

Com estas nossas expressões não queremos estender demasiado o circulo do poder paterno, a ponto de, com a sua grande severidade, dar para a sociedade homens bisonhos, espiritos acanhados, corações timoratos, pensamentos escravos, que não encerrão em si um vislumbre do que seja liberdade; queremos simplesmente demonstrar, que os pais devem dar á seus filhos ou subordinados uma educação apropriada ao estado actual não de dismoralização; porém de desenvolvimento e de illustração; ensinar-lhes a reconhecer entre os seus semelhantes alguns a quem devem obediencia e respeito, tal qual como se fosse aos autores dos seus dias; pois com estas materias poder-se-ha fundar bons alicerces e d'ahi então um edificio elegante, não onde o sopro do vento derribe, mas no terreno seguro dos bons principios.

A grande recommendação que fazião os povos antigos da educação da mocidade, é o testemunho mais irrefragavel da sua reconhecida importancia; e na verdade; o que é a humanidade senão um vasto corpo, cujos membros, para que o sustentem, devem ser fortes e vigorosos? E não é a educação, que os habilita a cumprirem fielmente com seus deveres?

A mocidade não é a phenix da humanidade, que das mesmas cinzas renasce outra?

Em todos os paizes quer do antigo, quer do novo mundo, quer dos civilizados, quer dos ignorantes,

Numero 2.

A EDUCAÇÃO DA MOCIDADE.

L'education des enfants devoit être un des principaux soins du gouvernement. . . .

A pobre humanidade, fragil e sem força, desde a queda terrível do seu primogenitor, que vendeo caro a felicidade, esse talisman mais difficil de encontrar-se que as minas de diamante, ou uma fonte nas vastas charneças e nos longinquos desertos da Libia ardente, o que seria della, privada dos seus lemistes, despojada dos seus risos e alegrias, sujeita as mais climatericas emergencias, se não tratasse como de huir a sua vida, regular os seus costumes, empanar o rijo sibilar dos ventos, para não apagar o seu ja amortecido facho, fazer e promulgar leis, para observar restrictamente? Aysmar-se-hia em um pelago insondavel, em um volcão infernal; e então para evitar todos estes males, serve-se de um meio não muito difficultoso da — educação —, como unica taboa de salvação onde se podem abrigar os escapos do naufragio universal.

O que seria do genero humano, vivendo sem leis, sem usos, não reconhecendo religião nem Deos, passando uma existencia nomada e brutal, entregue aos maiores crimes, acostumado e creado á lei da natureza, se se não constituísse em corpo de nação, se não buscasse um chefe que o regesse e se se não sujeitasse a seus mandados?

Vegetaria á olhos vendados com a mira unicamente nas excursões e latrocinios, que constituem seu principal dever.

Mas como se pode conciliar tantos espiritos dessidentes, aberrados quasi na sua totalidade do prisma da virtude, afastal-os desse caminho e obrigar-os a trilhar o bom? Só pela educação e esta principiada desde a mais tenra idade, desde que se encara o magnifico panorama da maravilhosa natureza, simplesmente educando a mocidade.

Diz um sabio escriptor: « A natureza é o primeiro espectáculo que se offerece ao homem á sua entrada na vida; o clima a primeira sensação que experimenta; a religião, depois das affeições da familia, é o primeiro amor, que se lhe da; os costumes formão o primeiro laço social, que o liga a seus concidadãos; as leis o primeiro jugo á que é obrigado a submeter-se; a historia a primeira gloria de que pode ufanar-se; e a educação deve ser a primeira chave o primeiro passo para conseguir-se a boa harmonia e a grande obra da regeneração, que principiou com o seculo XIX.

E de certo; pois o que seria a sociedade humana sem o primeiro elemento — a educação —? Um phantasma sem força, um corpo sem alma ou uma alma sem vida, sem acção nenhuma, que demonstrasse existencia.

De que vale a amizade sem o commercio continuo com seus amigos? O amor filial sem demonstrações exteriores de respeito e de ternura para nossos pais? Da mesma maneira; de que valem as leis, regras e sustentaculos dos estados; de que valem os juizes, revestidos de toda a força de autoridade e cheios de todo o poder; de que vale a justiça, que sustenta em um difficil equilibrio a grande balança e a frondosa arvore do estado; se o corpo social, a massa compacta da humanidade, se esse magnifico e brilhante edificio não tem sua base solida, não está fundado e amoldado com o rijo cimento da educação? Vale tanto como um castello edificad sobre areia movediça, como as folhas vicosas e inumeras das arvores, que não obstante sua quantidade, o mais leve zephiro derriba e espalha por sobre suas raizes.

28 de Junho de 1857.

Todos os estados tem penas e tem premios, aquellas para os que desobedecem e infringem as regras estabelecidas, e estas para os que cumprem com os seus deveres, sujeitando-se a tudo quanto serve de norma para a felicidade geral, para os que tem sempre diante dos olhos e esforço-se por executar o quadro de todas as suas obrigações como bons cidadãos, zeladores, e cooperadores de todo o bem estar phisico e moral; porem o que valem ellas quando o espirito está infectado de maldades e o corpo esta polluto com o sangue impuro dos lupanares, e salpicado de manchas bem salientes da sua depravação? O mesmo que um argueiro que o vento leva.

Se as leis que regulão o mundo são o seu sustentaculo, mantendo e conservando a paz, fazendo o homem respeitar o seu semelhante, como poderião ellas executar e chegar á seu fim, se os seus subditos, os espiritos que tem sujeito, não se acostumarem desde o principio a reconhecer como a unica regra, que deve observar?

A educação deve começar com o nascimento, fortificar com a idade e lançar profundas raizes com o andar dos tempos, apagar-se um pouco da memoria e do coração e imprimir-se então com tintas indeleveis praticando e executando-a frequentemente.

O regimen do governo monarchico é differente do republicano; ja se vê pois, que se faz mister uma educação para a mocidade apropriada e conveniente ao character do governo, por isso a educação não deve ser feita em particular pelos pais; porem pela nação em geral, nas escolas communs, debaixo de um mesmo regimen afim de lhes inspirar o amor das lettras, a obediencia as leis, o gosto pela patria e pela constituição do estado em que ha de viver.

A mocidade, esperanza dos estados, arvore, que apenas germinando, ja todos esperão, que pullule para colher-lhe os dourados e saborosos fructos, limpido espelho onde reflectem todos os desejos é confianças da sociedade humana, precisa, para cumprir bem e fielmente a sua missão prescripta, de uma educação e educação bem regular; precisa, que os seus pais sejam incansaveis em reprimir, desde o alvorecer da sua existencia, a torrente impetuosa das paixões, pois se não o fizerem arriscar-se-hão a perdela e a inutilizal-a totalmente ja pela sua vida dissoluta, ja pelo seu modo intratavel.

Com estas nossas expressões não queremos estender demasiado o circulo do poder paterno, a ponto de, com a sua grande severidade, dar para a sociedade homens bisonhos, espiritos acanhados, corações timoratos, pensamentos escravos, que não encerrão em si um vislumbre do que seja liberdade; queremos simplesmente demonstrar, que os pais devem dar á seus filhos ou subordinados uma educação apropriada ao estado actual não de dissimulação; porem de desenvolvimento e de illustração; ensinar-lhes a reconhecer entre os seus semelhantes alguns a quem devem obediencia e respeito, tal qual como se fosse aos autores dos seus dias; pois com estes materiaes poder-se-ha fundar bons alicerces e d'ahi então um edificio elegante, não onde o sopro do vento derriba, mas no terreno seguro dos bons principios.

A grande recommendação que fazião os povos antigos da educação da mocidade, é o testemunho mais irrefragavel da sua reconhecida importancia; e na verdade; o que é a humanidade senão um vasto corpo, cujos membros, para que o sustentem, devem ser fortes e vigorosos? E não é a educação, que os habilita a cumprirem fielmente com seus deveres?

A mocidade não é a phenix da humanidade, que das mesmas cinzas renasce outra?

Em todos os paizes quer do antigo, quer do novo mundo, quer dos civilizados, quer dos ignorantes,

Numero 8.

Julgou-se sempre que, o primeiro ramo, a primeira necessidade e a mais palpitante, era a educação da mocidade.

Plutarcho adverte e até censura ao maior rei dos Romanos, a esse homem a quem forão arrancar do cabo da enxada e vestir-lhe a rica e adornada purpura, Numa, que elle não tivesse principiado a fazer a total metamorphose, a regenerar os pessimos costumes dos Romanos pelo ponto que sempre se constituiu alvo da felicidade, reconhecido por todo o universo—a educação da mocidade—.

« Vós confiaes a educação do vosso filho, dizia um antigo philosopho, a uma machua a um escravo, pois então, em lugar de terdes um só, terás dous. » Palavras que se podem sem escrupulo aplicar a muitos pais, maxime a esses avarentos, que temem dispendir um vintem, receiando que, a sua fortuna não perigue, que não venha a ficar falido, para um acto tão justo e um fim tão caritativo!

Triste condição! terrível sorte!

Todos os dias representão-se á nossa vista as scenas mais horrorosas, conhece-se a sua origem, o manancial donde dimanão; porem como se as ha de remediar? Como obstar que ellas se reproduzão, se na idade pueril, quando as menores palavras acção e se perpetuão na intelligencia, quando a mocidade, qual arvore melindrosa em terreno ingrato, que não pôde pullular, sem que se adube o terreno, tem necessidade de seiva, que a sustente, vivifique e faça florecer; em lugar de ministrar-se-lhe uma bôa e sã educação, pelo contrario da-se-lhe á beber o fel amargo, porem fácil de tragar, da depravação e dos vicios, ensina-se-lhe o caminho dos alcouces, envolve-se-a no horrido véo dos crimes?!

E' impossivel; um pai vicioso e depravado não pode formar bons filhos; uma sociedade corrupta não pode fornecer mais que esqueletos e quadros negros representando a dissolução e a libertinagem no seu maior auge!

Ea mocidade que já traz daguerriotypado no fundo do seu coração o simulacro das paixões e incubado o seu perigoso veneno, criada nestes maus principios, alimentada com estes exemplos proprios para perder o espirito até o mais atilado, cava lentamente a sua desgraça, e inutilisa-se totalmente não só para si, como para sua familia, a quem deve sustentar e fazer respeitar, como tambem para a sua patria que, em lugar de receber em seu gremio bons cidadãos, amantes do progresso, verdadeiros filhos do seculo XIX, respeitadores das leis estabelecidas, mantenedores da paz e da concordia, ambiciosos do engrandecimento, encontra malfeitores, ladrões e assassinos. Infelizmente a educação da mocidade brasileira é ainda assaz imperfeita, está muito aquem do seu fim; se se indagar quer sobre sua educação moral, quer sobre a civil, quer sobre a religiosa, ver-se-ha em todo uma grande lacuna, principalmente sobre a ultima e a mais importante, esta então quasi que se não falla della.

Mas, é tempo de componer-mos-nos, a educação da mocidade é muito melindrosa; chame-se a attenção do governo para este importante ponto; deponha-se por um pouco as armas da sedição politica e dediquemos-nos em corpo e alma a tal fim, pois delle pende a felicidade da nação inteira; estabeleça-se um bom regimen de educação e execute-se elle fielmente, escolhendo-se para esse mister homens proprios, que tenham gosto para ensinar e ver-se-ha então, se a estatística dos crimes não decresce espantosamente.

Maranhão 22 de Junho de 1857.

DEOS.

Qual é o homem que, no maior auge do paganismo, leve seu audacioso fanatismo a negar a existencia de Deos?...

Como poderá, sem abnegar-se, descrever no Creator, quando em seu existir reconhece a vontade do Senhor?

Qual é o corrupto athéo, que, sem mentir a si mesmo, lançando os olhos em torno de si, contemplando o Universo, deixará de confessar, que uma mão poderosa formou o globo e que a esse poder é que damos o nome de Deos?!

Qual?...

Quem negará?...

Quando por toda a parte encontramos o nome do Senhor escripto em sempiternos caracteres?

Quando desde o imperceptivel verme, elevamos a vista ao infinito espaço—o que admiramos?

Obras de Deos!

Quando vemos nas vastas florestas, desde o fero tigre, até a mansa corça, desde o flexivel arbusto, até o imenso pau d'arco.

Quando na madrugada vemos a brilhante estrella matutina, annunciando a vinda da aurora, que com seus roseos dedos deve abrir a celeste porta, por onde sahirá o astro vivificador, espalhando jorros de luz no universo adormecido.

Quando vemos á noite a faceira Diana, que tendo estendido seu estellifero manto, se ostenta radiosa no zenith.

Quando ella, dardejando seus plumbeos raios no immenso oceano, se revê nas cristalinas agoas do pacifico lago.

Quando no silencio da noite, nos mostra no calado cemiterio o vulto agigantado do arrogante mausoléu, ou as sombras pont-agudas dos mortuarios eiprestes, collados nas lages das carcomidas campas.

Quando ella inteira no firmamento, derrama seu melancolico luzeiro no topo da cruz.

Quando misteriosa e calada, segue os nossos passos.

Quando no pinaculo das montanhas, nos ajuda a meditar.

Em que pensamos?

Em Deos!

Qual o athéo que, contemplando o mundo, deixará de crer no Ser Supremo?

Qual o christão que deixará de dizer consigo: Hosanas a ti, Senhor Deos do Universo!

E quando o céu ameaça a terra?!

Quando o véo da triste noute, offusca todo o espaço e o phosphorico relampago, mais breve ainda que o veloz pensamento, corta as denegridas nuvens.

Quando o rouquenho trovão rebombando, sacode os flancos, arrojando raios ameaçadores nas devastadoras azas do furioso tufão.

Quando a chuva é constante, quando a fria escalda.

Quando os elementos se batem nos cumes das alcantiladas serras.

Quando nos abysmos das montanhas reservem com estrondo, os jorros das correntes.

Quando o oceano eleva suas rochas d'agoa, até aos céos, e em horridas, espumantes vagas, se vai quebrar nas solitarias costas.

Enfim, quando a terra é um chaos, e quando os céos são fogo!

Qual é o atheo ou crente que deixa de abaixar a fronte e dizer:

Sancto! Sancto! Sancto!

Deos de Jehovah! mil vezes salve!

R. Borba.

VARIEDADE.

Um dandy em apuros desejava ir a um baile, mas não tinha casaca.

Um amigo offereceo-se a emprestar-lhe uma.

—Nada, não me metto n'outra.

—Porque? perguntou-lhe o amigo.

—Porque no baile passado X, emprestou-me a sua e fez-me passar torturas.

—Como assim?

Figura-te que, apenas entro no baile, encontro X, que me diz ao ouvido:—cuidado com a minha casaca!—A' ceia X pespega-se ao meu lado:—cuidado, não deites gordura na minha casaca!—Ao jogo sinto um sujeito que me toca no hombro:—olha que roças as mangas de minha casaca.—

No salão estava cumprimentando uma senhora quando X. me interrompe:—repara que estás de baixo do lustre e que pode cair pingos de espermacete na minha casaca!—Finalmente estava walsando com uma linda menina, quando X. atravessa a sala para vir dizer-me:—meu amigo eu te peço não te requebres tanto, tem dô da minha casaca!—Sahi furioso e protestei nunca mais vestir casaca que não fosse minha.

—Ora historias; has de aceitar a minha e verás que não sou ridiculo e mesquinho como esse sujeito; dou-te licença para estragar, amarrotar e rasgar mesmo se quizeres. Não sou nenhum X.

O dandy aceitou afinal, e á noite apresentou-se no baile.

Apenas entrava no salão que o seu amigo percebendo-o á uma grande distancia gritou-lhe:

—Então, como te vai a minha casaca? o dito, dito; podes fazer della o que quizeres; não me importo com isto.

O dandy esgueirou-se o mais depressa que pode entre um grupo, para que não se entendesse que aquillo dirigia-se a elle.

No meio do baile encontra de novo o amigo junto de um lustre donde cahia uma chuva de espermacete.

—Oh! eu cá não sou nenhum X. não me importa que sujes a minha casaca de espermacete.

E puxando para baixo do lustre, inundou-a de pingos de espermacete.

Dahi a pouco estava o dandy no botequim, quando ouviu o amigo generoso que lhe dizia:—Não tenhas cuidado; não me importa que molhes a minha casaca.

E para proval-o derramou-lhe um copo de punch nas costas.

Finalmente quando o meu dandy já n'um estado grotesco entregava-se ao prazer da walsa, o amigo no mais forte do rodopio: agarrou-lhe as abas da casaca que lhe ficarão nas mãos, e exclamou triumpante, enquanto o outro reduzido á jaqueta não sabia onde metter-se:

—Bem vêes que não sou nenhum X. Não me importo de rasgar a minha casaca!

[Extr.]

ALBUM POETICO.

Os meus desejos.

Desejo no mundo ser probo e honrado
 Desejo que todos me amem, respeitem,
 Desejo qu'os homens, na sociedade
 Me julguem sincero, meos votos aceitem.
 Desejo das moças benigno olhar,
 Desejo adoral-as sem ter excepção,

Desejo que uma, a mais linda dellas,
 Consagre-me sempre sua terna afeição.

Desejo das velhas sincera amisade,
 Desejo que ellas bemdigão meo fado,
 Desejo que todas me tratem por neto
 E até por netinho, se for bem amado.

Desejo que os velhos, poltrões, rabugentos,
 Desejo que elles, sua vida narrando,
 Desejo que todos desculpem os mancebos
 Que vivem no mundo, brincando, folgando.

Desejo ser rico, ter muitos thesouros,
 Desejo dos pobres ser o protector,
 Desejo ser grande, ser mui poderoso,
 Para desfructar o qu'houver de melhor.

Desejo viver sempre independente,
 Desejo elevar-me na sociedade,
 Desejo possuir amigos sinceros
 Que muito m'estimem, me tenham amisade.

Desejo homen-gens de todos os homens
 A elles desejo ficar sobranceiro,
 Desejo ser sempre, nas artes, sciencias,
 Em tudo desejo ser sempre o—primeiro.—

Desejo por isso ser sabio, illustrado,
 Desejo por isso de tudo aprender,
 Desejo por isso viver muito annos
 Fruindo de tudo, e depois morrer.

Desejo que Deos receba minh'alma,
 Desejo que Elle m'aceite no-Ceó,
 Desejo que haja na corfe celeste
 Algum lugarsinho que se chame—meo.—

C.

Maranhão 26 de Junho de 1857.

O Desengano.

Nefande involucro de infame lodo,
 Rubor traiçoeiro d'horrida crapula
 Em ti ja eu cri... hoje não creio;
 Do desengano emfim a pagina horrivel
 Ante meos olhos se mostra inteira!
 A infamia tua, teo negro vicio
 Em negras lettras claramente li...
 Qu'importão lagrimas, se ellas mentem?
 Em perolas lindas, na avelludada face
 Se escôa o vicio—n'ellas não creio.
 Illuminada a mente, a cor segura
 No riso infantil a crapula tua
 Segura ve. Não mais mentiras...
 Que todas ellas, jamais não fingem
 Casto pudor, que fingir pretendes.
 O amor que por ti outr'ora tive
 Em frio desprezo hoje eu converto...
 Esses almos prazeres... doces sonhos
 Em horas amargas d'agudos espinhos
 Pouco a pouco se vão ja transformando...
 Oh! meu Deos! se eu podesse de tornar
 Em veneno mortal os doces osculos,
 Os amplexos que te dei, punhal agudo
 Que do peito infame cavando fosse
 Injuncto abysmo que hi s'encerra...
 Oh! quem me dera que ser podesse
 Vibora falaz de lethal veneno

Para em teu peito derramal-o todo;
E em cad'agouia beber ansioso
Doce prazer que a vingança pede...

Mas porque então trahiste
Sancto amor que te eu dava
Para que nos teus sorrisos
Frigidas juras juravas?!

Não te bastava meo tanto amor?
Beber querias na taça impura
Doce nectar de mortal veneno
— «Mulher que misto horrendo és tu na terra?» —

Doce amor que eu outr'ora
Tão santo te consagrava!
Este amor inda era pouco,
Este amor te não bastava?! ...

Eras tu meo unico Deos
O anjo que idolatrava:
Este amor ind'era pouco
Este amor te não bastava?! ...

Em teu seio repousando
Doce ventura sonhova:
Este amor inda era pouco
Este amor te não bastava?! ...

Que saudades eu curtia
Quando de ti m'auzentava! ...
Este amor inda era pouco
Este amor te não bastava?! ...

Vai-te demonio! não mais te veja
Meos olhos, que por ti tanto chorarão...!
Essas lagrimas, cada uma d'ellas
Teos algozes sejam sem piedade!
E quando ja cançada, exanime,
O remorso te entrar dentro do peito
Teos labios cerrem se proferir quizeres
Meo nome, que tu impia, manchaste;
De um Deos vingador, justiça eterna
Te persiga sem cessar um só instante!
E nos ultimos momentos desta vida,
Entre as ancias da morte arquejando,
Teo nome mal direi—teu nome impuro! ...

Maranhão 19 de Novembro de 1855.

ILIACO.

Um infeliz.

Oh! que sorte desgraçada
Altos Ceos me destinastes
Sem ter compaixão de mim
Vós no mundo me lançastes.

Desde os meus primeiros annos
Julgado sempre infeliz
Paciencia me consolo
Pois assim o Eterno quiz.

Hoje vivo separado
De meus pais á quem adoro
Supportando amargas dores
Paciencia me consolo.

O' meu Deus que cruel sorte
Destinastes para mim
Vivo mettido n'um carcere
Quem pode viver assim?!

Adevinha.

Vou fazer uma adevinha
Difficil de adivinhar,
Por uma letra começo
E por ella hei de acabar.

Minha mãe tem muitos filhos
Sem auxilio de varão:
Mas são nullo, coitadinhos!
Que tristes que os pobres são!

Não sou insecto, e d'aquelles
Que soem se transformar;
Mas tenho metamorphose,
Como agora vou mostrar.

Como sou não tenho vida:
Mas deixando de assim ser,
Vivo, ando, nado, e voo:
Posso tudo isto fazer.

Meo filho, isto é, aquelle
Que nasce do ventre meo,
Não é neto de meo pai;
Mas sim filho como eu.

Um heroe bem conhecido,
Protegido de dous reis,
Alterando-me a figura,
Fez-me o qu'inda ninguez fez.

Ram

Charada.

Sou—não sou
Sabio sou

2
2

CONCEITO.

Tão ingenua,
Tão modesta,
Que confessa
Quanto presta.

Ram.

Enigma Pictoresco.



tuifer

Decifrações do n. passado.

Enigma. — ANANAZ. — Logographo. — ASTRONOMIA.
— Charada. — ANTICHRISTO.

Typ. — Bentevi — Imp. por J. M. A. Serrão.

O CASAMENTO.

Dieux! quel plaisir d'aimer publiquement
Et de porter le nom de son amant.

L'interêt seul a fait cent mariages.
M. de Voltaire.

O casamento, esta palavra magica, que parece ter um machinismo electrico, cujo centro se encontra em todos os corpos, mais ou menos perfeito, mais ou menos real, como communicando-se por canaes, esta palavra encantadora e feiticeira, talvez a mais repetida e a mais appetecida de todas, quer mancebos, quer velhos, quer pobres, quer ricos, quer plebeos, quer nobres, quer chistãos, quer infieis, palavra, que se faz ouvir assiduamente nos bailes, no rapido gyrar das contradansas, no palacio ornado e brilhante dos grandes da terra, no alvergue dos pobres, no camarote dos theatros, no quarto dos estudantes, no interior dos navios e na choupana dos escravos; com tudo é a mais difficil de ter bom exito e a mais facil de originar desgraças.

O casamento é uma necessidade e um dever; necessidade, para o cumprimento do *crescite et multiplicamini*, dever, porque assim o tem instituido a sociedade, que regula os usos e costumes de todos os povos.

Mas, não é causa, para elle se effectuar de um mau modo, a sua palpitante necessidade, no contrario, deve ser contrahido depois de haver precedido um serio e accurado exame.

Ainda que vamos de encontro ao anexim vulgar, que diz, que "quem imagina não casa", a nossa opinião é esta e provaremos.

Ao menos entre nós, para essa união indissolvel e eterna, em que uma Donzella meiga e formosa, criada por seus pais com todo o esmero, tem de se ligar muitas vezes com um homem, cujos costumes lhe são occultos, cuja vida ella ignora, adoptar o seu nome e ter dessa união os penhores mais fieis do seu amor, não se endaga, nem se busca encontrar homens dignos de serem bons pais de familias, syndica-se muito pouco da sua vida como cidadão ou como particular, contentão-se unicamente, que conste ter elle alguns vintens ou então algum emprego rendoso.

A ambição, o desejo e a cubiça são ordinariamente os motôres dessas uniões, são raros e até rarissimos os casamentos, em que se não tenha em mira outras cousas, não se effectuem para outros fins.

Quando os pais devião examinar escrupulosamente quem era o pretendido noivo, quaes seus dotes, quaes suas virtudes, depural-as no cadinho da consciencia, para em fim resolver-se; cifrão-se simplesmente na sua familia e riquezas.

E o que se pode esperar de taes uniões?

Arvore má não pode dar bons fructos: um homem perverso que se liga em matrimonio com uma donzella virtuosa, forçosamente os seus genios não concordão e deste modo tornão-se dous antes desgraçados para si e para a socieda-

de, pervertem os seus filhos, e os tornão cidadãos pessimos, membros inuteis, que em vez de promoverem o bem da sua patria, são os primeiros destruidores, que minão pela raiz e a derribão para ao depois andarem por sobre suas ruinas, vangloriando-se de um acto condemnado até pelo simples bom senso.

Mas, quem se deve attribuir estes males?

Aos pais de familias e só a elles que cavão todos os dias um abysmo para suas filhas, chegando de ponto a até tornal-as objecto de venda!

Com que pasmo não observamos alguma, mercadeijando com aquellas, que devião ser a sua unica consolação na velhice, aquellas, que em attenção a seu sexo, são dignas de maior disvelo?

No homem uma qualquer nodoa lava-se e até pode-se fazer esquecel-a para sempre, porem na mulher nunca, os salpicos permanecem, como os monumentos antigos, para recordar os seculos passados, os pais sacrificão-nas por um pouco de ouro mesmo a sujeitos da sua maior aversão, e deste modo, como poderão viver unidos dous em uma só carne, quando elles se repellem?

O resultado é uma eterna balburdia e discórdancia.

Triste e por demais lamentavel é a vida de um mal casado; porem, assim mesmo com tantos exemplos frisantes, continuamente esta palavra—casamento—se faz ouvir, e onde ella acha mais echo, é mesmo entre as mulheres, não ha uma, que desde os quatorze annos, não faça diariamente a sua oração, não dicija sua supplica ao Todo Poderoso não consulte por S. João o grande e incomprehensivel livro da Fortuna, não mande ler a sua buena—dicha só com o fim expressamente de saber quando se casará e quem será o seu noivo, se militar, se empregado, se rico, se pobre, se aristocrata, se plebeo; os seus suspiros são mudas expressões do seu ardente desejo, as suas palavras não significão mais outra cousa, e esta molestia é epidemica; porque tem atacado até os gelados corações da velhice e ordinariamente esta classe è sempre a mais infeliz nos laços de Himineu; se ella é rica, apresentão-se mil bonitos mancebos, galanteadores do seculo, que lhe fingem dedicar toda a amizade, e ella enlevada pelas apparencias, innocente, cahe no laço que lhe arma o seu algoz, e o mancebo, depois de casado principia por dissipar todos os seus bens e a não fazer caso nenhum della, á final vendo-se reduzida á tal estado, as vezes até de mendicidade, verdadeira antithese do que esperava, não podendo mais supportar, ou vendo-se desamparada e ultrajada, recorre ao ultimo expediente o—divorcio—e separa-se d'elle para sempre, ou então fina-se lastimando sua tolice e a sua infelicidade!

Até agora temos somente fallado do casamento máu e dos seus resultados; só temos pintado miniaturas com tintas negras; invertamos e olhemos por outro lado, pelo da felicidade e da harmonia.

Dous esposos, que se amão mutuamente são, dous anjos, que habitão o orbe terraqueo, o pensar de um é o mesmo do outro; a vontade é a mesma, concordão em tudo e assim não pode haver dissidencia, nem a sizia se pode derramar entre el-

les; estes casamentos são, os que se chamão propriamente do paraíso ou celestiaes; porque nelles domina esse grande rei do universo; que em todo o lugar tem altares e adoradores o—amor—que nos enxuga as amargosas lagrimas, quando soffremos; que nos dirige palavras ternas e consoladoras; que nos orvalha com o balsamo confortativo; que nos alimenta e fortifica por toda a eternidade; esse poderoso elemento da ordem, da paz, da felicidade e da alegria; assim é viver como Adão no Eden antes de tocar no pomo vedado, é viver na corte celestial, só ouvindo sons divinos dedilhados em harpas de ouro por myriadas d'anhos que cercão o throno do Senhor.

Porem infelizmente, quão raras e dificeis de encontrar-se não são estas uniões! Para isso haja vista a estatistica dos divorcios e compeneir-se-hão que o que avançamos, são puras verdades e de todos reconhecidas.

Em conclusão; um bom casamento tem muitas utilidades, entre ellas as principaes são: utilidade individual e social, isto é, para os esposos e para a sociedade; pois d'ahi é, que ella conta com outros tantos bons successores dos existentes; e para isso faz-se mister boa educação afim de se poder formar outras tantas familias de justos e virtuosos.

Maranhão 1 de Julho de 1857.

CHRONICA DA QUINZENA.

E' ainda com o coração dilacerado pela dôr que vamos principiar esta chronica; e abstrahindo-nos um pouco d'aquelle modo facécio, que quasi sempre se emprega, quando o chronista, dando qualquer noticia, tenta fazer rir os leitores; vamos metter-nos á rabequistas, fazendo algumas reflexões acerca da lei, que autorizou o assassinato, que se acaba de perpetrar na pessoa de Francelino Raimundo Nunes no dia 26 do mez passado.

—Fallamos da pena de morte!—D'essa lei dura, austera, atroz e absurda, que sobre ir de encontro aos soberanos decretos do Omnipotente, que é o unico poder, como Autor da creatura e Senhor absoluto de todo o universo, que pode dispôr da vida e d'elle quando lhe aprouver, e nunca o homem; pois ninguém lhe confiou na terra semelhante jus, ninguém lh'o poderia conferir; sobre ir de encontro dizemos aos decretos do Omnipotente; proveito nenhum traz a sociedade, acarretalhe muito ao inverso incalculaveis males!

Nenhum proveito traz a sociedade, porque então, se o contrario se desse, não haveria por certo, quem subisse os degrãos d'um patibulo depois de o haver feito o primeiro infeliz a quem não aproveitou, assim como a nenhum outro desgraçado aproveitará jamais!

Com tudo chama-se isto um meio de correção!—

Um meio de correção será por ventura roubar-se ao culpado a possibilidade de arrepende-se de seus crimes?—

E sem arrependimento como haverá correção?— Julgaes acaso, vós que semelhante lei promulgates, que, atravez de um tumulto, possa o coração gelado e immovel de um cadaver sentir arrependimento dos maus feitos praticados no calor da vida e no perpassar das paixões?—

E se assim não pensaes, como chamaes um meio de correção, aquillo que não é senão o aniquilamento de todos os meios della? Pois que não aproveita nem a sociedade, nem ao misero delinquente?

Julgaes por ventura, que o homem não possa retrogradar da carreira do crime, como attesta a historia profana e sagrada, e endireitar seus passos pela estrada brilhante da virtude? E como pois condemnar um homem á pena de morte, e não substituil-a por outra, que ao culpado não tire, roubando-lhe a vida, a susceptibilidade de arrepende-se e consequentemente de corrigir-se?

Muitos homens existem, que preferem a morte instantanea a um grave e prolongado tormento, e quasi todos (fallamos desses homens avezados ao crime) preferem viver sepultados no fundo de uma hedionda prisão, e até mesmo exercer a degradante funcção de carrasco, ao morrer em um patibulo, por que muito facilmente se familiarizam com as suas trevas, e com os gemidos agonisantes da victima; que horrivelmente se debate com as convulsões da morte entre as garras sanguinosas delles.

Deve-se lançar mão de um meio, que os faça recuar diante do crime; que aproveitará não só a sociedade, como tambem ao criminoso; é este o unico tormento grave e prolongado, que pode ter bons resultados.

A cegueira, por exemplo, como o profundo Eugenio Sue muito bem pensou, é um meio correctivo e assás aproveitavel a expiação d'um crime.

Já dissemos, muitos homens ha, que preferem morrer em um patibulo á supportar um tormento prolongado como o é a cegueira com trabalhos, e assim com este novo genero de castigo tremêrão á idéa do crime, imaginando na gravidade da pena que ser-lhes ha imposta; e o delinquente, durante a sua vida, achando-se mergulhado em trevas, gemendo com o peso das degradantes algemas, senteria a enormidade do seu delicto, com o peso dos seus remorsos, escutaria o grito do perturbador da vigilante consciencia e breve e arrependimento lhe viria suavisar as torturas de seu amargurado viver.

Se porem, algum obstinado como o Mestre Escola—á despeito do seu tormento, á despeito ainda dos tratos horriveis de seus remorsos procurasse banhar no sangue humano as mãos homicidas sem se horrorisar do crime, não deixaria por isso de ser a cegueira um

meio de correcção incomparavelmente mais vantajoso do que a pena de morte, porque; dáda a hypothese que não aproveitasse a um ou outro, aproveitaria a muitos e quando a fíem um, aproveitaria a sociedade; e quando mesmo á sociedade não servisse de utilidade, restaria ainda uma vantagem não pequena, isto é: não se infringiria os direitos divinos e humanos; tinha sobretudo o culpado a possibilidade de arreperder-se; e emfim, dispensar-se hia uma entidade horrivel e monstruosa que demanda a pena de morte—O CARRASCO!!

A pena de morte não só é inutil como atroz e degradante; é prejudicial, e como tal deve ser derogado esse artigo de lei d'entre um povo moralizado e religioso; pois é tambem um desvario monstruoso da razão, que o dictou; é um legado de infamia e tyrania; é uma pagina negra na historia dourada de uma nação culta como é a Brasileira!

E quem haverá, que não se horrorise, ao contemplar esse acto cheio de ferocidade e hediondez?

Qual o homem que, vendo esse apparatus lugubre, que cerca o infeliz, o qual simi-morto mal se pode suster, e ouvindo de espaço a espaço a voz monótona do pregoeiro, como por ludibrio, repetir que a lei é quem manda assassinar o assassino, não se compungirá?! Quem haverá, que se não revolte contra tal atrocidade e se não sinta cheio de commiserção para com o infeliz padecente?!

Muito poderíamos ainda estender-nos sobre este assumpto, porem basta.....

Horror, portanto, e anathema á pena de morte!

Como quasi sempre a tempestade é seguida da bonança, vamos mudar as scenas e tirar nossas leitoras do Theatro mundi e levar-as ao de S. Luiz.

Bastantes suprehendidos ficamos, quando vimos annuciado, que o senhor Ramonda havia cedido entrar no Elixir d'Amor e mais nos admiramos que uma commissão, não sabemos por quem commissionada, fosse pedir ao Illustre Cavalleiro para nos vir vender o seu Elixir... Que lhe faça bom proveito!

Que, o Senhor Ramonda é o verdadeiro Dulcamara, nunca o duvidamos; mas que tivesse o arrojo de se apresentar em scena depois de não querer contractar a Snra. Rebusini, não obstante os grandes empenhos e não ter uma prima dona, depois d'aquella celebre carta escripta para Genova, depois de ter negado a Snra. Larombi o seu ordenado, na occasião em que ella mais delle necessitava por achar-se doente e que S. S. tinha toda a certeza que estes actos haviam indignado ao publico, não podíamos crer, sem ver, pois somos como S. Thomé, o Sr. Ramonda

em scena exposto a uma justa vingança do povo com quem tanto tem mangado!

But man is subject to error!

E assim vimos o Sr. Ramonda apresentar-se e não obstante a intervenção da policia, levou os seus applausos de tacão e sua salva de estallos.

Não foi reprovação ao merito, mas sim correcção aos abusos.

Mudando de assumpto e deixando o Empresario, ajustando suas contas com o publico justiceiro, vamos ver, se é possível dar uma idea ou fazer uma comparação do merito da engraçada Pipino:—

Não ha, não houve, não hade haver cousa, que se assemelhe com a graça, belleza, seducção e encanto da Snra. Mazini!.....

Não podemos, não nos atrevemos, nem temos capacidade para exprimir, o que se sente ao vel-a fazendo aquellas tam difficilissimas posições; a magia, que emprega, tem imman com que arrebatava corações já mortos e regelados, quanto mais o de um rapaz com os seus dezoito!

Emfim é mesmo o encanto da vida, o paraíso do céu, o maná do deserto, é a vida com boa saude, é a riqueza, quando se sabe gozar, é..... é..... somos uns tollos!..... Perdão para nós.... E isto é mesmo tentação do peccado!

Pode, que a Snra. Josephina não danse tambem como a Snra. Virginia, mas é mais bella, tem mais graça e como tal damos-lhe o primeiro lugar!.....

—Não foi de balde, que sempre ouvimos as velhas dizer, que São João principia a dormir na vespera de seu dia até ao dia seguinte, isto já me dizia minha avó, que ouviu a avó della dizer, que a avó da avó della já contava e não obstante estarmos no seculo das luzes, queremos inda convir, que é a pura verdade; senão teríamos de ver o Santo tambem com o seu buscapé a tocar em alguma fogueira; porque nessa noite parece que todos perdem a cabeça e não obstante, estar a rapaziada um pouco chué, sempre vimos alguns armados dos competentes roncadores!

Quem sabe, se haverá alguém, que não tenha tido o praser de examinar de perto um buscapé? Pois, eu explico, o que é: é uma taboca enrolada de barbante, que dentro tem polvora e limagem, bem secada para dar-lhe grande força; e quando se toca sempre costuma procurar as pernas ou a basta dos vestidos das mulheres e dahi é que lhe vem o nome de buscapé; podendo chamar-se as pistolas busca mão.

Talvez penseis, que só toca buscapé quem tem dinheiro? É um engano; porque tudo no mundo se fia e temos visto meninos com grandes caixões cheios dos supraditos, sem ter tido mais trabalho do que o de contar

meia dúzia de petas ao pobre *buscapezairo*, que corre o risco de queimar-se todo no caso de explosão.

E como não hade ser assim se o rapaz da moda quer por força tocar buscapé na rua de... pois lá está a D. Sabina, que o espera, senhora de seus pensamentos, sua futura metade, que foi para casa da prima... tirar sortes! Que fará o pobre sem ter dinheiro... sem meios de o arranjar?... fura, mette o nariz aqui, acolá, até que por fim finta a um dos vendedores, sem tenção de mais pagar!

Não são só estes os factos que occorrem nesta noite, tãobem as moças entaboletão-se em casa de algumas parentas ou conhecidas para depois de tocarem os fogos e mamarem a ceia, tirarem sortes—Agora é que são ellas! As q' são feias e tem a felecidade de tirar alguma sorte que diga—“Casareis com lindo moço.”—ficiaõ orgulhosas e não dormem todo o resto da noite á pensar que isto muito bem pode acontecer.

A que já ficou para Tia e lhe vem uma sorte que lhe diga—“Casareis e porque não?—a pobre solteirona enrosca-se toda, toma certos ares, que parece já ver em alguns dos circunstantes o seu futuro.

E se tentasemos descrever os dengues—dengues que são capazes de fazer, seria um nunca acabar.

Os chefes de familias, que sempre condescendentes para com seus picorruchos, lá sahem para comprar as cartas de bixinhas, as rodinhas e as sempre lembradas pistolas... e ao depois d'isto; eli-o em sustos para que o menino não se queime, para que a menina não deixe de embrulhar bem a mão com o lenço quando tocar a pistola e com cinco sentidos á ver que não entre algum buscopé pela janel-la.

O filho do pobre, aquem não foi dado comprar se quer uma bixinha, por não lhe chegar o dinheiro, fica triste e pensativo... mas eis que lhe dão um vintem para comprar o arroz de cuchá ou o angú quente, e elle zas, compra seis bixinhas! E com um murrão de pano molhado no azeite de carrapato ou uma fogueira de cofos velhos, se põe de cocara no batente da porta e vai tocando uma por uma, com algum intervalo, até ver estalar a ultima e no fim, satisfeito vai beber agoa e dormir com a barriguinha vazia.

Fazemos ponto; porque a massada vai tornando-se longa.—Adeos e até daqui a quinze dias.

ALBUM POETICO.

Será possível qu'uma flôr
Em seu verdor
Tenha vida sem humidade?

Poderá haver donzella,
Meiga e bella,
Sem de si sentir vaidade?

Será possível por fim,
Que assim
Vivas hi sem ter amor?
Tu qu' és flôr primorosa,
Que donosa,
Qual a rosa tens verdôr?

Se zombas da natureza
Sem defesa,
Tens logo de fenecer;
Es na vida como a flôr,
Que no calor
Ha de por força morrer.

Sem amor não ha ventura
Nem ternura,
Ama; ama, sê feliz;
Porem cuidado, ó donzella,
Com cautéla,
Que podes ser infeliz.

Amã tua mãi carinhosa
E extremosa,
Anjo teu na afflicção;
Que vella por teu estado,
Bem amado
De todo o seu coração.

A belleza é como a rosa
Mui cheirosa;
Não sendo logo colhida,
Murcha, e perde tod'odôr
E seu primor,
E do jardim é despedida.

S.

Epigramma.

Quando vires um barulho,
Uma desordem qualquer;
Não perguntes qual a causa,
Pois já sabês... é mulher.

C.

Advertencia.

Por motivos alheios a Redacção e somente provenientes da Imprensa, que seichou-se, deixou a —Estrella da Tarde— de ser publicada no mesmo gosto, operando-se uma mudança em todo o seu material; porem esperamos que os nossos generosos assignantes continuarão a coadjuvar-nos como até agora o tem feito.

Decifrações do n. passado.

Do Enigma Pictorresco—O Imperio do Brazil é vasto e fertil. Da Advinha—Oco. Do Rebus do 3.º n.º Os grandes luxos sem vendas são a destruição dos estudos.

Typ da Temperança. Imp. por J. P. Ramos.

O AMOR DO PROXIMO

Amar ao proximo, como a si mesmo; é, sem duvida, um dos primeiros deveres do homem. Com elle se mantém toda a sociedade em sempiterna paz e concordia.

O mesmo Jesus Christo deu-nos um exemplo disso, pois, querendo um Doutor tentá-lo, perguntou-lhe — qual era o maior dos mandamentos da Lei? e elle lhe respondeo: — amar a Deos de todo o coração, e ao proximo como a si mesmo: d'onde conclue-se, que todos os outros mandamentos encerrão-se n'estes dous. Os primeiros christãos cumprirão tam exactamente este preceito, que os que tinham algumas terras, vendião-nas, e levavão aos Apostolos o seu producto, para que estes distribuissem com os pobres. No tempo das perseguições ião visitar, os que erão presos pela fé, fortificando-os com seus discursos, derramando com suas palavras, nas almas dos que soffrião, o balsamo consolador; e se, por fraqueza, alguns cedião aos horriveis tormentos, que os pagãos lhes fazião soffrer, os outros choravão-nos e com as lagrimas do verdadeiro amôr reanimavão-nos e conduzião-nos de novo a fé.

Reinava entre elles tão grande amôr, que não havia um só d'elles, que fosse pobre; por que como já dissemos: os que tinham alguns bens punhão-os em commum.

Fazião jantares publicos, onde reunião-se todos sem distincção. Sigamos, nós que vivemos no seculo 19, sigamos as pégadas de nossos antepassados, imitemol-os no amor para com os nossos proximos, amemol-os com aquelle amôr santo, que Deos exige. Soccorramol-os nas necessidades, procuremos, por todos os meios que estiverem a nosso alcance, alliviar as dores á todos; façamolhes, em fim, todo o bem que podermos, sem distincção de classe, de condição de sexo, de amigo, ou inimigo com contentamento como se o fizessemos a nós mesmo: pois as recompensas serão thesouros e consolações infinitamente maiores que os que tivermos distribuido pelo amôr do proximo.

M. J *

DIALOGO,

Offerecido pelo autor a todas as nossas bellas patricias.

—Então, minha linda prima... já sei que Você está muito zangada comigo, pois desde que aqui estou, (por mais que tenha feito) ainda não me foi possível encontrá-la sozinha, e fallar-lhe; e até parece-me que, do proposito, Você tem evitado a minha presença...

—Ah! o Sr. sabe? / parece-lhe isso? / Um!... tanto melhor!

12 de Julho de 1857.

Estas palavras forão proferidas por um mancebo e uma formosa menina, que se sehavão em certa casa de festa, os quaes vierão tomar assento em duas cadeiras bem perto de mim, e tão perto que ouvi tudo quanto disserão, não sendo por elles visto, em razão d'estar assentado no principio da segunda varanda lá dita casa.

Ora, arrastado pela curiosidade, espiei (permitta-se-me esta expressão) e vi, caras leitoras, um mancebo d'uns 21 annos de idade pouco mais ou menos, de physionomia alegre, cabellos pretos e bem penteados, uma barbasinha da moda, isto é; uns cabellinhos, (poucos) debaixo do queixo, que, como sentinellas perdidas, allí se mostrão por condescendencia, ou (para melhor dizer) allí se deixão, por assim o exigir o grande tom. Trajava calças de brim branco, e um paletô da mesma fazenda, adornando-lhe a esbeça um bonet bordado de fios d'ouro.

Não cause admiração as leitoras este trajar tão simples do mancebo, pois devem saber, que a casa da festa era em um citio, e não requeria grande luxo; mas isto entende-se á respeito dos homens, porque pelo que respeita ás moças... oh! essas!... não se importão que seja ou não seja festa do muto; o que ellas querem é luxar... Perdão! eu não desejo aggraval-as, portanto vou continuar. Mas... (cá para nós, leitores) é o fraquinho destas minhas senhoras, e a tal priminha era do numero das taes!...

Como ia dizendo pois, havião estes dous priminhos começado a sua pratica por aquellas palavras, cujo azedume e despeito bem mostravão. Ora, eu que gosto muito destas scenas, pois são, para mim, interessantissimas, aquietei-me no meu lugar, e applicando bem o ouvido, pude perceber o que dizião.

—Olhe, minha prima (continuou o mancebo depois d'alguma pausa) Você tem um genio muito desconfiado; arruia-se comigo por qualquer cousinha, e depois começa á fazer-me desfeitas... Considere que não deve obrar assim, pois bem conhece que eu amo-a extremosamente.

—Oh! o Sr. está hoje muito pregador... dou-lhe os devidos parabens! Eu não sabia que tinha tão grande habilidade. Com que então... o Sr. muito me ama? Obrigada, muito obrigada; agora sim, agora acredito que sou alguma coisa, porque o Sr. me ama... E que mais?

—Parece-me que Você está caçoando comigo, minha prima?! (tornou o mancebo pesaroso).

—Eu! não, meu Deos! (respondeo-lhe a prima) como poderei caçoar, quando devo dar-lhe agradecimentos pelas homenagens que me rende, e por esse extremo amor que me tem!

—Nesse caso pois (disse-lhe o primo) explique-me o seu procedimento, desta noite, e diga-me—porque motivo me está tratando com tanta indifferença, e até dando-me o nome de—Sr.!

—Ah! quanto á isso vou responder-lhe, e espero ser, desta vez, bem entendida. Primeiramente, não é verdade, que eu o esteja tratando com indifferença, por consequencia, já vê o Sr. que está em erro: ora, em segundo lugar, julgo ter liberdade de tratar com cortezia as pessoas que eu quiser.

Numero 6.

— Essa sua resposta, ainda mais me confirma na ideia que já formei, isto é; que Você se sente aggravada: se assim é, creia-me sinceramente, que muito me pesa de haver incorrido no seu desgosto, mas não o fiz com intenção.

— Nem eu disse tal cousa, meu Deus! como devo sentir-me aggravada, quando o Sr. não me aggravou? — Por obsequio, não me faça essa injustiça.

— Paciência! (proseguio o mancebo) soffrerei mais esta desfeita, e a inscreverei no rol das outras muitas, que já tenho recebido.

Depois destas palavras que eu pouco ouvi, o mancebo calou-se, e por alguns momentos reinou um profundo silencio.

E já eu ia retirar-me, pensando que o mesmo tivessem feito os dous primos, quando percebi distinctamente a voz da formosa menina, que dizia á seu primo: Parece que o Sr. ficou triste! perdôe-me o ter-lhe causado esse desgosto. Diga-me porem uma cousa... (note-se que não é da minha conta, e nem tenho interesse algum em saber), mas é somente por curiosidade, que pergunto, se não fôr indiscreta.

— De modo nenhum, minha prima; diga, e responderei o que souber (disse o bom primo.)

— Aquella moça com quem o Sr. estava conversando ha pouco (continuou a menina) o que lhe dizia? (mas repare, que pergunto isto por mera curiosidade, como disse).

— Uma cousa muito simples, minha prima: Perguntava-me, se eu era o seu namorado, o seu amante; accrescentando que Você estava olhando fixamente, e lançando-lhe uns olhos que parecião settas....

— Que lembrança! Pois era isso que ella lhe perguntava, meu primo? Meu amante... que loucura! pois ella se persuadio de que o Sr. era o meu namorado?!... Com effeito, é necessario ser muito estúpida e presumida, para pensar desse modo.

— Ella ainda disse mais, minha prima: prevenio-me que Você mostrava estar com ciúmes, pedindo-me que me retirasse de junto della.

— Oh! isso, é de mais.... Pois ella pensa que eu sou como ella, que, em qualquer parte onde se acha, tem tres, quatro e cinco namorados? E alem disto, não fallando d'aquelles á quem não deixa de dar esperanças? — Se eu fôra assim, então tinha razão de dizer isso, mas não sendo pouco m'importa que ella falle, porque é esse o seu officio.

— E parece-me (accrescentou o mancebo) querer acreditar ser mentira tudo quanto ella me disse, menos o que fallou por ultimo, pois julgo que ella acertou.

— Então o que? (perguntou promptamente a menina). Talvez essa feia e intrometida se lembrasse de dizer que me occupo com os amantes alheios, como ella faz! (accrescentou, corando muito).

— Não, minha prima; mas ella disse-me: Sr. N.... tanto é verdade o que estou-lhe dizendo, que aquella Sra. se arrufa com o Sr., e fica mal; e alem disto hade arguil-o muito, por ter estado conversando comigo este pouco tempo. Vá, e de-

pois verá se me engano --- Eis o que me disse, minha prima.

— Com effeito, meu primo! Com modo de descreditar a gente, sem ao menos attender-se a qualidade das pessoas contra quem se dirigem! Eu não me admiro, que ella fallasse assim e tão despejadamente; todavia na vossa presença, entendendo que, ella devia ser mais circumspecta, pois não ignora, que sois meu parente.

— Porem; minha prima, ella não fallou mal de Você.... O que disse foi, que Você havia de se zangar comigo: e de facto ella não mentio, por que assim aconteceu. E Você, minha prima, tem dado bastantes provas de estar estomagada, e de — pois....

— Sim, sim (interrompêo a pobre menina com a voz alterada) tem razão, meu primo.... sou eu a criminosa em todo este caso. Primeiramente, por que desde que aqui estou, não vos lembrastes de vir ter comigo, senão depois de vos achardes enfastiado de conversar com as outras... Em segundo lugar, porque eu deveria rir como uma tola, e não olhar para pessoa alguma, para que a Sra. D. N.... não dissesse que ereis o meu namorado, e que eu estava com ciúmes por ver-vos junto della.... E finalmente, porque eu não devia ter mostrado sentimento algum pela vossa indiferença, afim de que ainda a Sra. D. N.... não julgasse que eu estava zangada.... E dizeis muito bem, meu primo, ella não me offendêo; ao contrario, sou eu a offensora --- e irei pedir-lhe perdão da offensa, se assim o exigirdes.... Mas enfim, basta.... Meu Deus! antes eu nunca houvesse vindo á esta festa, porque teria evitado tudo isto!.... Adeos....

E a moça levantando-se bruscamente, retirou-se com precipitação, quasi affogada, não sei se pelo pranto, ou se pela colera.

O pobre mancebo, coitado! ficou perplexo avista desta resolução repentina de sua prima, e querendo acalmal-a d'alguma sorte, exclamou— Oh! minha linda prima, escute.... não se retire.... creia que eu....

E nada mais pude ouvir, caras leitoras; e então fiquei convencido de que ambos os priminhos se haviam retirado, obrigando-me á fazer o mesmo. Com effeito ergui-me por meu turno, e dirigi meus passos para um canto afastado da casa; e alli, tirando da algibeira a minha carteira e o meu lapis, comecei a fazer os meus apontamentos.

Quando estava no fim do meu trabalho, fui distraído pelo estrondo da orchestra, que dava o signal para o principio d'uma quadrilha, e pela agitação de todos os dançantes.

Differentes grupos d'homens e Senhoras se espalharão por toda a varanda, dando-se os braços. E eu ia a guardar a minha carteirinha, quando divisei o tal mancebo, e uma Senhora mui galante, e disse comigo: Bravo, este sujeito gosta de ter ás duzias.... Mas interrompi as minhas reflexões, porque ouvi que a Senhora dizia ao seu companheiro: Então, foi certo o que vos disse?... Adivinhei?

— Certissimo, minha Senhora (respondêo elle) e está tão enfadada, que agora mesmo acaba de dizer a sua mãe que se acha doente.

—Muito bem (concluiu a Senhora); e um sorriso maligno errou em seus labios.

E eu disse logo comigo: Oh! aqui anda intriga... Estas moças... estas moças!!!!

E accrescentei mais este bocadinho aos meus apontamentos.

Finalmente, como depois disto, tudo o mais correo para mim indifferentemente, divaguei algumas horas em roda da casa, até que, chegando a da viagem, embarquei para vir-me embora. E como gosto de dar noticias, resolvi mandar publicar este dialogosinho, o qual talvez divertirá algumas pessoas, e principalmente se forem os proprios actores.

C.

ALBUM POETICO.



A Deshonrada.

Soffre muito! crueis amarguras!
Chora o mal, que remedio não tem,
Maldizendo essas torpes doçuras,
Que do vicio nefando sò vem!

J. M. B. Martins.

I.

Infeliz es donzella, se incauta,
Não conheces do mundo as maldades;
Se passando tua vida innocente,
Não conheces, o que é falsidade.

Pobre virgem—nas garras do crime,
Has de emfim tua vida acabar:
Pois o mundo nefando, corrupto,
Cura só tua vida manchar!

Essas bellas madeixas que tens,
Esses olhos que fallam de amôr;
Esses labios de fino coral,
Só te trazem—o pranto—a dôr!

Esse collo que arfa ligeiro,
Essa cinta delgada, gentil;
Esse todo teu ser engraçado,
Só te trazem desgraças á mil!

Foge, ó bella, não preates ouvidos,
Não esperes protestos de amôr;
Que se esperas te perdes—fugindo
Mostrarás heroismo—valôr.

II.

“Hoje, quem olha p'r'o vil lupanar
“Da pobre coitada?

“Se tudo, 'té o echo dos passos nas lages,
“Me diz—*Deshonrada!*

“Por erer n'um infame, infame me fiz,
“Sou vil meretriz!

“Não foi a miseria, qu'a tanto obrigou-me,
“O fado assim quiz!

“Amei com extremo, ao vil, ao falsario,
“Qu'assim me deixou;

“Qu'em putrida espelunca, das salas luzentes,
“Assim me lançou!

“Sou—*Deshonrada!*—sou reprobada e vil,
“Assim diz o mundo!

“A culpa foi minha, que crente enterrei-me
“Do abysmo no fundo!

“Ai! pobre perdi a esp'rança qu'outr'ora
“P'ra mim se sorrio;

“Vendi mil protestos, tão puros, sinceros,
“Ao vil que mentio.

“E hoje—miserrima!—eu sinto nas faces
“Queimar-me a vergonha;

“E sinto na testa o sello infamante,
“Nos labios peçonha.

“E sinto que o pejo—o pejo inda tem
“A vil—*Deshonrada!*—

“As faces crestar-me, mirradas, sem viço,
“Do pranto crestada.

“E vejo as amigas de outr'ora—vaidosas—
“Passarem zombando;

“Es—*Deshonrada!*—apontam-me—e vão-se
“E fico chorando.

“E vejo as vaidades, as pompas do mundo,
“Passando sem fim;

“Não vejo um só rosto—uns olhos qu' erguidos
“Se fitem em mim.

“E ouço os ruidos dos lautos festins,
“Qu' outr'ora gozei;

“E caio prostrada—saudosa—chorando,
“A vida que amei.

“E vejo passar, veloz como os raios,
“Que perto me gyraõ,

“As rodas ligeiras, dos carros das niophas,
“Que lôdo me atirão.

“Chorosi me ergo—e tento esquecer-me...
“Caminho apressa-la;

“Mas tudo, te o echo dos passos nas lages,
“Me diz—*Deshonrada,*

III.

Mizerrima, que fazes nas ruas sentada?
Oh! flor já fanada que fazes ali? ...
Tu choras—coitada—levanta qu'o povo,
Passando de novo te expulsa d'ahi.

Tu choras?—é tarde—que o mundo vaidoso,
De si orgulhoso jámais te hade olhar;
O mesmo que amastes deixou-te olvidada,
Passando—coitada—te hade insultar.

Bebeste praseres em taça impura,
Libaste a amargura qu'a infamia te deu;
Quem foste—quem és—que deu-te a vileza?
Infamia—torpeza—é só o qu'ê teu.

A vida risonha que já desfrutaste,
Miserrima trocaste em prantos assi;

A virgem não és da vida passada,
Es—*Deshonrada!*— não passas d'aqui!

Vagando sozinha, com os olhos no chão,
Estendes as mãos—de frio gelladas;
Que buscas—que pedes—esmola tu contas?
Escuta—uma affronta—sarcasmo—risadas.

Tu tremes—vacillas—e cais assentada?
Mas és—*Deshonrada!*— não podes ficar—
Levanta—caminha—vai longe morrer;
Não podes l'erguer?—forçoso é vagar.

Miserrima que fazes na rua sentada?
Oh! flor ja fanada que fazes ali?
Tu choras—coitada—levanta que o povo,
Passando do noyo te expulsa d'ahi.

R. Borba.

E. D. S.

Mulher celeste, ou anjo de primores,
Quem pode ver-te sem querer amar-te?
E quem pode amar-te sem morrer d'amores?
Maciel Monteiro.

Se eu fora poeta de lyra afinada,
Se eu fôra inspirado, se eu fôra cantôr;
A ti, ó meu anjo—-ó anjo do Ceo,
Um hymno entoara—fallando d'amôr.

Se eu fôra poeta d'estro candente,
Ou se delle tivera o reflexo se quer;
Mil cantos sublimes—mil cantos d'amôr
Entoava, e dissera—são teos, ó mulher.

Se eu fôra poeta, um vate divino,
Um genio dos Tassos, Camões ou Garrets,
Só palmas, só c'roas—só brindes d'amôr
Formara, tecêra, depunha á teus pés.

Se per'las e ouro á montes tivera,
Se do mundo senhor eu fôra tambem,
Mundo, thesouros—tudo vendêra
A ti, ó meo anjo—-a ti—mais ninguem.

Poeta não sou, nem devo a fortuna
Uma graça, um mimo—se quer um favor—-
Em vez d'uma lyra, ou mimos da sorte,
Só tenho fé n'alma e no peito—amôr.

Que tenho p'radar-te, se faltam-me os dons?
Mas não, tenho muitos!—-thesouros só meus:
Meu amôr, minh'alma, tambem minha vida—-
Amôr, alma e vida—eu dou-te, são teus.

Ram.

Logogripho.

Este logogripho, ó leitor,
E' facil de decifrar,
Quatro syllabas e seis letras;
Assim podeis começar.

A primeira e a segunda
Todos nós bem o sabemos,
Pois é muito conhecido,
Porque sempre nós o vemos.

A terceira com a quarta
Ninguem no mundo ignora,
Anda de dia e de noite
Sem parar uma só hora.

A segunda e um h
Forma uma interjeição;
Della sempre usa o Padre
Quando prega o seu sermão.

A quarta, terceira e segunda
E' molestia que sabemos,
Ainda mesmo estando bom
Uma vez ou outra a temos.

A terceira e a segunda
Entre nós sempre achamos—
Della somos atacados
Quando as vezes nos zangamos.

Que mais claresa quereis
Para dizer, ó leitor?
Decifrai-o pois é facil
Nisso me fazeis favor.

Já vos disse tudo quanto
E' necessario saber;
Reparai bem ó leitor
Qu'agora podeis dizer.

Berorta.

Enigma pictoreseo.

OO



ia



DOO

RI

KOO

ROMANCISSIMO.

I.

Oh! não me deixes Maria!...

Quão rapidas se escôão as horas, quando estou junto de ti!

Deixa-me ainda contemplar-te, deixa embriagar meus olhos na adoração do teu rosto, deixa confundir as pulsações do teu seio com o ancioso bater do meu coração; deixa, que por alguns instantes mais, entrelace tua fugidiza cinta; deixa, que adivinhe os teus pensamentos; deixa, que de teus nacarados labios, ouça mais uma vez o protesto de teu amor—Pois não sabes, que quando te vejo, quando te contemplo e escuto, sinto, que renasço para o amor, sinto, que revive a esperança, sinto um não sei que, que me arrebatá da terra, e sinto que vivo, que te vejo e abraço, sinto, que creio em Deos, porque creio em ti....

Em ti que és o meu unico thesouro, a minha unica alegria, o viçoso botão da minha esperança, que desabrocha no valle....

Escuta: nos meus sonhos te vejo constantemente, bella como és, umas vezes, queres tornar o teu risonho rosto carracudo, para me exprobares alguma falta, que involuntariamente commetto, porem acabas por soltar dos labios as encantadores sorrizos, que se vão refugiar nas covinhas do teu rosto seductor; outras, lagueira, com a alegria nos olhos, correres com os braços abertos para mim, convidando-me a seguir ao teu lado atrás das fugitivas mariposas.

Quando velo encontro o teu olhar na estrella mais seintillante que vejo brilhar em um canto do céu; ouço a tua voz no cicio das auras por entre as flores, quando, como contemplo agora, a garbosa Diana que lentamente passeia no acinzentado firmamento, rodeiada dos seus satellites, fazendo reverberar sua argentea luz nas aguas dormentes da fonte, julgo ver o teu nobre andar por entre as chusmas de immensos adoradores, e vejo com orgulho a tua imagem reflectindo no meu coração.

Quando contemplo a roxa aurora que, com seus diamantinos dedos, abre os calices das viçosas flores, de cujas pet'as, embalsamão os ares, agradaveis odores....

Quando vejo os passaros que, com sonoros hymnos, bendizem a vinda do sol que vem campear nos horisontes....

Quando vejo os cardumes das borboletas de mil cores, voarem para a rosa que se vai abrindo, como imperceptiveis estrellas, para libarem a gota do orvalho que a noite depositou em suas folhas... emfim, em tudo te encontro, tudo me fala de ti, tudo me repete—amor, tudo me diz—Maria!—

E tenho ciumes.

Sim confesso, ás vezes tenho ciumes. Mas perdôa se te offendo, porque chego á duvidar do amor que me tens jurado; sim perdôa-me, porque o ciume é filho do amor.

Olha, momentos ha em que desejo não fosses tão bella, para que só eu te pudesse amar.

Para que não visse tantos olhares fitos em ti, porque então não teria ciumes.

Bem sei que são mal fundados os meus receios; tu não amarás á mais ninguem, não é assim?...

Mil vezes me tens jurado, e eu te creio, eu preciso crer... sim, porque se assim não fosse... se me enganasse... oh! então melhor fóra tirar-me a vida!....

—Ah! meu amante, nunca: eu te juro, este foi, é o meu primeiro, e será o meu unico amor! E como te poderia eu mentir?.... Eu que te amo, eu que concentrei em ti toda a minha existencia, havia mentir?!....

Porem adeos, não me posso demorar mais tempo, acabão de dar tres horas... até amanhã... adeos, sou obrigada á deixar-te... custa-me muito... mas é forçoso.

E um servido osculo foi o sello d'estas palavras.

Ate amanhã, Maria...

Ate amanhã, meu Paulo...

Assim se separaram dous amantes que, desde a meia noite, protestavão amarem-se eternamente, em uma das mais risonhas noites de Junho, assentados em um banco de pedra de uma bella rocinha, situada no lado direito da vetusta e encantadora estrada das mangabeiras na risonha Cidade do S. Maria de Belem.

II.

Depois de um bonançoso e bello dia, veio a noite desenrolar o seu estrellado manto.

A bella lua brasileira, inteira se erguia no canto do céu, estendendo sua esteira de prata por sobre as aguas, até metter-se no mais entrelaçado do arvoredor, coroando assim a cabeça dos montes com uma coroa de azulada luz.

Paulo mal ouvira o som das trombetas tocarem á—recolher—impaciente por se achar junto á sua encantadora amante, não quiz esperar a meia noite, que ainda distava tres compridas horas, longe da habitação da sua seductora Maria; sahio apressadamente de casa, atravessou a cidade que hia pouco á pouco adormecendo... chegou... respirou... e entrou... Dirigio-se ao lugar da vespera, mas ainda era cedo... sorriu... beijou uma a uma as flores que cervavão o lugar onde ella costumava sentar-se... e para que as horas lhe não parecessem tão longas, percorreo todo o jardim, vendo em cada flor o rosto da sua Maria; em cada raminho que rangia ao sopro da ragem e roçar de seu vestido; em cada bafejo dos zephyros que lhe passava pelas faces, um segredo que ella lhe mandava.

Assim divagou enganando a sua anciedade....

De repente ouviu o rebombar de um longinquo trovão, outro mais perto... inda mais perto! os ventos sibilarão com força, as aves noturnas, soltando seus prolongados pios, voavão pesadamente por sobre a sua cabeça!

A noite, com medo de molhar o seu estrellado manto, o enrolou.

A casta Diana escondeo-se, as agglomeradas nuvens offuscarão todo o espaço.

A tempestade ameaçava... a chuva era breve.

Paulo, confuso de ver tão rapida metamorphose, caminhou apressado em busca de algum abrigo....

De subito pára... estende o pescoço para ouvir....

Ouvira juras de amor !
 Os olhos scintillão na escuridão.... o coração
 lhe quer quebrar as paredes do peito.... o corpo
 se lhe gela.... a razão se lhe turba—caminha—
 brande o punhal!....—
 Ouvira o estálo de um beijo ! —

III.

No rio goamá inda hoje se vê uma pequena ilha fechada de grandes arvores, da qual, dois annos depois da scena que contamos, quando a noite se tornava tempestuosa, e os ventos, mugindo com força, vergavão os assaiseiros até ás suas raizes, se ouvia por entre o medonho estampido da tempestade uma voz que, lentamente acompanhada por um violão, cantava as seguintes coplas:

De linda e risonha a noite
 Negra e feia se tornou,
 E d'entre as trevas horrendas
 Férvido beijo estalou;
 Ouvido presta o amante
 Pois julga que se enganou.

Relampagos cruzão o céu
 Estála o raio medonho,
 Das trevas por entre o véo
 Bem vio seu rival risonho.
 —E o trahido—sorrio-se
 Sorrio-se porem tristonho.

Ouve juras e protestos
 Das paixões sente o fervor,
 Não deseja ouvir o resto
 Brande punhal vingador;
 Mas um instante vacilla
 Entre a vingança e o amor.

Caminhou—negro ciume
 Lhe ergue o braço tremendo,
 Meia noite—echôa o bronze
 Morto é elle—ella morrendo.

E o pobre, trahido amante,
 Mas vingado—caminhou—
 As barbas deixou crescer,
 Grosseiro borel tomou.

A vóz parava, e depois de curto preludio o violão recommçava, porém tão fraca, que mal se ouvia, de vez em quando, nas azas sibilantes do vento, algumas entrecortadas syllabas.

Os habitantes daquelles contornos contavam mil couzas pavorosas d'aquelles lugares.

Os pescadores não ousavaõ fazer seus pesqueiros junto da ilha.

Uns, dizião ter visto alta noite um grande vulto vestido de negro e de compridas barbas, vagar vagarosamente pela praia.

Outros, contavaõ que um pescador mais incredulo, tentando examinar de perto o que tinha a ilha, ao aproximar-se, grande tempestade se formou, e a voz se vez ouvir, e que nunca mais souberaõ dello.

Emfim mil outros contos pavorosos!... O certo é que, um anno depois, já se não ouvia cantar nem tocar, porem em todas as conjuncções de lua,

as aguçãõs á roda da ilha, se revolvião com furor, e erguendo-se em altos rolos, percorrião o rio, levando em sua passagem quanto encontravaõ, ao que, (dizem elles) para o tempo adiante, se deo o nome de—pororóca—.

R. Borba

CHRONICA DA QUINZENA.



Morreo!.... Já não existe!.... Choremos dilettantes!....

Eis os restos mortaes da misera victima da companhia Ramonda!

A morte lenta, a victima estorcendo-se com a dôr, e os feros como gloriosos de assim hirem sorvendo gota á gota as suas ancias!

O ponto tremia á cada punhalada, receioso de que chegasse a sua vez.

Os alugados davam bravos e rail palmas, e nós arrendiam'õ-nos de havermos cahido neste novo logro em que, ainda uma vez, se nos deo gato por lebre.

Só a orchestra chorava em sons maviosos a derrota de Rossini.

O senhor Scanavine com quem sympathizamos, foi o primeiro que veio, pé ante pé, dar-lhe o principal golpe: depois o Senhor Ramonda, que só serve no Elixir como Dulcamára, o que já deviamos saber, pois o Rio Grande do Sul tão mercedamente o corôou.

A senhora Condessa, mulher afouta, heroína destemida, acompanhou os malfazejos, e mais uma vez mostrou que, em tudo quanto fôr *fiásco*, deve-se-lhe dar o primeiro lugar.

O snr. Bargamachi é o bufo mais desenhado que temos visto.

O sr. Dallas-Pernas, tanto abaixou a voz, ou tanto abaixaraõ a muzica, que o homem não se parecia com o Silva do Hernani.

A nossa Remorini, coitadinha! tivemos pena della; estava tam feinha que mettia dô!

Os proprios coristas, que, (segundo uma gazeta), nem no Rio os ha tam bons, deram pedradas no pobre, como quando as crianças pilham sapo na rua!....

Ah! Barbeiro de Sevilha, nós te lastimamos!

Foi o principal *fiasco* de toda essa companhia!

E' a prova de sua insufficiencia a ultima centelha do seu conceito, levada pelo sopro do esquecimento eterno.

Porem o senhor Dulcamara como—*bom medico*—não desanima; tenta com o seu Elixir tornal-o á vida.....

Leva-o em repetição á ver-se se restabelece o credito perdido.....

Mas qual!.....

Repetem-se as mesmas scenas!..... E' o mesmo *fiasco*!

Impinge por fim o pobre defuncto, para o beneficio do snr. Cardella, que parte para a Europa, (cujos motivos mais tarde explicaremos) e foi então, que se enterrou o filho predilecto do grande Rossini, tendo sido morto na primeira representação.....

Mas, assim como o sol serve, para fortalecer as plantas e animar a vegetação, assim a senhora Masini nos dá momentos tão suaves e embriagantes, que nos fazem esquecer, em parte, essas scenas descommunaes dos cantores.

Depois do que já dissemos dessa senhora, parecia que não tinhamos mais que dizer, por que tambem nos pareceo que mais nada havia para admirar, porem que engano! Não tinhamos ainda visto a metade, por isso não dissemos ainda a quarta parte.

A *Tarantella*!—

Sabeis o que é?—Não, porque ainda não a vistes, e se já a vistes, não lhe destes o merecido valor.

Nós vos explicaremos o que é:—He o verdadeiro xarope do bosque para curar os catarrhões da tristeza, a thysica da melancolia, e as feridas no bofe da afflicção da vida!!

Quando a senhora Masini faz seus tregeitos, dá seus pulinhos, e sobre a ponta do pé se brandêa toda para um lado, a perna que levanta, é uma setta agúda que sae do arco do saiote, e vem traspassar as entranhas da ternura!

A *Tarantella* pelo nome mostra que *ataranta*, e pela execução é tão forte e tão sublime, que arrebatá, que enlouquece!

Tanto assim que vimos um velho maior de sessenta annos, todo remechendo-se, recitar estes versinhos que, tanta impressão nos causou, que para logo o aprendemos para os publicar:

Ai! Ai! Ai!	Todo roto
Eston cahido,	Esfrangalhado,
Estou reudido,	Meu peito
Estou captivo,	Todo brocado,
Apaixonado,	Morro de gosto.
Aendão gentes	Ai! Ai! que morro,

Que mal de amores	O seu requebrado
Não tem soçorro.	Me fazem gemer;
A perna roliça,	Desejo voar,
O pé delicado,	Desejo morder.

E com os olhos chammejantes, parecia que o maldicto velho queria ligar a expressão á acção; e tratamos de nos abaixar, temendo que, em sua ascensão, não nos desse com os tacões das botas.

Felizmente caio o panno, e o nosso homem que, de braços estendidos estava apé, ficou estatalado!

—No dia 16 teve lugar a festa de N. S. do Carmo na sua Igreja, com toda a pompa e decencia; pena é que esse dia fosse o quinto da semana, dia de serviço, em que todos estão cuidando da suas obrigações, e não podem correr á devoção, por isso foi pouco corrido o acto.

No dia 17 principiou a novena da Senhora S. Anna, e terá lugar a festa no dia 26 com procissão á tarde, portanto, avisamos as nossas leitoras para, de alguma casa conhecida; hirem ver passar a Mãe da Mãe de Deus.

Já assistimos á duas novenas. A Igreja está decenemente ornada. A musica é regida pelo *maestro* Honorato!

Não nos explicarão o motivo de haver uma concorrência immensa de moleques nos actos que se celebrão nessa Igreja!?

Hiam'o-nos esquecendo contar o melhor da festa! Foi um dialogo que ouvimos entre a *Rabeca* e o *Ofelido*. Eis-o:

Of. — Que tens rabequinha,
Que choras sentida?
Rab. — Lamento meu fado,
Sou orphã—esquecida!
Of. — E's orphã—de quem?
Quem pois te morreo?
Rab. — Meu pai *Pitingáu*,
Que a terra comeo!

Basta de massada—D'hoje á quinze dias vos contarei mais algumas cousas.

ALBUM POETICO.

A B C

Offerecido ás bellas Maranhenses.

A

Nossas patricias são
Ataoris por natureza;
Ellas são que me captivão
Ornadas com singeloza.

B

O bello cravo engraçado
Náo ns ganha em formosura,
Fica á quem do seu aroma,
Mui distante da ternura.

C

Seus cabellos fios d'ouro,
Onde brinca a viração,
Ba louçando-os levemente
Nos *causa* torna afeição.

D

Parecem filhas da terra,
Só olhando-as n'apparencia;
Mas considerando bem,
São *deidades* na essencia.

E

Risonhas, encantadoras,
Fagueiras e donairosas,
Esbeltas sempre se mostram,
Como as nossas bellas rosas.

F

Fadas são, que neste mundo,
Procurão nos illudir;
Com sua voz delicada,
Com o seu lindo sorrir,

G

Galantes, e feiticieras,
Consolão-nos na solidão;
Daõ sorrisos a tristeza,
Alegrão-nos o coração.

H

Ha entr'ellas mais formozas
Que Marilia de Dircéo,
Que de Dante a bella Laura
Como vindas lá do Ceo.

I

Dão ás lyras sonoras
Inspirações divinas,
Infundem-nos harmonia,
Que não ha na terra *iguaes*.

J

Jehovah para conforto
Da misera, humanidade,
Deu-nos anjos *joviaes*
P'ra nossa felicidade.

L

São *luzes* que allumião
Esta passagem querida,
Que nos dão mil alegrias,
Mitigando a triste vida.

M

Em geral as *Maranhenses*
São meu unico praser,
São as flores qu'embalsamão
O meu continuo soffrer.
(Continúa.)

Extasis.**1.**

E's bella qual lua formosa
Que lus na praia arenosa;
De tua rara forma gentil,
Na terra não ha um perfil,
E's bella qual sol ao nascer

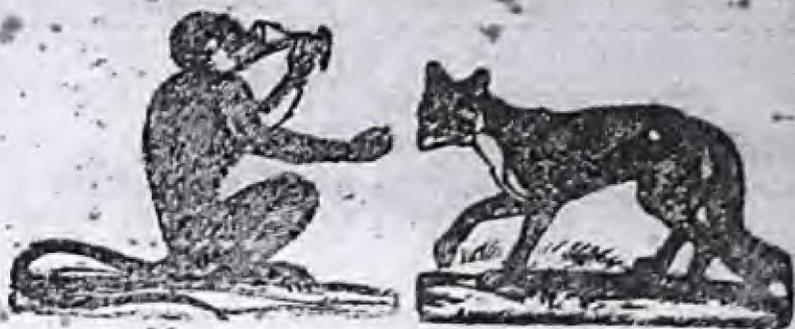
Daurando o valle profundo;
Em vão com os astros do mundo,
Te confronto sem nunca poder,

2.

Tem bem brilho o pôr-se do sal
Que parece no mar se sumir,
Mas não força tem de ferir
O coração com o seu arrebol.
Teu olhar me torna feliz,
Teu olhar me faz desgraçado;
Duvidando se sou mal fadado
Vivo, só, desditoso, infeliz.

3.

Adeus! recebe, ó formosa,
Os votos do meu coração,
Que, febril ardendo em vuleão
Vida passa a mais saudosa.

S.**Fabula.****O Mono e o Raposo.**

Sabendo certo mono que do rato
Um emprego vagára, sem recato
Ao rapozo confessa o que sabia,
Por ser amigo seu, em quem confia.
Ouve tudo o magano, e mesmo aprende
Os me os, que buscar o outro pretende,
Para o fim de alcançar o cargo honroso
Que o vai tornar fidalgo e poderoso;
Beberão á saude; mas em breve
O mono fallador noticia teve,
De que o rapozo amigo se empenhára,
E para si o emprego elle alcançara.

Cá neste mundo
Interesseiro
O egoismo
E' o primeiro.

Quando pretendão
Algun emprego,
A tal respeito
Guardem segredo.

CHARADA.

Sou cem e ainda mais um,
Sem que seja cento e um: 1
Sou de doze a quarta parte,
E de seis tambem sou. 1

Conceito.

Só me podem em alto ver,
Nunca em baixo posso estar;
Mas quem esta charada ler
Nella mesmo me ha-de achar.

*Ram.***Decifrações do n. passado.**

Do Logogripho *Diaria*. — Do Enigma Pi-
ctoresco — *Os pobres correm após da fortuna
e a fortuna após dos ricos.*

Typ. da Temperança. Imp. por J. P. Ramos.

AO BRASIL



NO DIA 28 DE JULHO DE 1857.

E's livre—campêa—domina o espaço!—
Descança no braço, teu sceptro fulgente!
E leva essa corôa qu'á fronte te cõbre—
Conheça-te o Orbe—E's **Independente!**

Menêia fagueiro tuas comas douradas!—
A fronte elevada!—não olhes p'r'o chão—
E's livre—potente—quebraste os laços—
Sacóde teus braços—não sentes grilhão!

E's livre—Senhora—e joven princeza—
As tuãs riquezas te fazem sem par!
E's moça—formosa—e bella—e gentil—
Teu ceo é de anil—te banha teu mar!

E, joven—as vetustas te prestão oblações,
Antigas nações te invejão o porvir—
Aquellas que outr'ora sorrirão vaidosas,
Sentem—invejosas—o teu progredir!

O jugo ferrenho lançaste no chão:
E's livre nação—te chamas—**Brasil!**
O nome que tinhas do povo estrangeiro,
Teu povo guerreiro achou qu'era vil—

Princeza d'America—te ostenta vaidosa—
Sê sempre orgulhosa—sê sempre só tua:
Teu mar é immenso—é vasta esta terra—
Tens fontes e serras—tens sol e tens lua!—

E's grande!—tens tudo—tens pedra e ouro
Teus grande thesouros—tens filhos valentes!
Não curves a fronte á povos alheios
Nem juntas ao seio abutres sedentes.

28 de Julho de 1857.

E's livre—campêa—domina o espaço!—
Descança no braço, teu sceptro fulgente!
E leva essa corôa qu'á fronte te cõbre—
Conheça-te o Orbe—E's **Independente!**

Vinte oito de Julho, que surges brilhante,
Meo voto insensante recebe, 'té a morte,
Ô tu que acordaste com grito estridente,
O povo dormente do *Sul* e do *Norte!*

Soldados—alérta!—que tóquem o hymno!
Repiquem os sinos!—que trõe o canhão!—
Cornêta alvorada!—tambôr com cadencia!—
Eis **Independencia** no teu Maranhão!—

Abrão-se as portas dos templos sagrados—
Te-Deum meus prelados!—incenso espargi.
Carreguem as peças!—estourem foguetes—
Respondão mosquêtes—mil vivas aqui!—

Do *Prata* ao *Amazonas* os vivão que vão,
Echôão com o Norte qu'ao *Sul* vivas leva;
E o echo—gostoso—seus vivas descanta
A' planta da matta—do prado—da selva!—

Vinte oito de Julho, que surges brilhante,
Meo voto insensante recebe, 'té a morte,
Ô tu que acordaste com grito estridente,
O povo dormente do *Sul* e do *Norte!*

R. Borba.

Numero 8.

LIBERDADE! INDEPENDENCIA!

Ao dia vinte e oito de Julho.

Com razão exultas hoje, oh! Maranhão! pois este dia, por si só, exprime o que ha de mais grandioso, o que ha de mais sublime para ti! A liberdade, que neste dia adquiriste, é o dom mais precioso que do Ceo recebeste, e nem outro poderias conseguir, que maior alegria devesse causar-te!

Havendo-nos incumbido de dizer alguma coisa sobre as occurrencias que houverão neste dia memoravel, neste dia que traz sempre consigo, para um ou para outro, lembranças mais ou menos agradaveis, temos necessidade de fazer um retrocesso, e ir buscar de mais longe alguns factos, que devem orientar-nos melhor neste assumpto, e conduzir-nos sem difficuldade ao fim que nos propomos.

Sabe-se, que o Brazil foi descoberto por Pedro Alvaes Cabral no anno de 1500, quando, navegando para a India, foi obrigado, por um temporal, á arribar á bahia de Porto-Seguro. Este descobrimento, sendo de grande importancia para Portugal, suscitou á El-Rei D. Manoel, que então reinava, a idea de mandar explorar as costas da America meridional em que estava o Brazil, e foi Christovão Jacques o encarregado desta exploração, tres annos depois. Este assentou muitos padrões com as urmas de Portugal em diversos pontos das costas, e começou o dominio portuguez. O Successor de D. Manoel, D. João III, dividio o Brazil em diversas capitánias, e fez mercê dellas á diversos particulares, que nada approveitárão, ou porque naufragárão quasi todos, ou porque encontrarão grande resistencia nos indios, naturaes, do paiz.

O Brazil era um rico *achado*, era uma mina, que Portugal não queria perder, e porisso para logo nomeou Governadores, e Vice-reis para a boa terra; e eis os pobres indios com um principio de governo, que, desde então, já dava um cheirinho de *absolutismo*. Começava já o Brazil á prosperar, quando foi atacado e investido pelos Holandezes, que se assenhoreárão delle; sendo porem expulsos, em 1654 foi administrado por governadores generaes em cada provincia, e um vice-rei na Bahia. Erão estas provincias Pará e Maranhão na costa septentrional, e Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro na meridional, que se tornárão outras tantas colonias, onde cada um *governador* era um pequeno *rei*, que só fazia o que *entendia*, no entant que o *povo* não dava um só passo no progresso e na civilisação! Systema horrível o da colonisação, systema reprovado, mas que nesse tempo quasi toda a Europa adoptava!... Felizmente já se passou; continuemos.

Depois das differentes crises por que passou Portugal, e de ter estado a corôa portugueza em mãos estrangeiras, tornou outra vez para a familia á quem pertencia por legitima successão.

Era então D. João VI, o que existia, e foi, o que recebeu a corôa. Este resolveu-se á abandonar a sua terra natal, e deixar os seus estados, e vir para o Brazil. Com a chegada de D. João VI ás praias

da cidade da Bahia á 19 de Janeiro de 1808, foram os portos do Brazil franqueados á todas as nações amigas. Em 1815 foi declarado—REINO—, até que, em 1821, havendo-se D. João VI retirado para Lisboa, e tendo encarregado o governo ao seu filho primogenito, D. Pedro, este vio-se forçado ou á abandonar o Brazil, e deixar os povos em uma completa anarchia, ou então pôr-se á testa dos sediciosos, e dar-lhes depois uma constituição. Adoptou elle este ultimo partido, e erigio o Brazil em—IMPERIO INDEPENDENTE—, sendo proclamado—IMPERADOR—no dia 12 d'Outubro de 1822, na cidade do Rio de Janeiro.

D'aqui pois dáta a emancipação dos Brasileiros, até ali olhados como *nullidades*. E como não seria assim, quando elles vivião na mais crassa ignorancia, quando só erão lembrados na occasião de servirem os seus *Oppressores*, que os tratavão como escravos? E não só isso: elles, os *dominadores*, entendiaõ—que a civilisação era só partilha sua, e que os Brasileiros não tinhaõ precisaõ de serem instruidos. Porem, bem longe vai essa epocha de malversação, cuja lembrança só deve fazer corar o Brazil, hoje tão distincto entre as outras nações civilisadas.

O dia 12 de Outubro foi um padrão de gloria para todo o Brazil, que, fazendo resoar a famosa trombeta, que só dizia—*liberdade*—, foi-se desembaraçando das faixas, em que estava envolvido, para mostrar-se tal como devia ser, tal como é, *livre e independente*.

Agora que já demos alguns esclarecimentos sobre os factos, que tem relação com o que vamos dizer, trataremos do dia 28 de Julho, que o Maranhão hoje especialmente celebra!

O dia 28 de Julho foi um echo ao dia 12 de Outubro. Os Maranhenses, conscios do que erão, e alegres por se acharem quasi libertados, quizerão dar uma prova indubitavel da sua adhesão á causa da *independencia*; proclamando-a solemneamente neste dia (*) que, entre nós, é o mais faustoso. Depois disto, e querendo firmá-la bem em todos os corações, empregaram os meios, que aconselhava a razão, meios que não erão reprovaveis, se attender-se ao espirito de *patriotismo* que então se despertou nos peitos brasileiros.

Ha algumas pessoas, sabemos, que exprobrão os Maranhenses, e lhes reprehendem os excessos que commetterão, porem injustamente o fazem, porque elles não merecem essa censura hoje, e muito menos nesse tempo... mas isto é coisa alheia ao que queremos dizer, e não nos faremos cargo d'analyzar as acções dos Maranhenses d'então; só elles poderião defender-se bem, porque tambem só elles seriaõ os unicos capazes d'isto. Nós que somos os seus descendentes, os seus patriotas, temos obrigação de festejar o dia, que trouxe, para elles e para nós, a liberdade, sem que nos estorvem outras considerações, á que não devemos dar peso algum.

Maranhenses! commemorai o dia que findou aquellô do vosso captivo velho! Maranhão! agora que és *livre*, canta hymnos patrioticos á este

(*) Anno de 1823.

dia abençoado, que te fez ver claramente, que ja eras alguma cousa! Sim: quebrados são os grilhões que te traziaõ preso ha tantos annos. . . . pedaçadas são essas ferreas cadeias que te prendiaõ os pulsos. . . . respira, respira com liberdade, que ja o podes fazer. Cada anniversario, cada 28 de Julho recorda a tua emancipação; ufana-te pois, porque razão de sobejo tens para isso.

Ah! quaõ gratas para nós não são as lembranças, que se nos despertaõ, quando pensamos, que o nosso paiz, a terra do nosso nascimento ja não se acha aviltada; que, por um esforço heroico, lançou de sobre si esse jugo de ferro, essa vontade absoluta e despotica, que mandava nelle, como se fosse habitado por um povo de vis e despreziveis escravos!

Memoravel dia 12 de Outubro, nós te saudamos! Glorioso 28 de Julho, nós te respeitamos! A' ambos, honra e homenagens!

Emfim, o Brazil reconheceo, por experiencia, que ja podia reger-se por si mesmo, sem lhe ser necessario um tutor!!!!

Um povo que vive sujeito aos caprichos de qualquer pessoa ou de qualquer outro povo, não tem vontade propria, porque a voz do seu Senhor é a mola principal de todos os seus actos, e á cujo acco não póde deixar d'obedecer. E haverá cousa mais degradante para um povo? quem poderá olhá-lo neste estado? quem poderá apreciá-lo devidamente, quando o seo oppressor, o seu tyranno o aponta desdenhosamente, e diz como por escarneo não presta? qual a nação que quererá alliar-se á este povo aviltado, vilipendiado? qual? nenhuma.

Este era o estado miseravel em que se achava o Brazil, taõ digno de melhor sorte. As sciencias e as artes nelle erão desconhecidas, porque os seus dominadores só queriaõ do seu sólo as producções que podiaõ enriquecêl-os.

Mas como conseguiriaõ isto, quando, só os naturaes, erão os unicos capazes deste serviço? portanto obrigavaõ-os á trabalhar rudemente, privando-os assim de dar um passo sequer na civilisação, entendendo que erão inaptos e incapazes para isto. Mas felismente acabou esse tempo de tanta cegueira; hoje o Brazil não è mais um menino, ja tem vontade, faz o que quer, o que entende que deve e lhe cumpre fazer.

Oh! Maranhenses! de quanto prazer não deveis estar cheios, ouvindo os canhões annunciarem, com os seus estampidos, que raiou para vós um grande dia! Exultai, sim exultai; è justo o motivo, que tendes para isso. Nós congratulámos-nos com vosco, e vos acompanhamos com os nossos vivas.

Ao bom genio que sempre presidio os destinos do nosso paiz. . . . que, sempre incansavel, velou sobre elle, quando se achava no seo maior apuro, e permittio, que ainda gozassemos a suprema felicidade de saudar este dia memorando. . . . á este pois toda a honra, á este todos os louvores sejaõ dados.

Qual de vós, Maranhenses! qual de vós deixará hoje de dar vivas entusiasticos ao dia 28 de Julho? qual de vós, possuindo peitos brasileiros, deixará de sentir palpuações violentas, commemorando a vossa liberdade? Haverá, por ventura,

povo algum, por mais rude e ignorante que seja, que não deseje festejar o dia da sua salvação, o dia em que foi arrancado do lodo, em que estava mergulhado? não certamente. Se assim é, Maranhenses, não sejamos nós o povo sem enthusiasmo, o povo sem reconhecimento e gratidão; vamos dar uma prova incontestavel da nossa grande satisfação. Alegremos-nos no nosso triumpho, e antemos, em altas vozes, este

Hymno.

I.

De Julho o dia vinte e oito
Foi um dia abençoado,
Em que o povo Maranhense
Quebrou o grilhão pesado.

Estrilho.

Viva Dom Pedro 1.^o!
Viva a Constituição!
Viva o povo brasileiro!
Viva o amor, viva a união!

2.

Quando fomos opprimidos
Soffremos com paciencia;
Hoje nada supportemos. . . .
Viva a nossa independencia.

Estrilho.

Viva Dom Pedro 2.^o
Qu'è o nosso Imperador!
Morra o que vivas não der
Ao nosso Defensor.

3.

Depois d'havermos gemido
Sob o jugo dos tyrannos;
Hoje nada mais temendo
Cantemos todos ufanos.

Estrilho.

Viva o povo Maranhense
Que—liberdade—gritou!
Viva o povo que donoso
O jugo de si lançou!

4.

Maranhenses! continuemos
A' viver assim unidos,
Para que jamais sejamos
Por outro povo opprimidos.

Estrilho.

Viva a fraternidade
Que ha entre os Brasileiros!
Morrão aquelles qu'entre nós,
Quizerem ser traçociros!

5.

Venturoso dia è este,

Pois nos trouxe a—liberdade;
Seja ella tão duravel
Como a mesma eternidade.

Estribillo.

Viva o povo soberano!
Viva o povo constituido!
Viva o povo qu'ao tyranno
Expulsou tão destimido!

C.

Maranhão 28 de Julho de 1857.

Mote.

*O que não presa a amisade
E' bruto, não tem razão.*

Gloza.

Da sociedade humana
De que é membro corrompido,
Deve logo ser banido
O que não presa a amisade.
A doçura, a f'licidade
De tão grata liação
Não sente, nem coração
Para sentir lhe foi dado:
E' misanthropo, é damnado,
E' bruto, não tem razão.

Epitaphio.

Na sepultura d'um Medico
Esta lenda se escreveu—
“—Por bem de muitos doentes
Este Medico morreu! —”

S. A. d'Azevedo.

Icatú, 2 de Julho de 1857.

Logogripho.

Como é hoje para nós
Oh, Filhos do Maranhão,
O' anniversario feliz
Da nossa emancipação;

Quero dar-vos p'ra recreio
Um logogripho mimozo,
Que vos faça recordar
Nosso estado vergonhozo.

A primeira e a segunda
Foi sempre do meu agrado,
Inda mais; s'é d'alabastro,
F'ico então apaixonado.

A terceira e a segunda
Forma d'Asia grande rio,
Com suas mil catadúpas
Só de ouvíl-as tem-se frio.

A terceira e a primeira
Animal astucioso,
Serve de brinco ás crianças
Por ser bastante engenhozo.

P'ra formar a ultima syllaba
Basta uma letra somente;
Procurai-a no alphabéto
La está, e bem patente.

O meu todo nós já fomos.
Graças á Deos hoje não somos.

Enigma.

Quem nos déra de ha muito
Ja de ti, bella, gozar;
E's tão doce como um favo,
E difficil de alcançar,

Ninguem ha propriamente,
Que te tenha bem inteira;
E quem disser o contrario
Bradarei—diz um'asneira!—

O pobre escravo, coitado!
Nem te póde ajuizar,
Pois até lhe não é dado,
Teu dôce nome expressar.

Quantos milhares de povos
Não sentem a enormidade,
Do teu peso, que esmága
Toda e qualquer sociedade!

Felizmente para nós
Ella é já realidade,
Usar della enfim podemos
Sem receio de peccar,
Nem d'alguem nos accusar
D'um crime ter commettido,
Crime de lesa—magestade.

Maranhão 28 de Julho de 1857.

ENIGMA PICTORESCO.



—e U o—na

VII

IV de

XXVIII



Typ. da—Temperança—Imp. por J. P. Ramos.

PERIODICO RECREATIVO.

Incultas produções da mocidade
Exponho a vossos olhos! ó leitores,
Vede-as com magoa, vede-as com piedade,
Que ellas buscão piedade, e não louvores.
BOCAGE.

INTRODUÇÃO.

Se a não gigante, não obstante a sua immensidade, as buliçosas ondas fazem d'ella um brinco; se a mesma rocha, não obstante a sua colossal figura, o mar encapellado vem quebrar suas espumas, e a vai minando pouco á pouco até desmoroná-la, quanto mais um monte de areia que o chuvisco desfaz!

Assim, se os grandes periodicos, se as mais habéis e aparadas pennas rompem-se, se os sabios escriptores emmudecem, o que será de nós, fracos e imberbes viajantes, que sem calcularmos o perigo em que nos hiamos emmaranhar, tentamos affron-tar as tempestades, sem fundos, sem preparativos, sem a grande mestra—a experiencia—ousamos trilhar caminhos perigosos, onde mil' genios têm succumbido?

Confossemos—o arrependimento nasceu em nosso coração, porem ja tarde, á vista da onerosa divida que contrahimos; mas, não obstante a exiguidade de nossas forças, proseguiremos, ainda que coxeando, na empresa começada, invocando para isso a benevolencia do publico, sempre prompto á relevar as faltas commettidas.

A—Estrella da Tarde—já conta 2 mezes de é muita existencia, para quem esperava a morte á cada momento.

Tantas são as difficuldades que se nos têm antolhado!

Porem é preciso ainda consultar: teremos cumprido com os nossos deveres como jornalistas?

Não sabemos; talvez seja engano; porem temos convicção de o termos feito, contorne as nossas posses permitem; se não agrada a—Estrella da Tarde—a culpa não é nossa; ella encerra todos os nossos thesouros, nella depositamos todos os nossos conhecimentos, e empregamos todos os nossos esforços e tudo quanto podemos fazer; nem o illustrado publico maranhense ha de exigir de nós impossiveis, pois elle ha de estar bem compenetrado, que escrever um periodico recreativo, que reuna em si *utile et dulci*, (conforme diz o velho Horacio) não é pouco difficil.

Não nos queremos persuadir com estas expressões que a—Estrella da Tarde—é um periodico perfeito e bem escripto; ao contrario, a julgamos muito inferior á outros muitos aqui publicados e que se publicão, visto que os seus Redactores dispõem de poucas luzes,

Cumpre-nos o dever de agradecer á todas aquil-
2 de Agosto de 1857.

Ins pessoas que se dignarão enriquecer as medio-cres paginas do nosso periodico com seus luminosos escriptos, e reiteramos-lhes os mesmos envites, como tambem aos nossos generosos assignantes, que se não tem furtado á concorrerem com o seu contingente, para a realisação dos nossos *dourados sonhos*.

Nossos agradecimentos á todos, e especialmente ao Snr. Severino Antonio d'Azevedo, que, com toda a diligencia, dignou-se acquiescer ao nosso convite, enviando-nos immediatamente as suas bellas produções, primores verdadeiros de um genio poetico, que sem duvida ha de vir ornar as paginas da nossa historia, e incluir-se no catálogo dos Dias, Magalhães, Odoricos, Mendes etc.

A' illustre Redacção da—Resedá—do Ceará, tributamos os nossos sentimentos de gratidão, pelas gratas expressões de que usou á nosso respeito, confessando-nos muito á quem do juizo que de nós forma, bradando todavia, prouvéra aos Ceos podessemos corresponder á sua expectativa.

Entramos na segunda serie da—Estrella da Tarde—por isso, rogamos aos nossos subscriptores, queirão continuar á prestar-nos a sua coadjuvação, como o tem feito até agora, certos de que ella seguirá á risca o mesmo programma da primeira, continuando no mesmo formato e gosto: aceitã-se assignaturas para ella nesta typographia á 600 rs. mensaes por 4 numeros, que se publicarão todos os Domingos: todos os negocios tendentes a Redacção deverão ser dirigidos em carta fechada á mesma typographia.

As Paixões.

Quem ha, que no decurso desta vida, no perpassar da existencia, ou no caminhar rapido e sem demora da viagem, que se faz neste mundo, que é, como um hotel, onde descancamos, para d'ahi seguirmos mais allivados á outra parte, não tenha experimentado contratempos e vendavas terribes, á ponto de, até ás vezes, chegar á soçobrar? Quem ha, que não tenha soffrido os embates e ondulações, tocado nos baixos e escolhos perigosos desse mar sempre agitado das paixões?

Nós, desde que deixamos o utero materno, desde que abrimos os olhos ao mundo, trazemos enxertada no coração essa malevola semente, que muitas vezes, á pesar nosso, germina, vinga, florece e fructifica; e se por acaso deixa olla de re-

Numero 9.

vestir-se com aquelle viço, aquella força primitiva, é porque a educação, essa forte alavánca, que destróe os máus principios, esse pharól levantado no meio do vasto oceano, que, ainda mesmo batido das furiosas vagas, jamais se apaga totalmente, oppõe-se, como um dique, uma fortaleza segura, contra os seus esforços e sua vivacidade; porem debalde, porque jamais poderá destruir a natureza; ella fica como que amortecida, semelhante á um corpo, que toca uma pilha eléctrica; qualquer centelha faz um estampido terrível, rompe as fracas cadêias, e manifesta-se com todo o seu vigôr.

Avançando isto, não temos em vista dizer absolutamente, que as paixões não se dulcificuem um pouco com o santo betume da educação; ao contrario, a sua influencia sobre os homens é grande: a semente planta-se em diversos lugares, em uns nasce, n'outros apodrece e damnifica-se, em alguns poderá sortir bom effeito, n'outros, pelo contrario, parece que as insufla mais.

O temperamento, o estado do homem, a sua vida, quer cheia de mil felicidades, quer impregnada de acerbos sentimentos, influem sobre maneira nas paixões, atéão-nas ou as fazem decrescer, conforme o gráo d'elevação ou de decadência em que estão.

Uns são fleugmaticos, outros muito calidos, á aquelles nada faz móssa, nada os perturba da sua semsaboria, estes só procurão o seu bem-estar, não se envolvem com o resto; estes, á mais simples expressão, o termo menos offensivo, até um mero gracêjo, origina disturbios, uma contenda, e muitas vezes até são causa de actos bem tristes!

O antidoto mais efficaç, o remedio que, até agora, delle se tem obtido bons resultados, é: evitar as occusões, indagál-as, conhecer-las para poder, com mais acerto e com grande cuidado, tratar de fugir ao seu impeto; porque á guiar-se por ellas, em breve abysmar-se-hião no fosso, que, á cada momento, cavamos insensivelmente.

Cada vez mais nos compenetrámos, que todo o homem tem seus momentos lucidos, conforme a sua tranquillidade, ou a sua alivez.

Temos até agora fallado das paixões em generalidade, desceremos ás suas especialidades, principiando pelo amor.

Maranhão 13 de Julho de 1857.

CHRONICA DA QUINZENA.

Xiii! ... xiii! ... xii! ... Pú! ... pú! ... pú! ... Bemdito e louvado seja o Santissimo Sacramento.

Que por Deos ser o nosso amigo, ajuda-nos no nosso intento.

Bravo! - bravo! - Viva! - viva! - Gloria! - gloria! -

Que é isto? Que é isto? Que barulho é este?!

E' a chronica que vem livre, e soberba, cheia de flores, abraçar, beijar, e cahir ao pé do heroico, brioso e nobre povo Maranhense; sim, é ella que ahí vem, desprezando os zoillos, toja requebrada, lambida, retorcida e aflautada de ternura, ajoelhar-se diante das Deidades Maranhenses, diante d'estas pombinhas de feitiços, e dizer em um tom expressivo e peitoril:

Aqui está o chronista,
Seu cachorrinho, seu gato,
Qu' é sempre seu captivinho,
Debaixo do seu sapato.

E' bom rapaz é ainante
Tem um'alma avelludada,
Tem coração de podim,
N'um peito de marmelada.

Vem pedir-vos, vem rogar-vos
Para que o acompanheis,
Nestes vivas que vai dar,
E tem fé que lhe fareis.

Viva o dia 28 de Julho!

Viva a Santa Religião!

Viva a familia Imperial!

Viva o Povo Maranhense!

Vivão as assignantes da Estrella, moças e velhas!

Viva o chronista e os seus!

Viva! - Viva! - vivô! - vivô! - Bravos! - bravos! - Toque o zabumba e os foguetes - - - rapaziada - - -

Eis-nos, entrando no mundo jornalístico, pela porta da sabida; isto é, fazendo barulho! Mas quem o não fará? Qual será o Maranhense que não sentirá um pulsar apressado no coração, quando maduramente reflectir que o dia 28 de Julho, foi o da nossa emancipação politica? - - - Bem ou mal feita, a culpa foi de nossos avós, que, senhores de um thesouro, não o souberão aproveitar, para legál-o á seus filhos! - - - Mas, em recompensa, tiverão, coitados! o esquecimento e a miseria! - - - Forão martyres duas vezes. - - -

Hoje já ninguem se lembra delles, já ninguem quer ser patriota, ou fazer timbre de brasileiro verdadeiramente! - - - O dia 28 de Julho, passou tão desapercibido como passa o dia de finados, que, só delle se lembra a Igreja, para commemorar os deluntos, e uma ou outra velha que vai chorar sobre as lages do tumulo de seus ascendentes. Assim passou o dia 28 de Julho, que só se lembrou delle o Estado, para fazer um Te-Deum e a chacha parada do estylo! Um ou outro ancião benemerito, que só, no fundo de seu coração, faz a sua illuminação, o seu banquete, e véte, á nos contemplar, lagrimas de dó, por ver que encaramos este dia como se à elles nada custasse! - - - E havemos tão bem de, impassivel, olhar para tudo isto, havemos de deixar passar em olvido este magnanimo dia? - - - Não! - - - E tres vezes salve! - - -

Ninguem nos tache de exagerados, allegando que houve illuminação no jardim e espectáculo no theatro.

Não; ahí estava o quartel, tão escuro, que se não fosse a lua, nos fazia recordar a criação do mundo antes de existir a luz! Nem uma candelinha de casca de laranja lá existia! - - - E não tem ahí sua residencia, quasi todos os bravos, senão do dia 28 Julho de 1823, ao menos de outras campanhas? Não é esse o lugar mais proprio, para recordar acções heroicas? - - -

Abstemo-nos de continuar, porque se ainda não sabemos bem apreciar o mundo, como já o queremos reformar? - - -

No nosso modo de pensar deve o chronista ser

um pintor que tire os retratos de perfil, de costas e de frente; mas como não temos pinceis finos, e só trabalhamos com uma brócha que já tem largado parte dos cabellos, nos vemos em tálas quando tentamos tirar um retrato de frente, que sempre nos fica com a ponta do nariz romba, ou com os beiços muito grossos; e é esta a causa dos nossos máus retractos, ou do desenxabimento do chronista, porem fazendo um esforço sobre nós mesmos, vamos dar uns traços da Linda de Chemouny—ou *Graça de Deos*.

Este segundo nome é para attrahir os papalvos, e ver se se pilha boa enchente, visto como o illustre cavalleiro da Rosa, Germano, no tempo da sua empresa, era o seu thesouro a *Graça de Deos*, drama em 5 actos, que foi á scena 29 vezes sempre com boa casa, tendo a habilidade de, com a fama, trazer expectadores até de Caxias!...

Mas, meu Deos! não sei para que o Sr. Ramonda ainda se cança em ensaiar novas operas!... Se é para fazer sobresahir a bella Remorini, basta o Elixir, aonde nos enche as medidas com o seu *de-gagé*—que, quanto á sua prima dona, concordamos com o juizo dos seguintes versos que nos remettêrão:

Não mais, ó minha Condessa,
Oh! não cantes por piedade,
Já te ouvi quanto é bastante,
Não cantas cousa que agrado.

Tens muito em que sobresáias,
Não te dês por offendida,
E's da Italia, tens pilheria,
E's travêssa, és mui garrida.

Ao teu dispôr mil Quixotes
Tambem tens de escudo e lança,
Que á teres qualquer aggravo,
Tomaráo feróz vingança.

Já no recto um te defende,
Outro põe-se em tal desplante,
Qual nunca Orlando sanhúdo
Arcára á sós c'um gigante.

Teu partido é numeroso,
Graças á terra em qu'estás,
Sempre foi mui generosa
Com qualquer furão lambáz.

Mas te peço, ó *diva mia*,
Presa de tantos rivaes,
Que não dês credito tanto
A' essas palmas venaes.

Oh Thesouro! ó que fizeste,
Que espolio tão fatal?
Nutrindo assim tanto vicio,
Sem pai nem mãe—*tu estás mal!* (1)

Dás bilhete á cem trapilhas,
Que, sem luzes na razão,
Cóbrem de palmas e applauso
Lugubre horrenda canção... ..

Sóffre, sóffre, ó meu Thesouro,

(1) Muito gostei d'esta pulha!

Muitos têm, qual tu, soffrido,
Dá bilhete a mil bargantes
Que sempre mil tens enchido.

Porem tu, minha Condessa,
Oh! não cantes por piedade,
Já te ouvi quanto é bastante
Não soltas canto que agrado.

Parecendo-nos ja bastante comprida a presente, e tendo de dar lugar ao seguinte aviso, guardamos a apreciação do resto para outra vez, pondo assim á modo de correspondente que não quer ter resposta—Continua.

Aviso—D. Micaëlla Lósna, faz sciente á rapaziada de bom tom, que pretende casar sua filha D. Seringuêta d'Ajudas, com o escriptor que tiver furtado mais versos, e que sáiba algumas linguas estrangeiras, vivas e mortas; e por isso, quem estiver nas circumstancias, queira apparecer amanhã ás 9 horas do dia na typographia, ou no escriptorio da chronica, junto á pyramide, casa n. 7856: a noiva dança perfeitamente toda a casta de quadrilhas, walsas, contradanças, polckas, masurkas, caxúxas, sólos e fandângos, além do miudinho, no que he refinada mestra: a mesma canta maravihosamente a ária intitulada—Morte do barbeiro de sevilha—composta pelo eximio Burgos e também do paixão: toca fagóte, clarineta, rabeça, gaita de fóles—e realêjo:—falla francez macarrónico: traduz—beatus benter—em latim, diz refestêques em inglez, faz peloticas, e entende a lingua canina: he naturalmente muito modesta, e hade fazer pouco despeza ao marido, porque come muito pouco, almôça uma gallinha assáda, e quatro chicaras de café com leite, janta duas libras de carne, e ceia pouco mais do que janta.

Quem casar com ella faz um bom arranjo, porque além de todas estas prendas, só veste uma anágoa, e tem de dote trinta contos de reis, e uma escrava muda e cêga, que lhe deixou a madrinha, como prova de sua estima.

E até d'aqui á quinze dias, sem falta nenhuma, se Deus quizer.

ALBUM POETICO

Canto do Indigena.

—Vivi, pervenimus: advena nostri,
-----ut possessor agelli
Diceret: Hæc mea sunt, veteres migrate coloni.
VIRGIL.—

I

Guerreiros amigos,
Meu canto imitae:
Guerreiros, cantae,
Contentes, comigo.

Que ja Guaxenduba (1)
Os brancos deixarão; (2)

(1) O territorio do Munin ou Icató, entre Anajatuba e Villa Velha.

(2) Jeronymo d'Albuquerque, depois da batalha de Guaxenduba em 1814.

As azas soltarão
Aos ventos ligeiros.

La vão sobre as ondas
As grandes canoas,
Cortando co'as prôas
O lago sem fim. (3)

Guerreiros amigos,
Tocae o toré
E a terra co'o pé
Dançando, batei.

II

Bem quanto em cinco mãos se contão dedos,
Por tantas vezes tinha-se c'roado
Com seus corymbos d'amarellas flores
Esse páo, que nos dá robustos arcos;
E co'o longo floreante ramilhete,
Que o vento nas ribeiras embalouça
Ataquára-mirim que nos dá flechas,
Dês que ao mundo vim.--- Oh! bem puderas,
O' Grande Manitou, guardar-me ainda
Em teu profundo seio.--- Não teria
De ver males tamanhos.---
Alli, sobre essa praia, oh! quantos! quantos!--
Guerreiros vi jazendo, vi já mortos
Em defesa da patria.--- Raio horrivel
Qu'o homem branco maneja suribando!---
Quantos parentes meus, amigos quantos
Nos reinos da morte collocaste!---
Mas eu tambem os vi, mordendo a areia
Homens brancos traídores!--- entre os nossos
Ah! com que gosto os contemplei defunctos!

Se poder tendes de jogar-nos raios,
Ao Grande Esp'rito iguaes não sois; bem vejo
Qu'a flecha vos alcança, e fere, e mata,
Como traspassa e mata
Feroz oroporé, tapir enorme.

Que dor!---qu'horrór!---que raiva!
Bem quizera morrer.--- busquei a morte!---
Os raios affrontei dos pelles-brancas.---
Meu forte braço despedio mil flechas
Que muitos delles victimas fizerão;
Mas, tódos elles forão poucas victimas
Ao furór que animava.--- dirigia
Meu vingativo braço!---

III

Minha linda Atamir, qu'eu amo tanto,
A mais guápa cunhan da minha, aldeia,
Se eu la morresse.--- n'ultimo suspiro,
O teu nome e o da patria, nomes gratos,
Tão qu'ridos de minh'alma, eu soltarin,
Como ultima oblação do meu affecto;
A' Patria, qu'amo, e á Atamir qu'adoro.---
Vem, ó minha querida, vem commigo
Dançar alegre sobre a branca areia,
Do immenso lago á borda!---

IV

Guerreiros amigos,
Tocae o toré
E a terra co'o pé,
Dançando, bater.

(3) A bahia de S. José.

Sens raios medonhos
Os brancos lançarão,
Qu'infidos matarão
Dos nossos irmãos.---

Qu'importa, guerreiros,
Se mortos eu vi;
Mil d'elles alli
Na terra jazendo?

A areia da praia
Seu sangue tingio,
Qu'irado o esparzio
O lero anhangá.

A terra que cõbre
Os restos sagrados,
Dos nossos passados
Tupá já livrou.

Da Patria a alegria,
Guerreiros, cantemos,
Depois choraremos
Os nossos irmãos.

La vão sobre as ondas
As grandes canoas
Cortando co'as prôas
O lago sem fim.

O vale dos tumulos
Seu pé não pizou,
Qu'o grão manitou
Piedoso o não quiz.

Guerreiros amigos,
Tocae o toré,
E a terra co'o pé
Dançando batei.

No antigo jazigo
De nossos passados,
Seus restos presados
Descançãõ em paz.

V

A terra, qu'os cõbre
Junquemos de flôres,
Seus altos louvores
Saudosos cantemos;
E os brancos votemos
Ao máo manitou,
Seus restos á pasto
Do negro urubú:

Icatú 18 de Julho de 1857.

S. A. d'Azevedo.

Rebus.

300 S S N Ta e 5 ppvu T 1 1857

Beclfrações dos ns. passados.

Da charada do n. 7—*Cume*.

Do n. 8—Do Enigma—*Liberdade*. Do
Logogripho—*Colonia*. Do Enigma Pictores-
co—*Viva o dia 28 de Julho*.

Typ. da Temperança. Imp. por J. P. Ramos.

A INGRATIDAO.

Assentado em uma cadeira junto ás janellas de minha casa, contemplando a magestade da natureza ao alvorecer, ouvindo os trinados de um rouxinol em uma arvore, que me ficava fronteira:— d'entre muitas cousas em que vagava o meu espirito, me veio a memoria um facto, que me contou um amigo.--- um facto passado nos arrabaldes de uma das cidades d'este vasto Imperio—facto que, me causou tal impressão, apesar de já ter decorrido alguns annos, existe todo gravado na minha lembrança.

“ Na cidade de.--- havia um pobre homem viuvo, com cinco filhos menores, a quem com seu trabalho, procurava dar uma educação compativel ás suas forças.

“ Em uma viagem que fizera á algumas leguas distante da cidade, em pleno dia, salvara a vida de um homem opulento atacado por dous sequazes, em desaggravo de odios politicos.---

“ O Snr. C... praticara aquella acção como julgando-a de seu restricto dever, por isso, apesar de pobre e dos offerecimentos do Snr. M... nunca o importunou em cousa alguma. O facto foi notorio no lugar, e o Snr. M... uma vez em sua casa, garantido pelas leis e segurança do Estado, nunca mais se lembrou de seu salvador!

“ Ao Snr. C... passado um anno, pouco mais ou menos, sobreveio uma enfermidade, que lhe foi mister fazer amputação em um dos braços ficando d'est'arte privado de ganhar o necessario para si e para seus filhos:

“ Alguns amigos aconselhavão ao Snr. C... que recorresse a bondade do Snr. M... que á vista do beneficio recebido, não seria surdo ás suas infelicidades:—mas o Sr. C... respondia, que uma voz occulta lhe dizia, que não procurasse a protecção d'aquelle homem!!

“ São presagios tolos, Snr. C... — lhe respondião muitos.

“ Comtudo, este infeliz pae um dia, vencendo a repugnancia que nutria contra o Snr. M... se dirigio a casa d'este para implorar a sua protecção:— não para si; porem para dous filhos ainda em tenra idade.---

“ Corria então o mez de Abril—era noite. e noite que não convidava a sahir-se, porque a atmosphaera bastantemente carregada de nuvens negras e espessas, promettia uma proxima tempestade, já annunciada por repetidos relampagos acompanhados de fino chuvisco.

“ A casa do Snr. M... se achava aberta e illuminada, havia ahí uma pequena reunião de amigos, por entretenimento, jogando uns e conversando outros, cada qual inteiramente satisfeito de si e das cousas. Os relampagos havião diminuido, o chuvisco ia progressivamente augmentando. O Snr. M... jogava então uma partida de voltarete, com fortuna bem favoravel, quando um escravo lhe veio annunciar que alguem o procurava.

“ Que qualidade de homem é?

“ E' um branco, meu Senhor.

“ Não é isso que te pergunto.

9 de Agosto—1857.

“ E' um branco, de jaqueta.

“ Já mais de cem vezes te tenho dito que, á noite que tenho amigos em minha casa, não gosto, que me procurem!

“ E' porque o branco está teimoso.---

“ Que o leve o diabo.

“ Olhe, que o homem está ouvindo, lhe disse um dos parceiros.

“ Amim que importa?! quem quer que é, que que me espere. E o Snr. M... continuou a jogar:—mas, a felicidade que o tinha acompanhado até ahí, ia desaparecendo rapidamente.

“ Parece, que o diabo se veio pôr de permeio nas cartas, para me acabar de ralar!! não me vem uma só carta, que sirva!

“ Não se altere, que é pior.

“ Está, por ventura, em minha mão o deixar de alterar-me, quando de proposito se me vem pro- vocar?! disse o Snr. M... levantando-se e dirigindo-se para o corredor da casa,

“ O que manda meu Snr?..

“ Vinha encommoal-o, porem.---

“ Pois olhe, que não podia procurar *melhor occasião* para, inda mais, encommodar-me, do que n'esta noite que tenho reunião em minha casa?

“ Não sabia que lhe seria encommoado Snr. M... por isso queira perdoar-me, e eu voltarei em outra occasião.---

“ Não Snr.!--basta que eu seja encommoado só esta vèz, e despache-se com presteza.

“ Snr.--- em primeiro lugar desejava saber se V. S. me não reconhece, apesar da falta, que hoje tenho, de um braço.---

“ Eu não o conheço, ou pelo menos não me lembra de o ter visto.

“ Sou bem infeliz! até n'isso—paciencia.---

“ Mas emfim diga, quem é e o que quer, por que eu não me posso demorar.---

“ Snr... eu tive a felicidade de uma vez salvar a vida de V. S. e nunca, apesar das cir...-

“ Já entendo, Vmc. soube por ahí d'esse facto, e então vem de noite procurar illudir-me?!---

“ Está perfeitamente enganado, porque eu estou bastante prevenido contra os espertalhões para me deixar enganar!!!

“ Basta Snr.!! Sabia que o Snr. M... era ingrato, mas ignorava, que levasse a ingrati- dão á ponto de dirigir insultos, a quem só deveria bem receber e melhor tratar!!!!

“ Antonio?! Manoel?! O' negros!! deitem-me este tratante d'aqui para fora!! Vem insultar-me em minha casa, em minha propria casa!!---é demais!! Ora, que o mundo esteja cheio de biltres iguaes a este, e que os governos não lancem mão de algum meio para afastal-os da sociedade?!!

“ A chuva cahia então com impetuosidade, e os relampagos acompanhados de estrepitosos trovões, se succedião uns aos outros. Era uma verdadeira tempestade;—e o Snr. C... com a raiva no coração e o desanimo n'alma, sahio de casa do Snr. M... No momento em que sahia elle d'essa casa, onde tenha ido procurar protecção, mas onde só encontrara mau tratamento, um raio despreendido das nuvens, veio sobre a

Numero 90

“cocheira do Snr. M... contigua a sua casa de morada, e destruiu todo o seu trem. O Snr. C... que n'essa occasião por ali passava, ficou de tal maneira asphyxiado, que a não ser os soccorros promptamente recebidos, teria indubitavelmente perecido; ficando comtudo com um ar aparvalhado, do que nunca mais ficou totalmente restabelecido.

“São passados 8 annos, depois d'este facto que acabo de relatar, e, ha pouco tempo, perguntando a um amigo vindo d'essa cidade, se não sabia me dar algumas informações do Snr. M... respondeo-me, que mendigava o pão quotidiano, que ficara miseravel pelas suas extravagancias, e por uma serie de infortunios, que com tenacidade lhe roubarão toda a sua consideravel fortuna.

Oh! fragilidade humana! De todas as imperfeições do homem, a ingratião é uma das principaes, senão a mais repugnante; porque o homem verdadeiramente ingrato não só falta a um dos mais sagrados deveres de honra á humanidade, como que o seu proprio character muitas vezes o conduz aos maiores attentados, por isso que, não conhecendo a dever da gratidão, o seu orgulho mal entendido o leva a commetter acções que tanto tem de infames, quanto de deshumanas. O homem feito á semelhança de um Deos que o creou, de um Deos perfeitamente bom e misericordioso, que lhe deo todas as faculdades para perfeitamente conhecer o bem e o mal, para que, fugindo d'este e praticando aquelle, se faça digno de sua bondade, tantas vezes se afasta dos principios, que nunca devera transgredir, praticando actos tão reprovados, tratando a um seu semelhante com sobrançeria e desdem, não se lembrando que n'esta vida transitoria a fortuna è caprichosa, que—hoje—a opulencia—amanhã—ameudicada!

S. Luiz 3 de Julho de 1857.

J. P.

O Ciúme.

Quanto difficil me será, jovem inexperiente do mundo, e mesquinho em conhecimentos, tratar de um assumpto tão grave, e profundo como é o do ciúme!!... Elle é um sentimento, que tem moralidade desde o mais esplendido palacio, até a derradeira, e fragil choupana, encontra-se tanto, na alma de um nobre, como na de um villão; com suas agudas e penetrantes garras dilacera o coração da sua infeliz victima: é um ornamento fatal, que Deos concedeu a humanidade, é um divertimento finalmente, que sacrifica tudo aos seus furores; elle faz mudar o homem virtuoso em um monstro de crimes... Oh! sentimento infame, vergonhoso aos olhos da existencia, crueldade da humanidade; idevos, eu vos amaldiço.

Caminha o mancebo pela tortuosa e espinhosa verêda do mundo, nella não encontra crimes, seus sonhos são livres de remor-

sos, em seus labios se vê brilhar o esplendor da innocencia, porque este mancebo é virtuoso, sua alma é formada em solidas bases... elle adora uma mulher, e faz della um idolo, que o embriaga com seus encantos, mil vezes ouve elle, desprenderem-se dos labios della, palavras de amor, juramentos de felicidade, protestos de ternura, e estas magicas palavras entornavam no coração do mancebo, toda a esperanza de aposuir, elle se torna ufano com o seu amor, deslembra-se do porvir, e só medita no presente, elle a adora com todas as pulsações de seu coração, porem ella com outro reparte os seus pensamentos; veremos já o infeliz luctando com o infernal ciúme, seu coração está abraçado de furor, em sua mente só lhe rolam projectos criminosos, e ideas de vingança, a sêde que o devora só se sacia, com o sangue de seu rival, (isto é senão succumbe á tão pungentes ideas e lança mão do suicidio) aquella alma tão bem formada, já tornada na condicção de um monstro, já a virtude lhe não brilha em seus labios porque só lhe alveja o crime, e o negro ferrete, com que está marcado... Oh! Ciúme, quantas victimas tens feito? a quantos não tens obrigado a pisar a estrada do crime? quantos dissabores tens levado ao seio de pacificas familias? quantos corações estão debaixo da fatal lousa assassinados por ti?... Grande Deos!... e a quantos não tens ministrado opunhal do assassino? finalmente, quantos infelices não teras levado a um lugar tremendo, ao cadafalço?... fazendo cahir sobre a cabeça da malfadada victima, a maldicção de um Pai querido, as lagrimas de uma extremosa Mãe; e o anthemia de seus parentes, por este lhe têr deshonrado sua virtuosa linhagem; desprezado de seus amigos, aborrecido da mulher a quem amou, oh! que horror!... que perverso sentimento!... mal haja, quem entrada lhe dá em sua alma... porem que digo!... elle nasce com o vivente, e aniquila-se, quando o somno da eternidade fecha nossas palpebras, quando finalmente se desce ao tumulo, pois emquanto um coração pulsar, girará entre elle o ciúme, visto que é um legado, que Deos concedera aos seus filhos, junto com o do amor.

F. S.

ALBUM POETICO

ABC

Offerecido ás bellas Maranhenses.

(Continuado do n. 7.)

N

Fallão dellas, porque gostão
De dous e tres namorari;

E' seu gosto, é seu recreio,
Não se as deve crimirar.

O

Qual astro no firmamento
Querein á todos fascinar;
E' a sua *obrigação*
Ninguem lhes pode *obstar*.

P

Só amantes sem ventura,
E' que tem que se queixar,
Accusando-as quasi sempre
D'as *promessas* quebrantar.

Q

Ignorão, *quantas* vezes
Dos crueis pais o rigor,
Soffrem ellas, caladinhas,
Só porque *dedicão* amor.

R

Razão de sobra ellas têm
De á muitos namorar,
Pois se um sóge do laço,
Chega um outro á se cusar,

S

Todas vivem na esperança
D'um dia poder tocar,
O alto throno qu'aspirão,
De sua *sorte* melhorar.

T

Algumas são, coitadinhas!
Cruelmente maltratadas,
Não attendem á sua fraqueza,
Sempre as *trazem* atrapalhadas.

U

Uma vez que pôdem achar
Quem lhes dê a liberdade,
Por demais tólas serião,
Desprezando a *felicidade*.

V

O ser *voluvel* entr'ellas,
Contemplo como dever,
Pois qu'os homens *variaveis*
São até se fenecer.

Z

O serem ellas *zelozas*
E' da sua *obrigação*.
Em summa eu amo á todás
De todo o meu coração.

Maranhão 2 de Julho de 1857.

A minha vida passada.

Vou contar-vos, ó leitores,
A vida que ja passei;
O bom tempo que ja tive,
O praser que ja gozei.

Ja vivi igual a um Deos,
Nada pois me affligia;
A vida que vou contar-vos,
Escutai, que principia:

Na minha terra natal
Ja amei, ja fui amado,
Ja gozei bellos praseres,
Por bellas fui adorado.

Ja fui das bellas espelho,
Ja gozei das leis de amor,
Ja chamei lindas meninas
Meu beinzinho—minha flôr.

Fui de todas muito amado,
Ja lhes servi de questão;
Ja muitas por meu respeito,
Ficarão mal, e estão.

Ja gozei da liberdade
De lindas faces beijar;
Tambem me foi permitido
Finas cintas apertar.

Ja porem que não estou
No torrão onde nasci;
Ja não gozo do qu'è bom,
Tudo o que tinha perdi.

Por essas que tanto amei,
Ja hoje sou odiado,
Sem razão; contra vontade,
Dellas vivo separado.

Soneto.

Por uma deshumana formosura,
A quem o coração tinha eu rendido;
De quem só um ludibrio tinha sido,
E a quem sempre encontrei tyranna e dura:

Carpindo a minha negra desventura,
Em ais e vãos queixumes embebido,
Pouco e pouco me tinha surpr'hendido
Em sombria floresta a noite escura.

—Ah! vem! (clamei chorando) não demores!
O' morte, o duro golpe desejado:
Põe fim á tantas penas, tantas dores!-----

Porem horrida voz sôa á meu lado:—
"Baldados são (me diz) os teos clamores,
Pois se unem contra ti amor e o fado!—"

Icatú—1857.

S. A. d' Azevedo.

Offerecida ao meu Amigo o Snr. João Benvenuto da Silva Leão por B. I. Dnrons.

Mote.

O amor que vos consagro,
E' assaz, e sem limites.

Glosa.

Passei por um campo agro,
Vi uma Deosa, á devagar,
E a ella puz-me a contar
O amor que vos consagro.

Depois de poucos momentos,
Da triste matta surdistes,
E conversando tu me vistes;
Então julguei-me infeliz

Quando um anjo vem, e diz!...
E' assaz, e sem limites.
 Belém do Pará 1.º de Julho de 1857.

—
Acrostico.

Fiquei louco e extasiado
 Ante vós—anjo creado
 Pelo sopro do Senhor!
V. da Silva.

Tão bella essa virgem que adoro,
 A quem só dediquei meu amor,
 Como bellos, eu creio, que hão de ser
 Esses Anjos, que cercao o Senhor.

Seu ar tão celeste e tão meigo;
 A sua voz modulando ternura,
 Faz par'cer que é do ceo sua essencia,
 Que da terra é somente a figura.

Haes encantos reune o seu todo,
 Qu'assombrál-os não vê se um senão:
 Se é bella, gentil e formosa,
 A candura lhe forma o brazão.

Houvera—a sonhado o grao Tasso;
 Ou o Dante, de Laura cantor;
 Por ella esquecida era Laura,
 E esquecida tambem Leonor.

Esquecêra Camões Catharina,
 Se esta fada de encantos sonhára;
 Fôra d'ella seus carmes divinos,
 Só p'ra ella sua lyra afinára.

Rivaes mil em requesta não temo---
 Rothchildes, e grandes serão;
 Ter podem mais ouro, graudezas;
 Mas amor como tenho? isso não.

Ram.

—
Epigramma.

Judas disse: fui traidor—
 E Pedro: o mestre neguei—
 Outro diz: sou peccador—
 Este: bem não pratiquei—

Assim todos neste mundo
 Se conhecem imperfeitos;
 Só a moça, por vaidosa,
 Sempre cala os seus defeitos.

C.

—
Variedade.

Eugenia B.---moça de dezoito annos, de
 uma organisação franzina e delicada, que
 trabalhava em uma casa de modas da rua
 Traversière Saint-Antoine, contáva á suas
 companheiras que ia casar-se com um mo-
 ço á quem amava apaixonadamente, e que
 lhe retribuía do mesmo modo. Convidou-

as para a bôda, cujo dia estava marcado, e
 accrescentou que esta união coroaria todas
 as suas esperanças, e que nada mais tinha
 á desejar.

Fallando de sua felicidade futura, seus
 olhos tornavão-se mais brilhantes, seu rosto
 côr de púrpura; parecia possuida de uma
 excitação extraordinaria. Levantára-se. No
 mesmo instante virão-n'a cahir com toda a
 força sobre uma cadeira, empallidecer de
 uma maneira terrivel, e deixar cahir a cabe-
 ça sobre o peito. As companheiras assus-
 tão-se, correm a segurál-a, porem Eugenia
 tinha cessado de existir. A idéa da felicida-
 de que a esperava acabava de produzir em
 todas as suas faculdades tão repentina e
 completa perturbação, que as funcções vita-
 es cessarão immediatamente. Morrêra litte-
 ralmente de alegria. *(Ext).*

—
Enigma.

Sou grande, sou poderosa,
 Sou justa e marcho direito,
 O genero humano inteiro
 Trago sempre á mim sujeito.

Eu, pela minha justiça,
 E por meu grande poder,
 Premío e castigo o homem
 Que não quer me obedecer.

Todavia----ai de mim!
 Não me vale este poder,
 Pois o homem de mim zomba
 Todas as vezes que quer.

Qu'importa ser soberana,
 Ser de todos respeitada,
 Quando o homem, pó e terra,
 A's vezes me tem por nada?!-----

Mas, ai delle! Desgraçado,
 Aquelle que obra assim,
 Porque certissimamente
 Nunca hade ter bom fim.

C.

—
CHARADA.

E' a base fundamental
 De quasi todo o vivente; 1
 Com carinhos, com meiguices
 Faz a ama ao innocente. 2

—
Conceito.

Eu quizera palavras, que d'ella dissessem,
 O modo gentil com qu' airosa dançava,
 Qu'ao vivo pintasse, pintando-lhe pura.
 Qual anjo que era, tão bella qu'estava.

Eu quizera as graças poder descrever
 Tão linda rival em perfumes de rosa,
 Banhada, e trajando tão bellos encantos,
 Qual pomba innocente ou estrella formosa.

C. J. S.

Typ. da Temperança. Imp. Por J. P. Ramos,
 rua Formosa.

NECESSIDADE DO AUXILIO MUTUO.

A dependencia em que vive o homem na sociedade, a lei que o obriga á prestar ao seu semelhante o auxilio de que carece, para d'elle receber em identicas circumstancias a mesma cousa, são a base mais solida, o alicerce mais seguro em que se assenta a humanidade. Algumas vezes quer o homem eximir-se do cumprimento destes deveres, e defacto exime-se, e até esquivá-se, pretextando ou uma ignorancia estúpida, ou affectando uma indifferença peccaminosa, porem então elle é arrastado insensivelmente, e contra a propria vontade, á praticar o bem, e elle o pratica. Nem se diga—que este ou aquelle, na presença do infortunio, quando a desgraça bater á porta do seu irmão, deixou d'estremecer, ouvindo a sua voz implorar protecção. . . . não; o homem não é fêra, e ainda sendo condigna a comparação, não se pôde arguil-o desta forma, porque as feras tambem amão, as feras lamentão, as feras chorão e sentem o seu e o alheio infortunio.

O homem nasceu para o bem; è facto incontestavel. Se o descarreiro do nosso primeiro Pai, se a sua desobediencia trouxe para si e a sua misera posteridade o amor ao peccado, a deferencia pelo vicio, todavia não privou o homem de pensar na virtude e praticá-la. E' verdade, que nem sempre acontece assim, mas por isso mesmo não se deve arguir o homem, e antes lastimal-o, por ter posto em esquecimento aquillo que pôdia fazê-lo feliz.

Apenas o homem abre os olhos á luz, logo esbarrá de frente com este grande e bello panorama, cuja só perspectiva o assombra, e como que o deixa fascinado. Quando as suas faculdades se vão desenvolvendo, começa elle, pouco e pouco, á apreciar devidamente, o que até alli para elle fôra um enigma, que só admiração lhe havia causado.

Então começa a conhecer tambem as misérias e privações porque tem de passar; já entrevê, que a sua vida tem d'escoar-se, sempre rodeada de mil e mil obstaculos, e d'antemão, se vai preparando para a luta em que hade entrar.

Não é sem grande recêio, que elle encára todas estas cousas, não, sem uma violenta agitação que elle pensa na sua longa peregrinação; e então, como que prevenindo o mal, que, ainda não lhe chegou, mais que pôde vir á cada momento, principia á pôr em pratica o meio, que elle entende ser mais effcaz, para conseguir o seu fim. Quem sabe, se a sorte lhe será adversa? quem pôde assegurar-lhe uma felicidade permanente? Ninguém.

A natureza neste caso vem em seu auxilio, e é a primeira á arrastá-lo, ainda mesmo contra a sua vontade e á impellil-o á obrar deste ou d'aquellle modo, e, ai d'elle! se não obedece á esta voz interior! A natureza recorda-lhe, que elle tem deveres á cumprir, e brada-lhe ao mesmo tempo, que, do cumprimento destes deveres, emana a sua presente e futura felicidade. . . . e o que faz o homem? . . . Não sabemos.

Agora ser-nos-ha permitido fazer uma pergunta: Qual será o motivo que obriga o homem

16 de Agosto—1857.

á obrar desta ou d'aquella sorte? Queremos dizer: Quem obriga, ou o que obriga o homem á soccorrer o seu semelhante em necessidade?

Eis uma pergunta bem facil, a qual tem-se dado muitas respostas, o que tem originado grandes disputas. São tantas as opiniões, e tão diversas, que, não se tem podido chegar á um accordo unanime. Não nos occuparemos em apresentá-las, não só porque não ha espaço, como porque importa pouco ao que queremos dizer. Somente nos limitaremos á expender a nossa humilde opinião, e com bastante receio o fazemos, pois quem sabe se aceitaremos? . . .

Não diremos, como alguns, que o homem deve seguir a natureza cegamente, porque só ella pôde guiá-lo como mestra, e tambem não impugnaremos.

No primeiro caso ficaria tolhida a liberdade, (o que seria um grande mal); e no segundo, o homem necessariamente se havia precipitar. . . . Porem já nos temos afastado muito do fim, que nos haviamos proposto, portanto, bom è, que tomemos o fio do nosso assumpto.

O preceito que Jesus-Christo dêu aos homens, foi este: *Não faças á outro o que não quizeres que te fação*: preceito negativo, que pôde reduzir-se á este affirmativo: *Faz a outro, o que quizeres, que te fação*.

Ora, por este preceito deprehende-se, que existe uma lei obrigatoria para o homem, e a qual elle não pôde deixar d'obedecer, sem incorrer em uma grande pena. E não só a lei: o homem não pôde eximir-se de fazer bem ao seu semelhante, porque, relacionado na sociedade, cumpre, que elle assim obre, e não d'outra sorte; se elle não o fizer, certamente não adquire *jus* á ser bem tratado, e á receber beneficios.

Consequentemente; o homem presta auxilio aos seus semelhantes em virtude d'uma lei, quer seguindo os impulsos naturaes, quer não seguindo.

Importa muito, que os homens nunca esqueçam estas maximas saudaveis, que ensina a religião do divino Fundador do Christianismo; urge a sua observancia, porque só assim se poderá manter em equilibrio a sociedade humana, pois é a melhor e a mais forte columna em que pôde sustentar-se.

Talvez ainda continuemos á tratar sobre a mesma materia, e então procuraremos desenvolvê-la com melhores argumentos; por enquanto basta o que havemos dito, posto que o fizemos com bastante concisão.

Maranhão 5 de Agosto de 1857.

CRONICA DA QUINZENA.

Quando, deixando os coeiros, traspozemos o limiar dessa grande porta, que conduz o homem para esse rebuliço, que se chama mundo, nos julgamos para logo um verdadeiro dictador; quizemos reformar tudo e desfazer aquillo que nossos antepassados com bastante experiencia e aturado traba-

Numero 11.

lho fizerão; para logo nos julgamos grandes e sabios. Se pretendemos todavia ser sapatteiro, ou seguir qualquer outro officio, mister faz-se, que demos alguns annos ao mestre, até que saiamos bom ou mau official. Porem, parascriptor não é preciso nada disso, basta saber soletrar o b a ba, para querermos zoilosar tudo, e censurar as produções alheias. Porisso não nos admira, que a nossa chronica tenha servido de bigorna a certas linguas, e até causado encommodos a um de nossos redactores. Porem temos bastante energia, e não nos envergonhamos dos nossos escriptos, podem, que não tenham sal, mas exprimem o nosso pensamento, e não offendem a moral publica.

Queremos a coadjuvação do publico Maranhense, queremos a codjuvação de todos em geral: mas, se por acinte a nós deixardes, meus *maffristas*, de serdos nossos assignantes e de acremente censurar-nos como fizestes, por termos na nossa ultima chronica justamente mostrado a nenhuma habilidade da Sra. *Maffei*, não penseis, que com isso fareis baquear a Estrella da Tarde, não, porque a maioria dos habitantes da bella provincia, que se chama Maranhão, reconhece a verdade de nossas expressões, sympathisa com a nossa causa: e não será meia duzia de homens, que, como vós, vivem apaixonados, não pelo merito, mas sim pela *beleza* da velhusca *Maffei*, que nos hade supplantar! E de mais, que interesse nos tem trazido a presente companhia Ramonda? nada mais que desgostos para muitas familias, e quem sabe ainda o que acontecerá?---

Dizei-nos, não é verdade, que uma polemica jornalística existe entre tres individuos, por causa da condessa *Maffei* e companhia Ramonda? Dous pais de familias não estão sendo processados por causa da mesma companhia? Uma autoridade não o está também pelo mesmo motivo? Uma outra não tem feito cousas e loisas, chegando á ponto de não querer que nos ensaios o regente da orchestra ria-se, por dizer ser acinte a illustre condessa? Não está satanaz solto, que tre condessa? Não está satanaz solto, que treduellizar tudo, por isso mesmo?----

Santa Barbara! S. Jeronimo!... Não é com vosco, caras leitoras, que estamos fallando, não, porque sabemos que, quem tem um coração de pomba como vós, não faz guerra a gasetinha dos rapazes, e muito principalmente, porque nesta gasetinha sempre se falla em amor, e nas bellas leitotas santas que tem seu oratorio no coração do chronista.---

—Abriu de par em par as suas portas no dia 2 do corrente o Tivoly, apresentando tão sómente como novidade a mudança de preço, isto é, para mais. Dizem que, como não tinha nada de novo a ver-se, e desejan-

do a directoria dar alguma novidade—augmentou o preço! Não foi mal pensado; mas as bixas não pegarão, porque esteve pouco concorrido, não obstante a illuminação prometida para festejar o dia 28 de Julho.

Explicar-vos, o que é Tivoly, seria trabalho perdido, porque não ha ahí quem ainda não tenha visto, e passado algumas horas debaixo das mangueiras do salão de Flora. E' gostoso quando o vento verga os ramos das fructiferas arvores, e que vem segredar nos ouvidos das nossas leitoras, por debaixo das fitas do chapelinho ou coifa, que muito se parecem—é mesmo bom, é ouro sobre azul, se de mistura com tudo isto de quando em vez se recebe um olhar terno e escapa do imo do peito um suspiro, que vai perdido cahir aos pés do chronista, que para logo o apanha, e guarda-o, para fazer uma collecção, no caso dos donos não os irem buscar, pagando as alviçaras, bem entendido, tanto que já temos vinte bem guardadinhos e acondicionados, na nossa caixa de segredos.

Ah! leitoras, se possivel nos fosse ahí sentados, tendo em punho não uma lyra, mas um violão bem afinado, e cantando certas chulas brasileiras; duvido que, não cahisse logo dos seus fios de têas de aranha, essa companhia lyrica, que todos a uma voz gritando dizem que não valia um cruzado á vista da eternidade!

A illuminação, que nos apresentarão, cuja fachada muito se assemelhava com a fonte do Apicum; era um verdadeiro epigrama, porque até, segundo dizem, a effigie não era do nosso adorado Monarcha, e sim de algum que entre nós reside, nós vimos que, se parece com esse alguém, mas pode ser que o imperador também se pareça com elle—porque nós, pelo que temos visto, nos parecemos com o Imperador da Russia. Quando romperão as cortinas, e que se fez patente a effigie, não houve uma voz que gritasse—viva o Imperador! não obstante lá estar muitos funcionarios publicos; mas a causa foi a nenhuma semelhança do retrato. Ah! Srs. empregados publicos VV. SS. comem o dinheiro, e não dizem Viva o nosso patrão! Bem fizemos nós, que gritamos, Viva o chronista! toda a vez que o podemos fazer.---- Mas em recompensa tocou-se o hymno, e os foguetes fenderão os ares.----

Sr. director, porque havia de consentir em escrever-se Imperio com—J—!?! Pois para não cahir n'outra fica demittido do referido cargo.

Os carunchosos e já vetustos brinquedos estiverão as moscas, não obstante o trabalho, que teve a directoria de os pulir e pintar, bair e envernizar.

Adeos, até d'aquí á quinze dias.

Variedades.

Certo dominicano pregava n'uma villa de Hespanha, e o seu thema era — O perdão das injurias—A sua eloquencia era tão persuasiva que, não obstante os prejuizos em contrario, os odios cessarão, as inimidades acabarão e succederão-se as desculpas reciprocas e a concordia. Um frade Bernardo perdoava em voz alta o odio que sempre tivera á sua ordem os Bontos; uma rapariga perdoava ao amante a nodoa, que lançara na sua fama, publicando certas particularidades: um corregedor, personagem grave e barriguda, declarava não ser já inimigo de certo poeta, que em um de seus escriptos lhe chamára tonel ambulante; um official reformado perdoava a certo capitão das guardas o insulto que lhe fizera, dizendo, que elle não possuia cousa, com que sustentasse a dignidade dos bigodes. Emfim, no meio do enthusiasmo, e da ternura geral, uma mulher atravessa a multidão, e exclama—Eu perdoo a morte de meu marido!—Então uma sua comadre, atemorizada, lhe pergunta afflicta—Como? assassinarão-no!?—Quando?—Não, responde a contricta mulher, eu perdoo a quem o matar!

Um frade Bernardo pregando sobre as maravilhas da criação, depois de ter por algum tempo fallado da superioridade do animal irracional sobre o homem, relativamente á gratidão, rematou o seu thema com o seguinte argumento “Se olharmos para os perús, e gallinhas veremos que, nunca bebem uma só pinga d'agua sem levantar os olhos para o Céu, em signal de gratidão. Oh! assim fossemos nós todos perús, e gallinhas!”—Ao que um dos circunstantes respondeu:—Amem!----

(Extr.)

—○○○—
Incerteza.

No occaso se sumia
O rei dos astros—o sol;
Nos montes só reflectia
Opaco e triste arrebol;
Nuvens agglomeradas
Tornavão o orbe sombrio,
Fugião as aves geladas
Pelo Noto horrendo e frio.

Eu sozinho então scismava,
Scismava no meu amar;
Quanto mais me abysmava,
Mais achava em que pensar:
Pensava, se a esta virgem,
Senhora do peito meu,
Do meu scismar ad origem
Me daria o peito seu.

Pensava, se esse Archânjo,
Obra prima do Senhor,
Poderia sendo Anjo,
Dar amor ao peccador.
E incerto ásós dizia—
Amará ella tambem?
Ess' Anjo de poesia,
Já torá amor a alguém?

Ou é estatua de cõra
D'algum habil esculptor,
Que a tudo sobrancoira
Não soffra—não tenha amor?
Indo contar a paixão,
Que meu peito tem por ella,
Batorá seu coração,
Sorrirá a virgem, bella?

Do seu sorrir mavioso,
A frase não entendi;
Seria riso amoroso?
Não pude—não traduzi.
Quem sabe, se essa donzella
Amor n'outro igual ao meu?
Quem sabe, se essa estrella
Me dará o brilho seu?

Quem sabe, se seu pudor
Lhe impede dizer, que ama?
Quem sabe, se com valor,
De seu peito occulta a chama?
Quem sabe, se o peito della,
E' captivo como o meu?
Quem sabe, se essa bella,
Me dará o peito seu?

Se me amas, virgem minha,
Vem sem susto me dizer;
Es de meu peito rainha,
O que tens tu à temer?—
Vem depressa—vem correndo,
Aos braços do teu amante;
Que em vindo, vens trazendo,
Ledas horas—doce instante!

Mas não, que o peijo de virgem,
Te obriga a muda ficar;
O pudor, a honra exigem,
Deves pois, sim te calar...
Eu sou, quem correndo devo,
O meu amor confessar-te;
Mas oh! céos! eu não me atrevo
Temo offender-te—zangar-te.

Temo perder-te, contando,
Se meu amor te offender;
Temo perder-te, calando,
O meu cruento soffrer;
Temo, que dos labios teus
Sequem os risos para mim;
Temo, que os affectos meus,
Tragão martyrios sem fim!

Incerteza, tu me matas.
E contigo o meu amor;
Incerteza, tu maltratas,
Ao triste, incerto amador;
Incerteza insuportavel,

Me farás louco morrer;
Incerteza infatigavel,
Eu não posso emfim viver!

R. Borba.

FABULA.



O Carneiro e o Lobo.

Contão, que o Rei Leão se achando idoso
Por ser de seus vassallos cuidadoso,
(Honra lhe cabia, em dobro, que a memoria
De taes Reis é mesquinha nesta historia)
Quiz junto do seu throno um ajudante,
Que fosse dos quadrupedes amante.
Para acertar na escolha pertendia
O Carneiro escutar, que bem servia.
Logo a noticia sôa, sem tardança
Cada qual busca por-se na lembrança
Do bicho conselheiro. Este risinho
Excellencia lhe da; outro em seu sonho
O vio de sceptro e c'roa; e o Lobo o chama
De todos o mais intimo qu'elle ama.
Pasmado o tolo fica e tudo ongole;
E porque é de natura um tanto mole,
P'ra conservar do Lobo a sympathia,
Ao velho rei o offerta e não esfria,
Em quanto no poleiro não colloca
O velhaco que o fez comer a moca.
Ministro, o nosso Lobo, ai! do Cordeiro!
Pois do banquete foi prato primeiro.

São bons amigos
Quando dependem
Se dependemos
Só nos offendem.

Metagramma.

Com seos quatro pés, se é grande
Oh! que festas! que alegria!
Soe o bronze, os echos gemaõ;
Haja brodio, haja folia!

Vezes uma, duas, quatro,
Até seis será trocado,
E depois de tanta troca
Eis aqui o resultado:

Da primeira, quando quente,
Guarda Deos o teo costado;

A segunda é mui pequena,
P'ra navios ter abrigado.

A terceira nas viagens
Não se pôde dispensar;
A quarta está tão perto:
No sapato se ha-de achar.

Na quinta é onde se deve
Ter-se muita educação.
Da sexta e mais um pé
Deos nos livre, é um apertão!

Quem adivinhar tudo isto
Ganha um habito de Christo.
Ram.

CHARADA.

Sou do reino vegetal.
Em todo o mundo estimado, 1
Posto qu'em longinqua terra
Eu tenha sido gerado.

Eu sustento um edificio
Uma obra de primor; 1
Sou fraco, mas assim mesmo,
Eu sustento com vigor.

Procura entre os artigos
Que lá me encontrarás, 1
Se acertares, leitor,
Decifrado me terás.

Conceito.

Os homens gostão de mim,
E têm razão de gostar;
Porque eu sendo pequeno
Os grandes posso guardar.

C.

Decifrações dos ns. passados.

Do *Rebus* do n. 9—300 e 65 dias tem um
anno.—Da *Charada* do n. 10—Pipino—Do
Enigma—Consciencia.

RECTIFICAÇÃO.

A numeração do jornal ultimo está errada—em vez de ser numero 9 é 10. Os nossos Assignantes queirão desculpar este e alguns erros mais que pela ventura commettermos.

Typ. da Temperança. Imp. Por J. P. Ramos

Enigma pictoresco.



DA C A



-Ro +  - se : A T

A AVAREZA.

A avareza é um vicio, que corrompe o coração do homem; e lhe obsta amar o seu Creator; é segundo um autor sagrado: uma idolatria. E certamente, sendo a avareza o amor desordenado das riquezas, o nosso coração inclina-se facilmente ao objecto, em que fazemos consistir nossa felicidade; e por tanto affasta-nos do culto sincero, que devemos tributar a Deos. Deos quer, que nós o amemos sobre todas as cousas, de todo o coração e com todas as nossas forças; que não accumulamos riquezas se não no Ceo, para que, aonde estiverem os nossos thesouros, para ahi se dirija continuamente o nosso coração. Ora os avarentos, que curam somento de enthesourar riquezas mundanas, não podem separar dellas, por um só instante, os seus pensamentos para eleva-los a Deos, como podéraõ ama-lo, elle que não admite divisaõ alguma no coração humano, que o quer todo para si?

Ah! quanto são infelizes os avarentos, que não conhecem outro Deos se não as riquezas!

Para elles a riqueza é tudo, fazem consistir n'ella toda a sua felicidade, amaõ-na, adoraõ-na; temem tocã-la, suppondo que se hade acabar immediatamente: negaõ esmola ao mendigo, que estendendo suas mirradas e tremulas mãos pede-lhe uma migalha de pão para saciar a fome, que o devora.

Miseraveis! que não sabeis que em um instante podeis ser arrebatados, pela morte! e então de que vos servirão vossas riquezas, quando tiverdes de dar contas restrictas á aquelle a quem desconhecestes e deixastes de amar?

Quão differente não será o estado dos avarentos, depois da morte! então serão elles julgados com toda a justiça de um juiz recto, e punidos com a severidade do Deos terrivel a quem elles deixarão de amar, como elle exige. O avarento, diz o Ecclesiastico: vende sua propria alma; e é por esta razão, que S. João Chrisostomo, tinha tanto horror a este vicio attribuindo a entrega de Jesus Christo, a venalidade de seu discipulo Judas. A avareza acarreta o homem para a borda de innumerables precipicios, e muitas vezes chega a lança-lo dentro, torna a sua alma insensivel e esteril como os desertos arenosos da Libia ardente ou os montes de gelo da frigida Laponia. Uma desgraça contada em sua presença não lhe faz mossa alguma, parece que, lhe estavam fallando dos seus cabedões, pois só nelles é, que tem encerrado os seus pensamentos. O avarento, não obstante suas grandes sommas, é ainda mais desgraçado do que o proletario, que ainda mais desgraçado do que o proletario, que adorme e acorda de manhã sem encontrar um vindor com que mande no assougue ou á praia, por tem que aquelle, tendo muito, comtudo não se anima a tirar um real, temendo não desfaltar, ou mesmo que o dinheiro se evapore, quando elle tor abrir a pesada burra, e este, pelo contrario, só espera, que vencida a semana, possa receber a paga do seu trabalho, para com ella sustentar-se, e dissipada que seja, elle não tem mais nada em que maquirar, e não continuar para receber igual somma.

O avarento é um ente abjecto e desprezivel, indigno de ser contado no catalogo dos homens.

M. J.

UM CONTO DE INFANCIA.

Branca-flôr.

Até a idade de 12 annos gostei muito dessas historiazinhas, que se chamão da Carouchinha, a qual (fallando verdade) nunca conheci, mais tambem pouco importa isso. As escravas de minha casa, entretinhão-me e as mais creanças com esses contos, entre os quaes agradava-me principalmente um, que era a historia de—Branca-flôr, porque achava muito bello, e talvez que ainda me pareça o mesmo, quem duvida?! Quereis, leitoras, que vos conté esta historia? Pois bem, ouvi-a; porem desde já previno-vos, que não tomo sobre mim a responsabilidade da veracidade dos factos, que vou narrar. A tia Michaella (*) que era quem m'a contava, asseverava, que tudo era verdadeiro, e por tanto, se não fôr, ella que soffra a censura, e carregue com toda a culpa.

Agora vamos á tal historia.

I.

Havia um rei (**) (não sei de que reino) que tinha um filho muito bonito, e dotado de excellentes qualidades: chamava-se Cassino.

Era elle um principe tão formoso, que não tinha moça alguma que, vendo-o, não o desejasse immediatamente para marido; e até pedião algumas a Deos, que lhes fosse favoravel e propicio neste negocio. Com tudo este principe, não obstante a sua grande formosura e mais perfeições naturaes, possuia um grande defeito, que era ser—jogador.

As immensas riquezas que o rei seu pai accumulava, erão pouca cousa, porque Cassino dissipava tudo com a maior promptidão.

Quando, por ventura, precisava de dinheiro para alimentar o seu vicio, e não o tinha, empenhava todas as suas joias ou as vendia, e o seu producto consumia elle nas casas, de jogo que frequentava diariamente; e se já não tinha o que vender, contrahia immensas dividas, as quaes erão solvidas por seu pai.

Ora este rei, triste e pesaroso pela conducta reprehensivel do principe, havia procurado todos os meios, para acabar com aquella paixão tão funesta, porem tudo era em vão, pois Cassino tornára-se incorrigivel, e até indomavel.

Os desgostos do rei já erão conhecidos de quasi todos os seus vassallos: os seus cortezaõs e ministros o aconselhavão, que mandasse o principe viajar, afim de ver se se conseguia cural-o d'aquella paixão fatal; porem o rei que o amava extremosamente, nunca quiz consentir n'aquella separação, para a qual não se achava preparado. Entretanto Cassino gozava plena liberdade, e não se esquecia um só instante do jogo.

Um dia que elle foi á uma casa de jogatina, bem sua conhecida, succedeu perder todo o dinheiro,

(*) A tia Michaella era uma mulata já velha, a qual nos dizia estas cousas boas.

(**) Nunca a tia Michaella começava as suas historias d'outro modo; era sempre: *Havia um rei ou uma rainha, havia um principe, um conde etc.*

que levava consigo, e ainda enormes sommas sob palavra, dizendo depois ao seu credor—que fosse á palacio para ser pago. Entendia elle—que o dinheiro do jogo era o mais privilegiado, e porisso, não tendo com que satisfazer aquella quantia, apresentou-se ao rei, e disse-lhe, Senhor, meu rei e pai, eu sei que erreí ainda desta vez, indo contra os vossos dictames, porem o mal está feito, e peço-vos, que me tireis do apuro em que me acho, pagando isto (e mostrou-lhe a conta.)

O pobre rei empallideceu, quando viu a enorme quantia que ia despender. E voltando-se encolherizado para seu filho, perguntou-lhe: Que significa isto, Cassino?

—E' o que vedes, meu pai; perdi toda essa somma no jogo, e peço-vos, que a pagueis, porque eu não tenho, com que o faça; e se o não fizerdes, não sei, o que farei, pois ficarei desacreditado.

Ide-vos, Cassino, e mandai vir o credor; eu desejava que seguisseis os meus conselhos, porem como não quereis.---

Cassino voltou para o seu quarto, e d'ahi á uma hora estava presente o seu companheiro de jogo, de quem era devedor, e o enviou ao gabinete do rei, que, neste momento se achava sozinho. Com effeito, este solvou a divida, porem ficou muito triste, pois via o perigo imminente do seu filho.

Mandou que viesse este infeliz principe á sua presença, e reprehendendo-o asperamente, o ameaçou d'encerrá-lo em uma estreita prisão, onde viviria incommunicavel. Cassino pouco ou nenhum caso fez desta admoestação, e continuou á levar a mesma vida.

Assim decorreu algum tempo, durante o qual nenhuma cousa notavel houve na sua conducta, até que, um dia, achando-se em uma reunião, onde estavam congregados os mais afamados jogadores da terra, travou uma grande altercação com um delles, á ponto tal, que a policia foi forçada á intervir, pois os contendores já tinham passado das palavras ás vias de facto, (***) e a desordem já era quasi geral entre os sujeitos frequentadores d'aquelle estabelecimento, que outra cousa não era senão uma casa de jogo.

Presos, Cassino e o outro brigador, fôrão immediatamente conduzidos á prisão, e no dia seguinte á casa do Commissario. Por mais, que o principe protestasse e dissesse, quem era, não lhe serviu de nada, e por isso resignou-se ao seu destino.

Chegando perante este magistrado, que logo o reconheceu, Cassino, disse-lhe em tom irónico: Com effeito, meu Commissario, tendes uma policia vigilantissima.--- Bem vai o rei, pois tem soldados da tempera destes dous camaradas que me fílão.---

—E onde, se achava V. Alteza quando foi preso? perguntou-lhe o Commissario.

—Eh! meu charo! estava em certa casa prohibida.--- porem mandai-me já embora, pois não

(***) Perdoem, leitores; a tia Michaelle não sabia a linguagem dos termos; ella queria dizer, que das palavras com que ambas se injuriarão, passaram á dar pancadas um no outro.

quero ser visto de toda essa gente que por ahi anda.---

—E' V. Alteza o culpado. Bem, Senhor, ide para palacio, o eu vou fazer a minha participação á El-rei.

—Como quizerdes, Commissario; mas.--- sempre vos digo, que obrareis melhor d'outra sorte.--- replicou o principe.

— Não posso; é este o meu dever, e heide cumprir-o.

—Pois bem, concluiu Cassino, fazeis muito bem; e retirou-se.

O Commissario não se esqueceu de dar parte ao rei do que havia occorrido, e este mandou que o principe viesse logo ter com elle. Cassino não se demorou em cumprir esta ordem, pois já contava com ella; e como d'antemão se havia preparado para responder a todas as perguntas que o rei lhe fizesse, não estranhou encontrar seu pai com aspecto tão carrancudo.

C.

(Continua.)

Variedade.

Os casamentos de conveniencia.

Na pequena villa de X., conta o *Jornal do Havre*, era de festa o dia 29 de Dezembro, porque se celebrava o casamento da menina Eugenia D.---, filha de um fabricante d'aquelle logar, com o Sr. Carlos X abastado negociante de Pariz. Tinhão-se distribuido esmolas em dinheiro, e em generos pelos necessitados da villa, todos os industriaes tiinhão estado entretidos durante quinze dias com os preparativos nupciaes, e todos os homens notaveis da villa havião sido convidados para a boda. Ora este consorcio, á semelhança dos que tem logar em certas classes, era um casamento de conveniencia, isto é, todas as questões relativas a posição, interesses & forão estudadas cuidadosamente por ambas as partes. Uma só se esquecera, era a de mutuo affecto, que em regra, se considera como a mais insignificante; assim é que nessas bodas todos andavão alegres e satisfeitos, excepto a noiva.

A boda fora esplendida, tanto na (mairie) como na igreja; á mesa houve a maior expansão de contentamento; e a festa rematou com um animadissimo baile; em fim tudo promettia um consorcio auspicioso.

Durante o baile um criado participou ao noivo que um mancebo lhe desejava fallar para negocio urgente. Logo fôo ao seu encontro persuadido de que se demoraria apenas alguns minutos; porem tal fôo a demora, que não tornou á apparecer. Entretanto o baile continuou; os convidados forão-se despedindo da noiva e da familia, até que os doizarão sós e bastante desasocogados com a ausencia do noivo.

Como elle não apparecia, sahirão diversas pessoas em procura delle, tratando de informarem-se por toda a parte, acerca do seu desaparecimento: forão porém baldadas estas diligencias, e portanto todos forão repousar das fadigas e agitações da boda.

A noiva estava no aposento nupcial; tristissima solidão n'um primeiro dia de nupcias! Masahi descobriu a causa do extraordinario desaparecimento do marido.

Sobre um velador achou um embrulho, e sobre o embrulho uma cartinha que lhe era dirigida e nos seguintes termos:

"Senhora—Se desposando-a, eu não tinha o direito de exigir da senhora um amor impossivel, porque mal nos conheciamos; esperava ao menos encontrar um coração virgem, que me lisongeava de conquistar. Acabão porém agora mesmo de me entregar uma collecção de cartas suas, nas quaes vejo, que se me deu a sua mão, mas que a outro ficarão pertencendo a sua alma e o seu affecto.

"Não quero, senhora, acceitar semelhante pacto e como ja não posso desatar os laços que nos unem, ha apenas algumas horas, desejo ao menos protestar contra elles com a minha ausencia, e a sua primeira noite nupcial será a primeira de uma viuvez, que só acabará com a vida de um de nós.

Adeos senhora, adeos para sempre.

"Carlos X.---

No dia seguinte a casa do abastado fabricante, onde poucas horas antes reinava a mais expansiva alegria, estava submersa na maior afflicção. A noiva fôra encontrada morta, por asphixiação. Ao pé do maço das cartas que a condemnarão, o na propria cartinha, que Carlos escrevera antes de ausentar-se, traçara ella como resposta as seguintes linhas:

"Senhor.—A culpa foi minha, por tanto a separação só a mim pertence, e dou-lhe a unica que posso dar-lhe: restituo-lhe a liberdade, cortando esse laço que nos ligava, e morro pedindo-lhe que me perdoe.

"Eugenia D.---

(*Extr.*)

CORRESPONDENCIA.

ILLMS. SRS. REDACTORES.

No dia 19 do corrente mez, em regozijo do anniversario de minha primeira filha, a que todos appelladmos *Chonchom*, reuni em minha casa pequeno numero de meus amigos para comigo passarem este dia, para mim tão grato; e entre esses amigos houve um, cujo nome callo, por me ser pedido, que levou a sua amizade e ponto de offertar a essa minha querida filha, e no momento do jantar, uma joia, para mim de subido valor pela occasião, a pes-

soa a quem foi dada, acompanhada das seguintes breves e bellissimas quadras. E porque não pudesse na occasião patentear a esse amigo todo o meu reconhecimento, peço-vos a publicação das referidas quadras, com o que pretendo mostrar, quanto me penhorou tal lembrança e offerta. Enco'escolha do vosso jornal, porque, pertencendo elle exclusivamente ao Bello Sexo, entre elle, aquellas que forem mães, poderã apreciar o quanto tal offerta me penhorou, por que só um coração de mãi sabe comprehender o amor dedicado a uma filha.

João Climaco Lobato.

Poesia—que acompanhou a prenda offertada á innocente *Chonchom* no dia de seus annos,

Acceita *Chonchom* mimoso,
Por tuas graças gentis,
A prenda que te offerto
Nos teus annos infantis.

N'este dia presenteiro,
P'ra teres feliz porvir,
Faço votos mui sinceros,
Que a sorte os queira cumprir!

ALBUM POETICO

Soneto.

Como Marcia só Marcia é tão formosa,
Pois seus olhos são olhos matadores,
Seus gestos—gestos são encantadores,
Sua voz é voz d'Anjo harmoniosa.

Sua bocca é bocca breve e melindrosa
Da face a cor da neve e rosa as cores,
Seu sorriso é sorrir, que excita ardores,
Té sua raiva é raiva graciosa.

Quando um composto vi tão bem composto,
Entre os amantes alistei-me amante
D'amor: quiz os desgostos por meu gosto.

Com dor vejo hoje, o que não vira d'antes,
Que se rosto não ha como o seu rosto
Não ha fera á esta fera—semelhante!

Icatú—1857.

S. A. d'Azereido.

Improviso

por

Joaquim Cesario de Britto e A. R. Berdo.

C. de B. Poeta, porque devagas
R. B. Por este mundo nas fragoras,
C. de B. Coberto de ingentes magoas
R. B. Em continuo suspirar?
C. de B. Vais acaso percoitando,
R. B. Pungentes magoas soffrendo,
C. de B. Por este mundo horrendo,
R. B. Teu negro fado acabar?!

C. de B. Vais em busca da ventura
R. B. Por esta negra escurura,
C. de B. Tranquila d'agra tristura

R. B. Procurar felicidade ? . . .
 C. de B. Ou no campo entre os verdores,
 R. B. Ou no prado entre as flores,
 C. de B. Metigar feros rigores
 R. B. Do mundo de falsidade ? ?

C. de B. Triste fado, triste scena,
 R. B. D'essa Musa peregrina,
 C. de B. Que vai no campo a bonina
 R. B. Procurar p'ra lenitivo,
 C. de B. Do afflicto coração !
 R. B. Se da rosa o botão
 C. de B. Da vida no embryão,
 R. B. Te torna mais pensativo !

C. de B. Triste sorte . . . abandonado !
 R. B. Por ser—Poeta—izolado
 C. de B. Vaes cumprir a lem do fado,
 R. B. Por esse mundo á correr
 C. de B. Em triste peregrinação,
 R. B. Só por conforto a canção
 O. de B. Vaes buscar na solidão;
 R. B. Vaes na tristeza morrer !
Belem do Pará 1851.

Ao meu mano Antonio R. Borba.

NOTE.

*D'esse modo amor compensa,
 Sua tão ligeira vida;
 Quando a planta murcha e morre,
 Deixa a flor reproduzida.*

Glosa.

Com suspiros, ais, e dores
 Com continuas desavenças
 Ao peito mais extremado
D'esse modo amor compensa,
 Carpe e chora a triste amante,
 Maldizendo a sorte infida,
 Que por amor—quer cortar—lhe
Sua tão ligeira vida;
 É chorosa a pobre virgem,
 Quantas ideas lhe occorre ! . . .
 Mas é fraca—fica qual
Quando a planta murcha e morre,
 Um dia, triste da virgem,
 Sem pesar, deixando a vida
 Deixa a dor, qual a planta
Deixa a flor reproduzida.
P. R. Borba.

Fabula.

4.

O Leão, o Elephante e o Rapozo.

Querendo o rei Leão ao Elephante,
 Porque lhe havia sido mui constante,
 Dar emprego rendoso que vagara,
 E pelo qual o mesmo se empenhara.
*Servido estás, lhe disse, e fica certo
 Que ninguem poderá por mais esperto*

*Ati ser preferido: Vai amigo
 O que tens por mim feito, está comigo.
 Corre a noticia e logo o agraciado
 Té mesmo da formiga é visitado.
 Felicitando-o estão quando, se espalha,
 Que eleito fôra um burro de cangalha.
 Era certa essa nova, que o rapozo,
 Mais do proprio interesse cuidadoso,
 Ministro sendo então, ao rei contara
 Mil cousas contra o nobre pretendente,
 Quereis saber a causa ? Um bom presente
 Busquem no pleito
 Um escrivão;
 E os ministros
 Na pretensão.*

Logogripho.

Vou fazer, ó meu Leitor,
 D'um nome por mim amado,
 Um logogripho que agrada
 E que seja apreciado.

São quatro syllabas só,
 Qu'este nome em si cortem,
 Todas ellas muito breves;
 Já podeis dizel-o bem ?

Não basta ? en'ão são seis
 As letras, que reunidas
 Formão esse nome, que faz
 Vossas ideas subidas.

A terceira com a quarta
 Nome muito conhecido,
 No Antigo Testamento
 Não deixáras de ter lido.

A segunda com a quarta
 Assim faz enraivecido
 Um animal mui caseiro
 Quando ve-se perseguido.

A terceira por si só
 Deixei d'agora fazer,
 E não foi lá por vontade
 Porem para te escrever.

Uma cousa, que te faça,
 E conduza a conhecer,
 Quem sou eu que tantas vezes
 Te faço a cabeça arder.

Tudo quanto tenho dito,
 E, para que tu conheças,
 Qual a Dona deste nome
 E de mim te não esqueças.

Decifração do n. passado.

Do Metagramma—*Gala, que forma bala,
 vala, mala, pala, sala e talas.*

Da Charada—*Chapêo—e do Enigma Pi-
 ctoreasco—A vida é a passagem para a mor-
 te.—*

Typ. da Temperança. Imp. Por J. P. Ramos

ARISTOCRACIA.

A aristocracia, nvida de riquezas, posterga as mais santas leis; ambiciosa por dominar, calca aos pés todos os direitos divinos e humanos!

Massa fraca e putrida, foco de torpezas, corpo sem alma, vida sem luz, espirito mesquinho!

Homens que, só porque vivem entre as grandezas e o luxo, não se lhes importa espesinharem e passarem com a fronte erguida, por sobre as outras duas partes do globo, a que elles chamão Democratas, povo, plebe, mais fortes, mais nobres do que elles!

Vis, que abstrahindo da honra, esse edificio angelico e santo, erguido custosamente pela religião e pela humanidade, vão fazer da ultima pedra deste sagrado sanctuario, o leito infesto dos seus excrementos e corruptos desejos!...

Que, apenas desenvoltos das mantilhas, olhão em torno de si, e para logo amão a corrupção do mundo: que, offuscados pelas riquezas de seus pais, olhão com desprezo para os pobres, murmurando—plebe—e pequenos como são, já querem ellevar-se ás grandezas, sem se importarem, que para lá chegarem, precisão de transpor os sete denegridos degraus, que quasi todo o rico e grande transpõe; e ei-los, que inda com mal seguros passos, tropão o primeiro degrau para a Aristocracia—a Soberba!

Que, sem peijo nas faces, chegão muitas vezes a se fazerem *parrecitas* para, calcando aos pés os cadaveres de seus pais, subirem, com seguros passos, por sobre os peitos palpitantes dos que lhes derão o ser, no segundo degrau para a Aristocracia—a Avariza!—

Que, em sua vida devassa, inventão cada dia um deleite, em que possão mostrar suas riquezas e sensualidades; cada hora um sarão, cada instante um festim, no qual mostrem suas grandezas, onde de uma atmosphera de perfumarias corrompem os ares, em que luzes sem conta seguem a vista, onde a seda, o damasco, lhes abafam os traiçoeiros passos, onde o ouro, a prata, o brilhante lhes granjeem admiradores; onde numerosas damas os cercuem, em que elles, com utrevidos olhares ou algumas palavras de antemão estudadas, fação corar a mais pudibunda donzella; onde possão monoscabar a honra do marido e a castidade da virgem; onde enfim possão lançar a deshonra e a desesperação no seio da mais casta familia.

E quem se atreverá á pedir contas aos ricos, aos nobres ou grandes?

O Marido?—O Pai?—o Irmão? E o que lhes importa, se lhes é preciso subir o terceiro degrau para a Aristocracia—a Luxuria.

Que, com o senho carregado, conspurcão a vida inteira do pobre e o futuro brilhante da virgem, se aquelle se lhes oppõe ao crime, esta lhe resiste aos torpes desejos! Que, todo se offendem e irritão com a menor argilla, que encontrão no perpassar dos seus eivantes desejos,

Até que em sua raiva commettem mil desatinos. E elles transpõem o quarto degrau para a Aristocracia—a Ira.

Que, levando a sua ambição por diante, querem o gentil, que veem brilhar nas mãos do pobre e até

nas das grandes seus semelhantes! Tu lo deseja, engoli, tudo ambicionão para si: e, em suas orgias resolvam o roubo para augmentar os seus thesauros: não ha ouro que os falta, desejo que lhes mate a fome, o lhes sacie a ambição!

E assim vão por diante até galgar o quinto degrau para a Aristocracia—a Gula.

Que, com olhos avidos e raiyozos contempla, o producto do incessante trabalhar do plebeo, que, cubicosos desejaõ a riqueza alheia, levando sua insaciavel cubição, até á querer esta ou aquella dama por ser mais linda que a sua.

E isto para chegarem ao penultimo degrau para a Aristocracia—a Inveja.

Que, effeminados por suas grandezas, não lhes brilha na mente uma centelha de entendimento; e tendo englobado as suas lassas imaginações no deminuto circulo, que os rodea, não lhes rutila no cerebro alguma luminosa idea.

A molleza e a voluptuosidade, os tem tornado uma massa inerte, sem algum entro desenvolvimento que não seja para o mal!

E assim cheios de crimes, amaldiçoados por todos: sentindo o infatigavel remorso, essa sentinella avançada, sempre prompta, sempre alerta, á lembrar-lhes a sua corrupta e devassa, vida sobem o ultimo degrau para a Aristocracia—a Preguiça.

Daqui lanção a vista em torno de si, contemplão os pobres e sorriem com desdem... olhão para o mundo e murmurão—é meu!—erguem orgulhosos a fronte, mas não encarão o Céo... o peso de seus crimes lhes faz abaixar a cabeça!...

Governão! mandão!... fazem do povo o seu brinco!...

Zombão das leis e até do proprio Deos!...

Eis a escala que percorre a misera Aristocracia, termo sem significação, palavra fofa e de que já poucos usão, visto a indisposição do seculo para tres cheles da ignorancia e exigentes da submissão!

A aristocracia é uma burla, e uma vaidade do genero humano, todos os homens descenderão do mesmo tronco; como pois devergir para a superioridade, só de bens materiaes?—não sera isto uma loucura?... uma falta de senso commum?... Isto de Aristocracia era só proprio dos tempos feudatarios, do rei velho, do azorrague, enfim do absolutismo! Hoje, no seculo das luzes, na primavera da sabedoria é imprudencia sonhar-se com—Aristocracia—Só se deve admirar o genio—a honra—a e a liberdade!

R. Barba.

UM CONTO DE INFANCIA

Branca-flór.

(Continuado do n. 12.)

II.

Depois do haver fitado seu filho com ar triste e pesaroso, o rei lhe disse—Casario, parece-me, que te empenhaste em amargurar os meus ol-

mos dias d'existência, pois são praticas actos, que me affligem. Não quero agora arguir-te, nem fazer-te recriminação alguma, porque seria inutil. Ora pois, já que não tens querido corrigir-te das tuas extravagancias, e cada vez vais á peor, cumpre-me empregar, para contigo, o meu poder paternal, o que farei usando de toda a severidade; e quando isto não seja assáz sufficiente, eu te castigarei como teu rei, e força é, que obedças. Vai para o teu quarto, onde depois saberás, qual é a minha resolução.

—Meu querido pai... meu Senhor... balbuciou o principe... Oh! eu sei, que muito deveis estar contra mim, pois ha razão de mais para isso; porém...

—Calla-te Cassino, interrompeu o rei; não quero ouvir as tuas desculpas frivolas, e futeis. Obedece a minha ordem, e nada de replicas...

—Bem, meu pai, ou me callo, e vós sereis obedecido.

Dizendo isto, o principe retirou-se desesperado, e com o semblante abatido, não querendo esperar uma nova ordem.

Chegado á sua camara, tirou consigo sobre a cama, desfazendo-se em amargo pranto. Esteve assim largo espaço de tempo, durante o qual reflectiu maduramente á respeito de tudo quanto, até aquelle momento, lhe havia succedido, exclamando de vez em quando, n'um tom angustiado: oh! meu Deus! Que sorte terrivel tem sido a minha! Que paixão tão fatal! O jogo! O jogo... Quantos esforços hei empregado para ver-me livre deste vicio horrendo! Se soubesseis, meu pai, quanto hei soffrido! Os desgostos por qua tenho passado! Oh! se soubesseis, talvez que antes me lastimasseis...

E depois, como que arrependido, accescentou—Castigai-me, sim castigai-me como quizerdes, e não tenhais piedade de mim; eu soffrerei tudo com paciencia, sem queixar-me.

Em quanto Cassino deplorava assim o seu destino, o rei chamou o seu ministro privado, e ordenou-lhe que mandasse construir uma prisão propria para o principe, cujos menores detalhes elle lhe deu.

O ministro sahio, e, sem demora, deu todas as providencias, assim de ser cumprida exactamente a ordem do rei, e mandou preparar a sobredita prisão, cuja só primeira vista causava horror.

Era ella feita em um lugar retirado da cidade, onde pouca gente transitava, quer de dia, quer de noite. Comprehendia apenas vinte pés quadrados, e rodeada toda d'um engradamento de varões de ferro tão grossos, e tão estreitamente unidos um no outro, que seria difficil introduzir-se alli qualquer coisa, que excedesse a grossura de moia polegada. Além disto accrescia mais a grande escuridão, que dentro havia, e o profundo silencio que naquelle lugar sempre reinava: era uma prisão horrivel!

O rei ordenou mais, que houvesse uma guarda diariamente, a qual vigiasse o principe, prohibindo se expressamente a aproximação de qualquer pessoa aquellas grades, torse a hora, que fosse.

Depois de tudo se achar prompto, mandou o rei, que conduzissem o infeliz Cassino para a sua triste morada, não querendo vê-lo, se menos, uma

vez, porque havia jurado—nunca mais encerrar com seu filho, em quanto este não se tornasse digno do seu amor.—

Foi pois o pobre principe levado a sua prisão, acompanhado pelo ministro do rei, e pelos soldados que o escoltavão. Triste e pensativo caminhava elle, engolfado em mil pensamentos, até avistar a medonha casa, que lhe estava destinada. Quando a foi descobrindo, o seu rosto ficou coberto d'uma pallidez mortal, soltando elle involuntariamente esta exclamação:— Oh! que logar medonho! E virando-se para o ministro, perguntou-lhe:—Acaso querera o rei fazer-me morrer, encerrando-me em uma prisão destas?!

—Talvez ahi não fiqueis por muito tempo, principe, respondeu este. O rei, como está encolerizado contra vós, lembrou-se de castigar-vos deste modo; mas espero, que brevemente acabará o vosso captiveiro.

—Deos queira! todavia duvido, que assim aconteça; replicou-lhe o principe. Conheço meu pai; sei, que elle seria capaz, de perdoar-me, e telear todas as minhas faltas, mas não ignoro tambem, que elle é inabalavel na sua resolução. Com effeito, eu supportaria resignado a minha reclusão... Mais, porque privar-me de ter communição com alguma pessoa? Para que esse rigorismo demasiado?!... Oh! é muito! é muito!... paciencia...

E verteu copioso pranto.

Finalmente foi Cassino mettido dentro d'aquella horrivel habitação, onde tinha de viver, quem sabe por quanto tempo?!

Ao principio sentiu muito, e estranhou a sua vida, que nada tinha d'agradavel. Dias sobre dias se fôrão passando, sem que Cassino visse outras pessoas, a não serem os soldados, que o guardavão. Por muito tempo conservou-se reservado com os seus guardas; não lhes fallava, porque suppunha, que elles tivessem ordem para não lhe responderem, então não queria expôr-se á soffrer mais esta affronta.

Pouco a pouco elle se foi costumando á esta vida sedentaria, não sem exasperar-se algumas vezes, comtudo havia momentos em que o seu aborrecimento chegava á tal ponto, que não lhe era possivel occultá-o. Conversava já com os soldados, e fazia-lhes varias perguntas, a que estes respondião com muito respeito.

Decorreba bastante tempo desde a sua prisão, sem que cousa alguma viesse perturbar o principe no seu calabouço. (*)

Um dia que estava elle dormindo, acordou sobresaltado, sentindo um grande tremor de terra. Abriu immediatamente os olhos, e eis que vê surgir na sua presença um homem d'uma estatura desmarcada, sorrindo-se para elle. Pasmado de ver tal cousa, duvida se estará acordado. Da bellações no corpo, puxa pelos cabellos com violencia, e sente grandes dores. Quer então gritar, e pedir soccorro, porém a voz fica-lhe presa na garganta; esforça-se por fallar, e nada consegue.

(*) A tia Michaela disse calabouço, porém não acho o nome muito proprio, usaria, leitores, entendei como quizerdes, porque é o mesmo.

Vendo enfim, que nada pôdia fazer, deixou-se estar deitado, e fecha os olhos para não encarar com o homem terrível, que tem deante de si, esperando que, este se retiraria logo; porem contra a sua expectativa, o homem avança para elle, estendendo-lhe a mão, e com gesto risonho.

C.
(Continúa.)

CHRONICA DA QUINZENA.

Aqui vai a chronica quinzenal da *Estrella da Tarde*. E' como um pianno velho, tocado por máu mestre em casa terrea; como o aroma da resedá, que uns gostão e outros não gostão; como a companhia lyrica, que uns approvão, e outros reprovão; é como tudo no mundo, que agrada e desagrada, em cuja regra só é a excepção o dinheiro, do qual todos gostão, até eu por ser rei mais velho. Tenhão paciencia, leitoras, e aguentem mais esta vez, porque me parece, que mui breve será eclipsada a pobre *Estrella* com a apparição do novo astro, que cedo rairá aqui no norte. Mais, temos por devisa, que a fé dá fortaleza, e a esperança anima.

Assim como se diz, que o pincel do scenographo decora bem as differentes scenas, em que se tem de passar qualquer acção; assim diremos, que o Sr. Santos (Manoel Sirgueiro), com os seus damascos e pedacinhos de galões, enfeitou tao bem a Igreja do Carmo, por occasião da festa de Santa Filomena, que teve logar hoje, que bem mostrava ser a casa do Senhor. Sendo a Igreja bastante grande, não obstante estava forrada até a porta da rua!

A concurrencia foi extraordinaria, a musica do côro esteve divina, e mesmo arrebatadora. Não sei, leitoras, se foi por nos acharmos no templo, se por vermos muitas moças bonitas, se porque na realidade os cantores estavam com a garganta afinada, para metter inveja nos Ramondas, o que sei é, que extasiou-nos sobre modo uma parte, aonde o sr. Conego Santos, mostrou a força de sua voz, o entoado do seu canto, e o quanto lhe é facil o desempenho dessa parte; os outros cantores, se, não teem uma voz forte, todavia diremos, que a voz não é o grito, é a harmonia, é a doçura, e elles a teem, elles a empregarão. O Sr. Bekman, na sua rabeça, tirou sons tão maviosos, que enlevou-nos e deixou-nos em duvida, se era ou não visão celestes, isso que acabavamos de ouvir; o solo de clarinete, instrumento aspero, foi tocado com tanta doçura, com tanto agrado, que não deixou nada a desejar. O proprio timbale nos pareceu o murmurejar de uma fonte.

No dia da festa forão a missa as educandas do Asylo de Santa Thereza, em numero de cincoenta, todas vestidinhas de branco; symbolo da virgindade, e com chapeos á pastora. Salta-nos o coração de praser, quando vemos, que em nossa terra, já a orphã tem um abrigo onde se refugio dos vicios e das torpezas do mundo, já o povo tem uma casa, donde pode sair senhora de uma educação simples, porem moral, a filha do desvallido, que por necessidade sem este meio, teria de se entregar ao crime!...

Mil honras e louvores, mil orações e supplicas fervorosas dirigimos ao Altissimo pelo descanço eterno e gozo perenne das graças celestes do seu illustrado fundador, o Dr. Eduardo Olympio Machado, verdadeiro genio, espirito sublime e empreendedor, que nos dotou de um tal estabelecimento; seu nome jamais deixe de roçar os nossos labios para orarmos por elle, que os Anjos arrebatarão da terra, que era indigna de possuil-o.

Não ouvistes dizer, leitoras, que haveria fogo de vista na vespera da festa? pois foi *bucha* que nos impingirão.--- Ora! dizer-se que o bom do *fogueteiro* adoeceu, e que por este motivo não pôde promptificál-o, é mais uma peta, que não comemos.--- porem, *transeat*.--- Ouço dizer, que o pobre coitado anda *sorumbatico*, porque preparando *não sei o que*, soffrera uma *refrega* pelos narizes, que lhe tem feito muitas *foscas*.--- Comtudo admira, que tivesse tempo para preparar o fogo, que hade apparecer na vespera da festa de Santa Severa, o qual deve servir depois, e não apromptasse est'outro que era para antes!!-- Que vos parece, amaveis leitoras?

Em compensação tivemos a cucanha.--- Oh! A cucanha! Sim, leitoras, deveis saber, que a cucanha é isso que o *vulgo* chama—*pão ensebado*—ou *pão de sebo*; consiste n'um mastro untado de sebo, e em cuja extremidade aerea se collocou o premio, que hade pertencer a aquelle que subir pelo pão, até tocál-o com as mãos, e trazer consigo.--- Vainos, a cousa não era má: havia uma sedula de 20\$ rs, outra de 10\$, alem d'uma gallinha, e um pato, uma garrafa do primoroso champanhe, e outra de bom vinho. Tambem devia haver um peru, como dizia o annuncio, mas, qual, nem disso se fallou; e até, quem sabe, porque não veio? A mim disserão: que estava se creando, para depois dar productos ao dono.--- Safa!

Ninguém pensou, que houvesse, quem tirasse o premio.--- pois é isto leitoras, ninguém, ninguém... Ultimamente porem apresentou-se um preto, que *brilhou* á bom brilhar; e, tanto trabalhou, que pôde conseguir trazer o estimadissimo premio, 30\$ rs.!!!-- oh! que já cheira.

O povo que se achava apinhado em roda do mastro (*pão ensebado*) era immenso, de sorte que não era possivel seguir d'alli sem *chuchar* bastantes empurrões, e eis porque razão o preto não pôde fazer vingem com aquillo que era seu. Roubarão-n'o (como disserão ao principio), mas não foi assim. O filho do Santos (Sirgueiro) lançou mão d'uma das sedulas, a fim de segurar-l-a, e dál-a depois ao preto, e com um forte empurrão que lhe derão, poderão conseguir arrancál-a das mãos, deixando estas *escalaçadas*; mas obrigou-se immediatamente a dar os 30\$ rs. ao preto, o que fez na presença de muitas pessoas.---

Arre! que estirada, leitoras! o quasi tudo dito a respeito do *pão de sebo*! Não importa! o preto operou magnificamente, ganhou e levou o premio, e nós fizemos o nosso dever.--- Passemos á outra cousa melhor.---

Um! nada ha! pois então o que faremos? e retirarmo-nos, o boa noite! Oh! leitoras! ja nos hia

esquecendo dizer-vos que houve dous balões, um na vespera, e outro no dia da festa....

Ah! ja sabeis?... estimo infinitamente; sem arder logo assim que subiu, e outro foi-so com vento em pópa e cahindo á ré....

Desejava fallar-vos sobre a festividade do Santo Severa, porem como esta chronica ja está muito comprida, e não ha espaço para mais, ficará o resto para outra vez, podendo, desde já, prevenir-vos de que as madamas lá vão correndo para S. Iago, e o pobre chronista, como um babão atrás del-las....

E com esta, adeos até d'aqui á quinze dias.

ALBUM POETICO

O Beija—Flores.

Linda avezinha do prado,
Delicado beija—flores,
Que de côres cambiantes
Tão brilhantes pennas vestes.

Quanto és lindo e gracioso,
Meu mimoso Passarinho,
Com carinho e com riqueza
▲ natureza te adornou!

Tuas plumas iriantes,
Brilhantes e tão lustrosas,
Preciosas pedras semelham
Quando centelhão ao sol!

Quando n'um dia sereno
No ameno verger passêas,
E voltêas, e esvoanças,
Que graças, que garbo tens!

Qual ô amante, não lascivo
Dá no esquivo rosto amado,
Anciado beijo, que amôr,
E tímôr exprime em si:

Tal tu, junto a flor pairando,
E adejando brandamente,
Docemente o teu desejo,
Beijo terno satisfaz.

Dize-me, meu beija—flores,
Ja as dôres d'amor provaste?
Ja passaste ignaves momentos
De tormentos, quaes passel?

As torturas do ciume,
O azedume da saudade,
Crueldade d'uma ausencia,
Violencia d'um desprezo?....

Não, avezinha innocente,
Não sente o teu terno peito
O effeito d'uma paixão,
Que o coração dilacera:

Por quanto, si amôr nutrias,
E sentiras essas penas,
Por açucenas e lírios
Martyrios d'amor acharas.

Tua diosa existencia

Na innocencia e na candura
E' tão pura!.... Oh! quem me dêra...
-Quem me dêra ser assim!!....
S. A. d'Azevedo.

Acrostico.

► mavel, seductora como és,
Lá no palco te mostras óh! donzella!
Zão podes cá no mundo encontrar outra
Que a palma te leve, jovem bella.

Guardando a pudicicia, casta virgem,
Emblema de candura e de pureza,
Inda assim o teu todo, bello e airoso,
Tem mil graças, encantos, gentileza.

O teu bello semblante, e essas graças
Que ornão tua gentil, bella figura,
Louvores bem merecem, de quem sabe
Apreciar, o que val'aformosura.

Innocencia e pudor, mil outros dons
T'outorgou a natura prodigiosa:
Zão desprezes seus dons, não os deedenhes,
Antes, delles sé muito orgulhosa.

► Italia é tua patria? pouco importa;
Tambem o Maranhão bem t'avalia;
Tu queres retirar-te? oh! não vas....
Pois contigo irá minh'alegria.

Risonha sempre vives! tens razão,
A tua vida não é de dessabores,
Quando o mundo diga o contrario,
Depois disto virão logo os louvores.

Mais vale seres delle mal olhada,
Desse mundo perverso, e tão falsario,
Os ultrages soffreres e as affrontas,
Pois nisso sempre é prodigo e vario.

Recordas, por ventura, alguns motejes?
Que alguém, até contrario, te derige?
Inda pensas em tal? não te consumes....
De ti nada se diz, ou mal se exige.

Zão queres ca ficar?! pois bem, adeos....
Recorda, eu te rogo, o Maranhão,
Indo tu para a Italia não te esqueças
Que aqui deixas um triste coração.

Charada.

Em trez me vez;
Feito de trez, então entro em trez;
Não sou trez.....
Feito de quatro;
Tenho quatro; ando em quatro;
Não sou quatro.
Tão bom uso dos meos quatro faça,
Que só me pilha bala, frecha ou laço. |

Conceito.

E' criminoso,
Seja punido;
Pois ha c'landida
Da moral as leis

Ram.

Typ. da Temperança. Imp. Por J. P. Ramo

7 DE SETEMBRO.

Viva a Independencia do Brasil

O dia da emancipação de um paiz não é dia commum, é o dia da felicidade, é o dia da vida.

Esquecel-o é um crime, é desconhecer o melhor dom, que nos outorgou o Creador—a Liberdade—é encobrir e até olvidar os beneficios do Ceo; e quem será capaz de deixar de se lembrar do facto mais estrondoso da vida?— Algum dia se esquecerá por ventura, que existiu Troia? Que já houve a cidade de cem portas, o grande poder dos Romanos? Jamais, porque estes factos são propriamente da humanidade e por consequencia da historia.

Em paralelo—o termos ganho a liberdade, que nos collocou na ordem dos homens civilizados; esse dia, em que se operou isso, se apagará da nossa memoria?—

A Brasileiros denodados as sombras do tempo não riscão estes vestigios, o DIA 7 DE SETEMBRO sempre será memoravel. Digamos alguma cousa á seu respeito, principiando por passar a esponja molhada nas agoas do rio Lethes por sobre o passado:

Corramos a cortina, não esponhamos ao rigido tufão, e mesmo ao soprar ameno do brando e ciciante zephiro, nem toquemos nas delicadas cinzas do passado, consideremol-o como um monte altanado de pó e coberto de nusgo, que o vento espalha e confunde com a areia, sigamos nisto o que nos diz o veneravel Henrique de Rezende e com muita eloquencia—"o passado é um armazem velho, cheio de fatos e coberto de lama e de poeira, que não è bom entrar" executemos isto e consideremos como assim mesmo, esquecendo-nos por um pouco de todos esses tempos de infortunio, imaginemos, que nós somos bellos e sonorosos passarinhos, que, depois de estarem, por muito tempo e cogaiolados, poderão achar uma escapula e fugirão; nós fomos victimas do azorrague estrangeiro, fomos seus colonos e até seus escravos, vivemos por muito tempo os pulsos cartegados de cadeias, elles peiarão o nosso desenvolvimento, ministrando-nos somente para nossa instrucção *as brilhantes e litterarias obras* de Carlos Magno, Imperatriz Porcina, Bertholdo, Gil Braz e outras do mesmo calibre e gosto, soffremos tudo isto com resignação, porem logo que souu a hora; sahimos á campo, peito á peito, combatemos e vencemos, proclamamos a nossa independencia, fomos libertados; não nos resta hoje mais que cumprir as obrigações de bons cavalheiros do seculo XIX; se o nosso antigo adversario se achar estendido na arena, demos-lhe a mão e o levantemos, risquemos odios preteritos, pois delles nenhum proveito adquirimos; somente lancemos uma vista furtiva sobre a nossa liberdade e o incremento, quer material, quer moral, que ella acarretou a nós si.

Desde que D. Pedro I, animado de melhores desejos á nosso respeito, viu a grande necessidade de proclamarmos a nossa emancipação, viu, que

todas os projectos, ainda os mais ardilosos para os conservar, por mais tempo, sujeitos a corda e Portugal erão baldados, assentiu nos votos de os Brasileiros e elle mesmo, galgando as alturas immediatas do Ipiranga, foi o primeiro, que deu ao grito de Liberdade.

Honras e louvores a tão nobre coração, supplicas e suffragios ao Omnipotente pelo descanso eterno da sua alma, uma estatua sirva para nos fazer lembrar do missionario da independencia do Brasil.

Continuemos—parece que, até o DIA 7 DE SETEMBRO DE 1822, o sol não dardejava por sobre nossas cabeças, parece que, viviamos, como os Laponios, em horrosas trevas, porem, altos juizes de Deos! de um só jacto tudo isto mudou-se; em um theatro bem regulado não se muda tão presantemente as vistas, os meteóros não se apagam tão depressa, a vida do homem não se evapora para o ethereo ar com tanta velocidade, a corça ou o gamo não correm nas matas tanto, a flecha, despedida por mão certa e braço de força, não rompe assim a densa camada de ar, que enche o vacuo; foi uma verdadeira metamorphose, a luz penetrou por todos os angulos, os corpos ficarão como que tocados de uma maquina electrica, ou antes enervados por algum tempo, porem, como o bebado, que tendo provado d'aquillo que elle constitue o seu *caviar*, sentindo um grande gosto, entrega-se a elle até cahir e então fica por algum tempo sopitado, acordando, trata logo de arranjar suas ferramentas e parte para o trabalho; assim nós, ganhando a liberdade, inertes ficamos; gozando inebriados della, como se estivessemos na deliciosa Capua, não demos logo signal de vida, mas despertados d'essa lethargia, fomos então começar a grande obra da regeneração; d'ahi datou o nosso adiantamento, d'ahi começamos a nos reger por nós mesmos até que hoje temos tocado a meta dos nossos desejos, estamos hobreando com a rachitica Europa corcovada pelos seculos.

Liberdade! *emanação da Divindade*, eu te saudando, tu és o nosso balsamo, o nosso unico objecto de veneração, tu não nos conduzistes só isto, tudo quanto temos, a ti devemos, nossa grandeza busca seu manancial de ti, tu és o sustentaculo da nossa vida. 7 DE SETEMBRO! é com a maior effusão de contentamento, que hoje te contemplamos, dia grande para a nossa historia, celebremol-o com alegria e cantemos hymnos em seu louvor, não nos esqueçamos, pois elle accarretou consigo a cousa mais difficil de se adquerir—a Liberdade—attestem a Polonia, e a Hungria, já se as não ouve soltar o menor gemido, tão grande e pesado é o fardo, que as acabrunha, que até mesmo o seu querido Kossut não tem tempo, nem propicia occasião de rojar com furia um ai do coração! Ellas que erão tão floressentes, os poderosos se reunem ás subjugão, depois de as ter retalhado, para que unido todo o corpo não sacudisse o jugo dos tyranos; perigoso poder dos grandes, flagello dos pequenos, azorrague da plebe, peste peor que o cholera—morbos, nós te amaldiçoamos, felizmente não sentimos já hoje os seus influxos!—

O nosso caminhar rapido, que quasi nos está pondo a par dos estados Europeos, os nossos ca-

minhos de ferro, a navegação á vapor, quer interior, quer exterior, os fios electricos, que se tratam de estabelecer, nas nossas praias todos os dias pedradas de myriadas de navios de alto bordo de todas as nações, não é um signal evidente da nossa importancia? E a quem devemos tudo isto, é no dia, que hoje celebramos, não é a 7 DE SETEMBRO? —

E o que valiamos nós, o que era este vasto territorio chamado—Brasil—que hoje figura com honra no catalogo das nações civilizadas, antes da sua independencia? Nada; terra de degradados, de assassinos, refugio de galés fugitivos, covil de criminosos, porem na actualidade elle já tem filhos, que o fazem respeitar, tem Gonçalves Dias, tem Magalhães, tem Lisboa, tem Odorico Mendes, Maciel Monteiro e outros muitos e já teve Andradas, Gusmões etc., todos estes são emulos dos Lamartine, Victor Hugo, Byron, Milton, cotejando com os nossos, elles não lhes ficão a quem e que ficassem, o Brasil, ainda tão joven em comparação a elles, que tem encanecido nos seculos, não admira, que lhes não esteja igual ou superior, pode-se dizer que o Brazil nasceu (pois fallamos da sua emancipação) debaixo de outras luzes, que não foraõ as do outro tempo do crepusculo das letras, mas isto não destroe o que avançamos, 35 annos que tem o Brasil, não se equipara, fica a perder de vista de 8, 9, e 10 seculos de vida sempre sadia, sem contagios perigosos, que estorvassem sua marcha.

Enfim somos livres, o dia da nossa liberdade jamais se deve offuscar dos nossos corações, seja elle a nossa divisa, tragamos escrita nos nossos pendões a palavra magica—Progresso—para elle tendêraõ todas as nossas vistas, devemos applicar-nos TOTIS VIRIBUS. pois sò assim poderemos supplantar o orgulho dos paizes da Europa; seja o dia 7 de Setembro o nosso fanal, a columna de fogo que nos guie nos caminhos escabrosos da existencia e exclamemos de coração e com todo o entusiasmo:

Viva o dia 7 de Setembro!!

Maranhão 7 de Setembro de 1857.

O CEGO D'IPUJUCA. ROMANCE.

PELO

Dr. João Climaco Lobato.

I.

Quando um ente se vê privado d'esse orgão, que ministra á vida todos os prazeres reaes, quando vemos um rosto juvenil, bello, e nobre encarar com pasmo as bellezas da natureza, que o rodeão, quando vemos no seu olhar baço e firme estampado o sello da cegueira, o coração se nos confrange de dôr e piedade por esse ser tão azinho sepultado n'uma eternidade de trevas. E haverá, quem possa alimentar uma idéa de escarneo, um pensamento de zombaria contra esse ente

graçado, cuja vida reage com forços demais orgãos, deixando o da abandonado? — Oh! não — Em n'esse sivel tarde do mez de Setembro de na povoação de Ipojuca, na Provincia de Pernambuco, sentado a porta de uma casa pequena, porem de bella perspectiva, sita em a principal rua d'aquella povoação, se via um mancebo, tendo caído com desleixo sobre os joelhos um violão. Uma copada laranjeira prestava a porta d'essa casa uma fresca e embalsamada sombra, amenisada ainda mais pela briza, que balouçava suas folhas.

O joven cego, cuja idade não excedia a 25 annos, era um mancebo bello, o quanto pode ser um homem, porem de uma belleza juvenil, e graciosa. Seu rosto redondo e corado, cuja epiderme era liza e assetinada como a de uma donzella, cercado de uma coroa de cabellos louros e anellados estava inclinado sobre o peito, como se profundo meditar se apoderasse dessa cabeça d'archanjo. Seus olhos de um azul limpido estavam porem immoveis, com aquella immobilidade dos cegos. — Trajava um roupão de chita de xadres apertado á cintura por uma tira da mesma fazenda, e calças de brim cõr de ganga — seus pez calçavão grossos sapatos d'ourello.

O mancebo, que chamaremos Miguel, depois de passar alguns instantes n'esse estado meditativo, levantou a cabeça, um suspiro pungente e doloroso entreabriu, e escapou de seus labios; e seus dedos correrão levemente pelas cordas do violão, que soltou uma harmonia celeste e triste como o homem, que apreludiava.

A' passos vagarosos se aproximou um outro mancebo, estacando longe de Miguel cerca de trinta passos. Henrique, esse segundo personagem, como Miguel era joven, contando mais que elle, talvez apenas, quatro annos. Sua estatura elevada e airosa, era vigorosa e flexivel; e seu corpo prestava-se com facilidade aos mais rapidos e leves movimentos, razão porque Miguel não pôde ouvir o rumor de seus passos.

Henrique era um mancebo bello, porem de uma belleza sombria e morna, que longe, de atrahir, inspirava quasi sempre o sentimento contrario.

— Como leve ser bello esse espaço de tempo, que os homens chamão tarde! — Este zephiro, esta fresquidão que me cerca, este rumor languido e melancolico da natureza, tudo isto, filho da tarde, como devo ser bello! — Mas eu sou cego! — Cego — Deus — Deos meu — Sem nunca ter conhecido a natureza?! — Oh! como é cruel a cegueira! Uma eternidade de trevas — uma noite sem fim — Noite! — E o que é a noite

to?.... Eu não sei.... eu não sei, os!.... —E dous fios de lagrimas zarrão quentes pelas faces do pobre. Pouco depois o seu violão, desferiu a da mais-ternos, e sua voz melodiosa panhou a estes versos.

Ver só quizera,
O sol nascer—
Da lua a face—
Depois morrer...

Essa natura
Que bella pintão—

Fazei oh! Deus—
Que os olhos sintão.

Depois morrer....
Oh! Deos qu'importa..
Perder a vida
Depois de ver!!

Henrique escutou o cantar de Miguel com ancia.... Seu rosto demonstrava os sentimentos de compaixão e raiva que lhe moravão dentro do peito. Fez um gesto violento. Um pé escorregou no terreno em declive.... uma pedra rolou; e o pobre cego virando o rosto para o lado donde ouvira o rumor inqueriu com tristura....

—Quem está ahí?

—Sou eu Miguel....

—Ah! és tu, Henrique! Ouviste as minhas queixas, não foi assim?.... Ellas te commoverão.... mas não romperão o veo que tenho ante os olhos!.... Oh! Henrique, como devem ser bellos estes lugares.... como deve ser bello o mundo.... Meu Deos... um milagre, Senhor de Misericordia... dae-me a vista por um instante.... deixae-me ver a mais bella creatura vossa.... e depois morrerei contente.... Henrique.... Henrique.... meu irmão, meu amigo.... Ella deve ser muito bella.... seu rosto deve corresponder a suavidade e brandura de sua voz... não é assim?.... Dize.... dize.... ella é um anjo....

—Ella quem?

—Oh! quem senão esse anjo, que entre as trevas que me cercão estende sua mão para conduzir o pobre cego.... aquella que o ensina a comprehender o mundo no rumor, que fere os seus ouvidos, ou no silencio que envolve o espaço.... Quem?.... Quem? senão Marianna.... Marianna que deve ser tão bella.... Oh! Henrique.... Henrique porque eu sou cego?....

—Marianna dizes tu? E amas-a.... insensato?!....

—Oh! se a amo!.... Amo-a, adoro-a, idolatro-a, com amor, com adoração, com idolatria de um cego, a quem nada distrahe, nada offusca, nada deslumbra.... Que ergue dentro do peito um altar onde incessantemente adora o seu idolo, cego para o mundo.... menos para o amor!....

—Desgraçado!....

—Sim eu sou desgraçado Henrique, por que não posso ver o brilho de seus olhos, o sorriso de seus labios, e o ondular dos seus

bellos.... nada vejo.... mas vejo tudo.... tudo com os olhos da fantasia. O som de sua voz doce e harmoniosa me ensina, e ella passa por entre uns labios de anjo, e o perfume de seus cabellos me dizem, que os seus são bellos e ondulantes.... negros como o noite que me cercas: o apertar de suas mãos e voluptuosos despedem faiscas de luz, que brilham.... que brilham como.... como.... Oh! se eu soubesse como é o sol.... poderia compará-los a elle....

—Miguel.... tu amas muito?....

—Muito.... muito....

Miguel arrebatado pela força do seu entusiasmo se poz de pé, e com os braços estendidos procurára Henrique, que bem perto, e a seu lado o olhava com rancor....

—Miguel.... como podes amar uma mulher a quem não vistes nunca?....

—Amando-a.... Henrique.... amando-a eternamente....

—Oh! então.... desgraçado de ti!

E Henrique pousando ambas as suas mãos sobre os hombros do pobre cego, o impelliu com força para diante. Miguel perdeu o equilibrio, em vão procura um ponto d'apoiio, mais coitado! foi cair de encontro ao tronco da laranjeira coberto de pó e sangue, que em borbotões corria de uma larga ferida na testa, feita pela ponta de uma pedra, sobre que bateu a cabeça do cego.

—Ah! Jesus!

—Chama antes pelo Diabo!

E Henrique se affastou rapidamente.

Dahi a poucos instantes appareceu á porta da casa uma donzella de 15 annos linda como um anjo do Senhor, vaporosa como uma Silphide.

Era Marianna que correu em soccorro de Miguel....

O cego não dava signaes de vida.

(Continúa.)

ALBUM PORTUGO

O Inverno.

Rouquenho trovão rebomba irado,
Lançada pelo nito horrendo e fria!
O annoso carvalho eis arrancado
Que soberbo triumpho do secco Estio,
Jazem mortas as selvas, morto o prado,
Sem vida jaz a planta—e o ar sombrio
Alvo, e frio cabeça mostra o monte
Quieta, regellada jaz a fonte!

Toda esta tão triste estranheza
Só do velho Inverno mostra a vinda
Da risenha Primavera a belleza,
Qu'a pouca se sarria meiga e tam linda
Findou—com ella a Natureza
Que lida vassou a pouco ainda!

Só o velho, ancião, vem pressuroso
Com mão destruidora e musculo annoso!

Depois d'um calmoso e secco dia
Que tude emmurcheceu, tudo queimou
Esse féro e cruel vento—meio dia
Vem a tarde qu'o pastor tanto almejou
Contraria do que elle pretendia
Pois frescor para o gado sò rogou
E em lugar de viração rajada veiu
Que até ao duro monte abriu o seio.

Eis grossa poeira o ár cobrindo,
Que o horrendo tufão gyrando ergueu;
Eis o manso cordeiro o lem mugindo
Que medroso seu guia aqui perdeu,
O vaqueiro sem gado eil-o fugindo,
Para chegar-se já ao fogo seu,
Tudo é confuzão, tudo destroço
Para a choça corre o velho e moço.

Da mizera cabana fumarenta
A piudoba ressequida o vento ergue;
O foror do tufão mais se augmenta,
Grossa e forte chuva entã se segue;
Qu'a pobre cabana mal sustenta;
A furia do nordeste, qu'a persegue
Tudo vem innundar com furia insana,
Do alto dos rochedos a chuva uffana.

As campinas que estavaõ taõ lustradas,
O inverno destruiu, tudo estragou;
Altaneiras mangueiras taõ viçosas
A dura mão do Inverno desreigou;
As ternas ovelhinhas, amorosas,
A corrente do monte as affogou;
Tudo quanto a pouco se sorriu,
Chegou o duro Inverno—destruiu.

R. Borba.

Os amores innocentes de uma joven.

Era angelica a toada.

CANÕES.

Junto d'uma clara fonte,
Que o verde prado regava,
Sentada na fresca relva
Joven formosa cantava:

“Bella fonte crystallina,
Mimosas e lindas flores,
Emplumados passarinhos:
Só vós sois os meus amores.

Desse cégo sentimento
Naõ sei praseres, nem dores,
Nem conhecel-os desejo:
Sò vós sois os meus amores.

Assim mil delicias gozo.
Praseres mil, seductores
Desses que amor dar não pode;
Só vós sois os meus amores.

Oxalá nunca eu vos deixe,
O' sitios encantadores;
Fonte, flores, passarinhos:
Só vós sois os meus amores.

“Farei sempre, ó fonte clara,
Brilhai sempre, ó bellas flores,
Cantai sempre, ó passarinhos:
Só vós sois os meus amores!”

Ficou a moça em silencio,
Ficou, bem a meu pesar:
Julguei a canção de um anjo
Taõ mavioso cantar.

E detraz da espessa moita,
Onde eu esconder—me fôra,
Assim respondi cantando
A' jovem linda cantora:—

Naõ ameiz tanto essa fonte,
E aos passarinhos e flores;
Que, quem como vós é bella
Deve ter outros amores—”

Attonita e admirada
A moça se levantou
—“Naõ fujaes, cantora bella,
(Lhe disse) fera não sou.—”

Mas, sem querer mais ouvir-me;
Deitou a correr ligeira:
Seu pé lindo e breve a relva
Mal trilhava na carreira.

Era alli, onde ella vinha
Cantar com terna expansãõ,
Amores taõ innocentes,
Bem como o seu coração.

Lá voltei por muitas vezes;
Mas não a tornei á ver;
Este praser e o de ouvil-a
De novo não pude ter.

Oxalá que pela fonte,
Por passarinhos, por flores
Ella trocar-me quizesse,
E qu'eu fosse os seus amores.

Icatù—1857.

S. A. d' Azevedo.

Charada.

Se a primeira é a segunda,
Ha-de ser por força fêra:
Naõ desejes seja a tua
Nem tambem que seja alheia. 2

Raramente encontrarás
Quem o sendo, em lhe chamando
Nao se irrita, não se enflame,
E não fique praguejando 2

Conceito.

Naõ sou dó, nem ré, nem serei mi,
Nem compasso sou, nem andamento;
Sem mim, porem, sem meu auxilio
Nada valerá certo instrumento.

Ram.

Typ. da Temperança. Imp. por J. P. Ramo.

A AURORA DO NORTE

Sahirão á luz o som primeiro numero deste tem por divisa o nosso mesmo recreio da mocidade—são mais dous peões, que se lanção á arena nuniados de melhores armas, e soccorridos de viveres novos, e que nos vem acompanhar na espinhosa tarefa, que principiamos.

Saudamos os collegas com toda a effusão de contentamento, por isso mesmo que são mais dous athletas no campo da honra emistando suas lanças pelo mesmo objecto que nós, que tratão de aliviar da negra tristeza os jovens estudantes, que fatigados da lida diurna, encontrão nas suas paginas, despidas totalmente de tudo quanto cheira a velhusea e ja deslembada politica, um entretenimento espiritual, util e agradável.

Qualquer dos dous periodicos promettem longa duração: o seu estilo é fluido e ameno, sua dicção simples e harmoniosa. Deos os guie e lhes dê uma columna de fogo, que os alumie durante o tempo que tiverem de gyrar.

Sentimos com tudo profundamente, se com o apparecimento destes dous periodicos, tivermos de nos recolher aos bastidores (o que talvez succeda pela exiguidade das assignaturas da Estrella) e estamos disto convencidos porque, não é possível sustentarem-se 4 jornaes recreativos na mesma cidade, quando um mau fado persegue e bem de perto as empresas deste genero.

Não é o primeiro anno em que vemos o Maranhão inçado de uma alluvião de gazetinhas recreativas, quasi todas redigidas por estudantes, porem tambem poucas são as que passão de 6 mezes; e isto succede por uma razão muito simples; quem tem de fazer sahir á luz um periodico, trata de angariar assignaturas entre os seus collegas e conhecidos, ora estes de poucos fundos dispoem e ainda mesmo que os tivessem, ha muitas outras cousas que julgão de mais palpitante necessidade, em que tem de gastar o que ganhão, por isto não é muito facil pagarem as assignaturas do jornaes, maxime depois de lidos.

Não sirva estas nossas palavras, simples expressões do nosso sentimento, de desanimo aos dous periodicos, ao contrario, antes dê occasião á mais se consolidarem; o que afirmamos porem é, que dos 4 jornaes que ora aqui se publicão, 2 mezes são sufficientes para fazer algum desaparecer.

Praza aos Ceos que não seja a nossa pobre e humilde—Estrella da Tarde—!

Amavel sexo, sob cuja egide temos vivido até aqui, continuai a auxiliar-nos com os

14 de Setembro de 1857.

esses agrados, pois com isso nos animareis um pouco.

Continuemos com o que iamoz dizendo: e que importa essa divisão e ramificação de jornaes? que utilidade d'ahi provem? pois a mocidade esperançosa que toda deseja sahir á luz, dividindo-se deste modo, não é efficaz? o que vem acontecer é, que nem a gazeta chega a tocar sua meta, nem prezazer o seu 1.º anno, fica sempre incompleta a collecção.

A Aurora do Norte e o Espelho prometteu assaz da sua sabedoria, á testa de ambos achão-se pessoas bastantemente habilitadas, não como nós baldos de conhecimentos, que ousadamente nos atrevemos a publicar um jornal, que talvez não tenha satisfeito a expectativa do illustrado publico maranhense.

Ainda uma vez, Collegas, animo e avante! com animo e perseverança tudo se vence!

UM CONTO DE INFANCIA.

Branca-flôr.

(Continuado do n. 13.)

Cassino estremeceu involuntariamente, quando viu tão perto de si aquelle homem, ao mesmo tempo que este lhe dizia com voz branda:—Bons dias, príncipe; vejo que te causo susto... Não tenha medo de mim, porque isso só é proprio das crianças. Soube, ou antes, adivinhei, que te achavas preso, e desejei fazer-te uma visita; por ventura não deves agradecer-me?

—Quem sois vós, Senhor? murmurou o príncipe tremendo.

Eu, respondeu o gigante, chamo-me Pannoff, genio dos impossiveis. Tu não me conheces, (o que não admira), porem, eu sei, quanto es conhecido, ha muito tempo, e tambem o rei teu pai. Sei, que estás preso aqui e incommunicavel, porque és grande jogador; e não serás solto, em quanto não esqueceres esse vicio, que te perdo. O teu nome é Cassino; e posso até dizer-te, qual tem sido a tua vida, pois nada me é occulto....

—Basta, basta, o interrompeu o príncipe; estou inteirado de que tudo sabes.... porem diz-me uma coisa:—Como podestes penetrar nesta prisão, quando a unica porta que nella ha, está toda engradada e tão vigiada?

—Ja não te disse, respondeu-lhe Pannoff, que eu sou o genio dos impossiveis? Não me viste surgir de debaixo da terra, sem que descobrisse abertura alguma?

—É verdade, respondeu Cassino; mas, nesse caso, então diz-me:—Qual o fim que vos trouxe á este lugar? como não temestes ser visto pelos soldados, que me guardão?

Pannoff deu uma rizada, dizendo-lhe:—Com effeito, Cassino, és bem esquecida; pois quem poderia vir de tão longe, rasgar a terra para vir ter

Numero 15.

comtigo, não poderia também occultar-se ás vistas de quem quer que fosse? Ora não te de cuidalo.

—Emfim, disse Cassino mais animado pelo affavel e gesto risonho de Pannoff, seja como zeres. Dissestes, que vinheis fazer-me e nhia, e eu vos agradeço tão grande obsecu

—Porem sabes uma cousa, principe?

—O que?

—Que nós poderemos aqui passar juntos em companhia um do outro, comtudo teremos de levar uma vida aborrecida; por tanto divertamos-nos em alguma cousa. Sabes alguma historia? tocas alguns instrumentos?

—Qual! nada disso aprendi; sò o que sei é jogar, e jogar bem, pois quasi não me tenho empregado n'outra cousa. Eu quereria convidar-vos para uma partida, porem aqui não tenho dinheiro. Oh! como ficaríamos alegres!

—Dizes bem, principe; porem essa falta que suppões, não é tão grande, como parece; podemos jogar sem dinheiro, e todavia ganhar alguma cousa. Queres, que te diga, como havemos fazer isto?

—Quero sim, e vejamos de que modo.

—Escuta pois: tu ahí tens alguns trastes de pouca importancia, joguemos-los; depois has de parar esses anneis, que tens nos dedos, parando eu objectos d'igual valor. Quando mais não tiveres o que parar, então jogaremos as nossas pessoas, e aquelle que perder, servirá ao que ganhar sete annos como escravo, e assim completaremos o nosso divertimento. Se eu perder, installo-me desde já aqui, se assim o exigires e no caso contrario, tu te apresentarás na minha casa, no tempo que eu determinar-te. Agora diz-me—aceitas a proposição?

—De muito bom grado, respondeu Cassino com ar risonho; consinto nesse jogo, porque parece-me, que até será mais divertido, pois é de diverso genero d'aquelle que tenho usado.

—Pois então comecemos já.

—Vamos á isso.

Sentarão-se os dous, mas Cassino disse logo:— Não temos cartas, meu amigo, e não sei como jogaremos.

Ora esta ---- ficamos na mesma ----

—Não te encomodes, principe, lhe disse Pannoff, não ha cartas, porem temos dados; e mettendo as mãos nas algibeiras, puchou por tres dados, e apresentou-os á Cassino.

Este ficou contentissimo, e exclamou com enthusiasmo:— Oh! isto já vale alguma cousa ----

E em seguida derão começo ao jogo, e Cassino perdeu logo a primeira partida. Pannoff deu uma risadinha, dizendo:— Bom vai isto, companheiro; a primeira já é minha, e as mais espero, que também me pertencerão ----

—Veremos, veremos ---- redarguiu o principe, ainda não desanimo; porque sempre ouvi dizer—que o primeiro milho é dos passaros—; é isto um risão muito antigo, creio eu.

—Continuemos pois, disse Pannoff, e verás como os passaros são esportos, pois hão de comer todo o teu milho.

Assim jogarão por mais d'uma hora, durante a qual Cassino ganhou algumas partidas, posto que

—esta como as havia ganhava com estes costumes.

declarou-se de todo contente que veio a perder os seus anneis, mas fustes que possuia, chegando ao ponto de parar da sua propria pessoa!

—Ora isto só pelo diabo! bradou com voz atrodadora, e fulo de colera; pois será crível que esta má fortuna me desamparasse totalmente?! Arre! já estou com a cabeça ardendo ---- é muita infelicidade! ---- Vamos lá, Pannoff, vâ a partida das nossas pessoas.

—Eu estou prompto, respondeu-lhe este.

Foi Cassino o que primeiramente deitou os dados; e depois de sacudil-os por 3 vezes, contou 53 pontos:— Viva! gritou elle alegre ---- 53 pontos ---- pertences-me, meu Pannoff. E' impossivel, que tires estes pontos.

—Espera, lhe disse Pannoff socegadamente, espera; ainda não podes contar com a victoria, meu caro: eu vou deitar os dados por meu turno, e espero colher 54 pontos; por tanto já vês, que a tua alegria é fora de tempo. A fortuna que até agora me tem acompanhado, não me hade deixar neste momento, em que mais preciso della ----

E sacudindo os dados com força, dous mostraram logo 12 pontos, e o terceiro rolou até certa distancia, e parando marcou mais 6 ----

—Dezoito, principe ---- exclamou Pannoff; mais duas vezes esse numero, e és meu escravo.

Deitou novamente os dados, e estes derão 18 ---- O principe sentiu um estremeamento em todo o corpo. Pannoff atirou uma terceira vez, e os dados descobrirão o mesmo numero, gritando elle logo:— 54 pontos, Cassino, 3 vezes 18? Bravo! isto é que se chama jogar! Desde já, principe, és meu escravo por sete annos, e pertences-me em corpo e alma.

Cassino estava roixo de raiva; mas acalmando-se logo, disse ao seu companheiro:— Sou teu escravo ---- dispõe de mim como te approuver.

Pannoff então disse-lhe:— D'aqui á oito dias deves achar-te em minha casa, onde te direi o serviço, que eu quero dar-te.

—Bem, replicou-lhe o principe, eu me acharei lá nesse tempo, porem não sei como poderei ir, pois não sò ignoro onde moras, como também não sei como sair desta prisão.

Isso é facil: meu caro; e sacando d'uma chave enorme, que trazia consigo, entregou ao principe, dizendo-lhe:— Aqui tens esta chave; quando quizeres sair, basta que com ella des tres paneados n'uma destas grades, e terás logo uma abertura sufficiente para passares; e uma vez fóra, logo encontrarás uma estrada muito comprida, a qual te conduzirá a minha casa.

Dizendo estas palavras desapareceu, sem que Cassino pudesse perceber por onde se havia saído.

Tornando á si daquelle assombro, Cassino considerando o que lhe tinha succedido, chorou amargamente, porque conheceu, que a victo ainda nellle dominava. Entretanto resignou-se com a sua fu-

tura sorte, determinando
cumprir a ordem que rec

CRONICA DA QUINZANA

Ora muito bom dia, amadas leitoras, dias seguros que não vos vejo a luz do dia. E' infelicidade minha sempre andar arrependido de vós!... mas o que hei de fazer? esta é a minha sorte, porisso não tenho remedio senão conformar-me com ella; com tudo sempre desejaria, que vos lembrasseis de mim... do pobre chronista... mas qual! nem um pensamento sequer!! Tambem pouco importa, porque eu sou *philosopho*. (*) Deixemos porem estas cousas, e vamos ao que importa. Muitas cousinhas tenho que dizer-vos, e com tudo não sei por onde começar!... Festa de Santa Severa... theatro... tyvoly... fogo de vista... balões... uma chusma inqualificavel de grêlos... Começemos pois por alguma dellas: lá vai. As novenas de Santa Severa fôrão muito concorridas, e quem lá hia gastava bom dinheirinho em dôces, sortes, cadeiras ou taboas de balouço, cavallinhos, e o diabo á quatro; não eu que, como sempre ando *pingando* agua de barrella (como se costuma dizer), nem vintem gastava, ainda que não me faltasse vontade para isso.

Eu vos vi, caras leitoras, com os vossos vestidos fôfos, e cheios de barbinhas. Estaveis bastante formosas, porem ah! para que quereis transformar a natureza, apertando os vossos corpinhos delicados tão despropositadamente? não temeis quebrar as costellas, e partir os peitos com tantos apertuxos? tende juizo. Se tomardes o meu conselho, prometto á cada uma, sob palavra de chronista, um marido côxo e sem defeito, padre de rico &c. Vamos adiante: Chegou a vespera da festa, leitoras, e eis tudo em azafama, porque todos bem sabião, o que tinhão a gozar nessa noite... Eu tambem que sou gente, fui-me chegando á hora em que já todos tinhão-se dirigido á igreja de S. Yago, e fiquei maravilhado da grande massa de povo que alli estava reunida.

Internei-me por aquelle basto labyrintho, e eis-me á levar e á dar cotoveladas n'um e n'outro, até que pude approximár-me da igreja, ficando bem no meio d'aquella gente toda!... Safa! que calor fazia então, e quando havia alguma aragem, era para trazer ao meu pobre nariz um cheiro terrivel... mas, *silencio*...

Depois de decorrer um bom espaço da tempo, ouço gritar de todos os lados: Oh! o balão! lá vai o balão! olhei tambem, e vi o sugueitinho já fazendo o seu tiroteio no ar, como quem queria reduzir-se alli mesmo á fúscas, porem os estallos dos foguetes o despertarão, e o fizeram dar um urranço, que o levou pelos ares; bravo! bravo! exclamárão muitas vozes, não eu que não achei graça alguma no tal, mas assim mesmo calloj-me mui calladinho.

Pouco depois deu-se começo ao fogo artificial, que não agradou generatim, porque (fallando por-

quezmente) não prestava, não só em razão de ar o fogo muito enfumaçado e escuro, como tambem nada tinha, que se admirasse. Forte peço nós que contavamos divertir-nos tanto! Em-tenhão paciencia, leitoras, e fazei como uma menina vossa, que se achava perto de mim, achando-se aborrecida d'olhar para o que a estretinha, disse á um sugueito, que a acompanhava: Não acho graça em tal fogo de vista! Não a gente de sua casa, para estar a olhar o que... Vamos para casa, e esperá-lo na janella como honra de ir...

Eu então escarrei, e tossi, a a tal menina... heim? Esgueirou-se n'um momento por entre o povo. Assim vós, leitoras, podeis conversar com o chronista, não á janella, porque não me posso ter em pé por muito tempo, mas em vossas casas, ou em outra qualquer casa capaz e de familia, pois eu sou muito commodista.

Ah! amanteticas leitoras! não vos conto nada! Finda a festa no domingo (6 do corrente), houve outra no dia 8 á mesma Santa... Novo luxo... novo fogo de vista... novo balão... Irra! que tanta festa! A concorrência tambem foi immensa... mas basta de fallar sobre isto, que já está insipido, os barraqueiros e vendedeiras, e a *magna comitante caterva* de agenciadores fizeram negocio, de *luxo*, é sabido, mas permitido... Vamos d'um pulo ao theatro que já me havia esquecido um pouco.

No dia 7 do corrente (dia nacional) foi á scena o drama intitulado *Nabuco* Nada vos posso dizer de positivo, porque lá não fui, pois não tive l'argent. Os Srs. Maffestistas já não dão bilhetes *gratis*, senão lá me tinna a *Signora Esperança* (condesça), para dar-lhe as minhas *palmas* compradas. Dissera: ne porem que não foi mal desempenhado o drama, e que as vistas novas fôrão excellentes. Não sei se isto é verdade, portanto se não fôr, vá para o sacco.

Nada vos digo sobre o beneficio da *Remorini*, porque o collega chronista do *Bôtan de Rosa* já disse assáz, e não é preciso acrescentar cousa alguma. Já tereis lido, amadas leitoras, os novos periodicosinhos que sahirão á luz, o *Espelho* e a *Aurora do Norte*? o primeiro que intenta criticar, (o que hade conseguir), e o segundo cujo programma é elevar o vosso sexo... Deos ajude á ambos, e á mim tambem: Amen.

Não quero despedir-me de vós sem participar-vos, que houve um baile no tyvoly, mas propriamente dos assignantes; não posso dizer-vos o que por lá houve, porque, como não sou assignante, tambem não fui convidado.

A companhia *Ramonda* está em convulsões, e quasi á espirar; cuidado, leitoras! não vos fieis nas apparencias, porque muitas vezes são enganosas. Vós gostais de theatro, bem sei, porisso mesmo eu vos aviso, que brevemente ficareis sem esse divertimento.

Pastando da terra ao ceo, das cousas profanas ás cousas de Deos, do mundo ao templo, vamos, leitoras minhas, á igreja de N. S. d'Annunçiação e Remedios, e lá encontraremos uma concorrência immensa, que vai assistir á uma grande so-

(*) Para as bellas, bem entendido.

lemnidade. Hoje (13 do corrente) recebeu o v. das mãos do Rmo. Vigário Geral da Diocese Exm. Sra. D. Mariana (hoje Superiora do Recomeço). Foi um acto religioso, que muito gostei presenciar; estava a capella-môr daquelle ter toda forrada de damasco encarnado, e muito decorada, (obra do maestro Sirgueiro).

As ceremonias fôrão feitas como manda a regra, e depois de acabadas, o Rmo. Sr. Fr. mostrando a utilidade que d'ahi se tira, a Superiora, encubrendo-se das fôrças do mundo, cuja resolução e firmeza são, e uma prudencia consummada.

Recomendo-vos, leitoras, que sigaes o exemplo desta Sra., que, vivendo alli na casa de Daos, não está sujeita á maledicencia dos homens, porque estes não se atrevem a fallar, senão daquellas pessoas, que estão em contacto com elles. Foi aquella uma cerimonia augusta, e da qual jamais me esquecerei, porque me impressionou assaz.

Estimo as vossas saudes, queridas leitoras, e disponde do prestimo do vosso chronista, que só pretende apparecer-vos d'aqui a quinze dias. Adeos.

ALBUM POETICO.

O. D. C.

Ao meu amigo Manoel da Conceição e Silva.

ADEOS.

Se os sons desta lyra que movo com pranto,
Com pranto que aviva tão forte saudade,
Saudade hoje seja meu canto primeiro,
Primeiro tributo ao dever d'amisade.

Recebe este—Adeos—tão triste, sentido,
Sentido de pena movido de dôr;
Da dôr que tão forte comprimè meu peito,
Um peito que ama com ardente fervor.

Se partes, se deixas amigos sinceros,
Sinceros amigos, não vais esquecer;
Esquecer esta terra, tambem não o deves,
Não deves, pois nella podestes viver.

Aceita este—Adeos—de pura amisade,

sempre sincera:
Por ti roga a Deos,
e por ti já fizera.

sempre desejo,
Tenhas viagem feliz;
e seja em novo futuro
misterio que nada prediz.

Este—Adeos—da lyra sentida,
da saudade de meu coração,
Coração em que deixas gravado teu nome
Teu nome recordo leal Conceição.

H. G. S.

Soneto.

Ah! Marilia, eu perco o tino
Ao ver-te tão galante e seductora!
E eu já tão velho! que não posso agora
Tributar-te um amor sincero e fino!
Mas ouve: queres ver-me ja menino?
Mostra-me affecto no menos uma hora,
Dize, que amor me tens, e sem demora
Verás esse milagre repentino.

Ver-me-has joven, activo, diligente
Excessos mil fazer por te agradar,
Que esses prodigios faz o amor somente.

Anda, dize.... Porque tanto hesitar?....
Tres palavras d'amor, tres simplesmente....
Trinta janeiros podés-me tirar!

S. A. d'Azevedo.

Charada.

Sirvo na terra e no mar
No fogo sirvo tambem 1
Eu estou em tod'a parte
Porém ninguem me quer bem. 1

Conceito.

Se quiseses m'encentrar,
Leitora bella e querida,
Eu juro por minha vida,
Que nas avas m'has d'achar. J. P.

Decifrações dos ns. passados.

Do n. 12—Logogripho—*Emilia*. Do n. 13—*Charada—Trigamo*. Do n. 14—*Charada—Caravelha*.

N. B. No n. 13, na segunda parte da charada, em lugar de 1—lêa-se 2.

Enigma Pictoreseo.

SE AD.



K c



—mo+iaava 100 PRE



:

UU



Typ. da Temperança, 1857— Imp. por J. P. Ramos, rua Formosa.

Journal

Journal
do
dia
isto

O que ha de maior
coração humano, o que
aromaticas na difficil e
lha té chegar á eternidade e qua
le mais alegrar-se, do que n'uma
na e bella ?!

Apenas o astro rei tem ido merg
ardentes e flammejantes raios no va
ano, apenas tem deposto o sceptro da rea
za e buscado o seu retiro nocturno, offuscan
do-se á nossos olhos, como cançado do enor
me peso da sua dourada corôa, apenas tem
se envolvido nas densas nuvens, que parecem
apagar de todo o seu brilhantissimo, apenas
vai allumiar outro corpo opaco, que necessita
da sua luz, a negra noite principia im
mediatamente á desatar suas azas, á desco
brir o véo, que a encobria, uma pallida triste
za apossa-se dos nossos corações, compri
mem-no e até demora a sua pulsação.

E' nestas horas de melancholia que o mes
mo espirito que á principio entristece-se, to
ma a abalada do condôr e eleva-se até as nu
vens como as velozes agnias.

E' nellas que o genio solta o seu freio, é
com o seu frio gelado e com o rocio fertili
zador que o desperta do lethargo, a que o ti
nha levado os ardores do abrasado dia.

Nestas horas o poeta, filho predilecto da
Divindade, participador das suas graças, e
leva os seus pensamentos e finge na imagi
nação reter em seus vigorosos braços o obje
cto continuo dos seus sonhos; nellas se rea
lizão, ao menos moralmente, todas as suas
esperanças; ella chega a tocar o excelso thro
no de esmeraldas, em que está sentado o Cre
ador do universo, o archifeto supremo, que
do nada do incompreheusivel formou a ma
ravilhosa maquina em que gyramos, rodeado
de myriadas d'Anjos, Archanjós, Cherubins e
Seraphins que soltao os cantos mais harmo
niosos e dedilhão as harpas mais sonoras;
imaginaí a musica celeste!

A' noite, nessas horas de inteiro silencio,
em q' se ouve de espaço á espaço o longinquo
som do apito do rondante, que passa revista
pelos seus activos soldados; o astronomo pres
cruta a rotação dos astros, as suas phases,
suas estações e seus eclipses, indaga e mede
sua longitude e latitude, marca a sua orbi
ta, o seu ponto de contacto e a sua inclina
ção sobre o seu eixo.

O Geometra recorda no seu macio coxim
e resolve os problemas de Euclides os mais
difficultosos, dá-lhes solução e prepara-se
para explicar no outro dia a sua descoberta,
quando á claridade da luz não o poderia
conseguir, apesar dos baldados esforços, que
empregou.

O Historiador rememora as epochas, eras,
27 de Setembro de 1857.

... todos, seculos, annos, mezes e dias datas
... cosas de conservar-se sem grande recor
... ção, coordena os factos, faz seus aponta
... tos, apronta suas duvidas para ir collijir
... authors ou contemporaneos ou que
... não immediatamente depois, entra en
... conhecimento se é ou não verosimil,
... aponta como verdade inconcussa,
... por todos, verdade que se conduna
... povos, entre os quaes suc
... e elle narra.

... não olha para o vasto panorama
da placida e adormecida natureza, examina
e descobre em cada objecto, que se lhe an
tolha, ainda mesmo o mais insignificante, a
mão poderosa do Eterno, bendiz as suas ma
ravilhas, louva a sua bondade e misericordia,
agradece os seus favores, que se digna dor
ramar por sobre a cabeça dos seus desgraça
dos filhos; excepto se é um Voltaire, um Lu
thero, um Calvino, porque então isto tudo
que aquelle admira, estes julgão obrado á
por acaso, e não por um ser infinito eterno e
senhor de todas as cousas.

O Caristão ora, com os olhos pregados no
pequeno crucifixo, que tem diante de si ou
nas grossas contas, que traz suspensas e pe
de com instancia e mesmo com lagrimas,
que lhe alongue os seus dias e os acumule
de qual felicidades, e depois de ter feito a vi
agem da terra, de ter representado a sua par
te e que o pano tiver cahido, conceda-lhe
um assento no ultimo degrao do seu sacro
santo throno, como o mais indigno de todos
os viventes.

O homem de má indole e ainda de pessi
ma educação ou para melhor de nenhuma, o
assassino, o ladrão procurão propicia occa
são de se pôrem á campo e de principiarem
a exercer o seu vil e infame officio, este á
despojar o pobre viajante, que enregelado e
tiritando de frio só deseja descobrir uma er
mida ou uma hospedaria, onde possa encon
trar um pouco de fogo para aquecer seu fato
todo embebido d'agoa e um descanso a suas
fadigas, depois de ter caminhado desde o al
vorécer da aurora até o desaparecimento do
dominador do dia; aque'le espreita, arrastan
do-se pela relva como as cobras, a victima
que elle concebeu o designio de immolar a
seu furor, esconde-se, mostra-se, espia e ob
serva tanto até que por fim executa o seu ne
fando desejo, até que tira a preciosa vida,
dou da divindade de mais preço de que elle
é depositario.

O amante espera encostado no canto ou
escondido na sombra d'um denegrido muro,
que os pobres pais se agasalhem para poder
fallar com sua namorada ou entao em casa
que o seu Pai e mais gente se retirem para
fugir para seus deboches e depravações.

O usurario vai n'um quarto hermetica
Numero 16.

mente fechado, prestar culto ao idolo da adoração—o dinheiro—abre a burra e com todo o cuidado pega uma a uma as louças, moedas e conta repetidas vezes, e como temendo, que alguma não lhe escape de lá, fecha immediatamente, e examina bem segura, porem não se pode retirar, e que a sua alma ficou encerrada e sorte! fatal destino! verdadeira r envolve a sua intelligencia—

var, de ver e conhecer que o se e só o que dura é a virtude, e embrenha-se adrede nas horribes nevas!

O encarcerado aproveita-se para abrir uma fenda nos muros da prisão, ou limar uma grade, ou cavar um subterraneo, por onde se possa por á salvo e enganar a vigilancia da guarda, que o espia.

O pobre caixeiro, que passa todo o dia no afanoso trabalho do commercio e as mais das vezes n'uma espelunca calida e fetida, desde o romper da aurora suspira por ella e logo que começa, suspira ainda com mais força pelas 9 horas para poder ir dar o seu passeio e tomar fresco ou sentado nas frias pedras da *immortal* pyramide do Quartel do Campo d'Ourique ou nos assentos do nosso *boulevard* da Igreja de S. Anninha.

O desterrado, esse então soffre muito, arrancado dos braços da querida patria, por quem antes quereria dar a vida, do que ser privado della, contempla e derrama abundantes lagrimas, recordando-se dos factos que ahí se dão todos os dias, mas nos quaes não pode tomar parte activa, lança um profundo ai e não se cança, antes tem como seu unico praser o olhar o ceo de anil do seu torrão, que lhe fica fronteiro, mas que não pode tocar! Principalmente um exilado politico, que por deffender a *sagrada emanação da Divindade*—a Liberdade foi pelo tyranno, que occupa o throno regio, que elle galgou fazendo escada das cabeças do povo; lançado fora das raias do seu paiz para cortar os amargores da sua *ousadia* de querer se oppor a seu malfadado intento. Fallem Victor Hugo, Felix Piat e outros gentos da França, fallem e manifestem-se seus sentimentos não são estes, se nas horas de maior silencio á noute, se se não entregão exclusivamente a estes pensamentos, vendo, occupando a corôa imperial um usurpador a que a sua mesma bôa fé fez reentregar a França e nomear Consul.

Os habitantes do campo, ao som do seu violim, divertem-se dançando com as simples e innocentes matutas, engrinaldadas de bellas e ambrosiadas flores, acompanhados do monotono e as vezes discordante canto, que á porfia recitão, ja elogiando o dono da casa e a sua familia ou quem lhes deu tão feliz occasião de alegrarem-se, como tambem

da festança; em entregão-se ao fado diplomatico ou as vezes com ja bas nos theatros ás mesmas, de Donizetti e d'outros, representação racional do vicio e aquelle sempre castigado e esterior, sempre vencedora e nunca

estudante, depois de ter marcado bem a visto uma vez, (se a vê) a lição que tem de dar no dia seguinte, vai aproveitar o tempo, entregando-se a fazer alguns artigos ou poesias, como sôe em geral acontecer, para ofertar ao objecto da sua adoração, ou então vai para o Hotel jogar uma partida de bilhar e perder alguns vintens, voltando para casa fatigado e aborrecido, de sorte que acordando no outro dia já muito tarde, só tem tempo de banhar o rosto, almoçar e vestir-se para ir a aula. Triste e ao mesmo tempo alegre vida! em quanto te fruimos não experimentamos o que seja cuidados e necessidades porem que logo acabada principiámos a lutar com mil difficuldades!!

O atrevido navegante, tendo perdido de vista a terra donde partiu, e só encarando Ceo e mar; entrega-se a pensamentos diversos e tristes, imaginando, que a cada instante, levantar-se-ha uma borrasca e o abysmará no profundo pelago, comtudo guia o navio que lhe foi confiado, ora, admirando a ousadia do homem em querer domar o poder das agoas, executando a proeminencia que o Eterno deu-lhe sobre todos os elementos, ora no que se estará fazendo na casa da sua familia ou da sua amante, se ella se estará namorando com outro mais feliz que elle!

O medico vai escriptulosamente folhear velhos e verdadeiros *bacamartes* á ver, se a receita que deu elle a um doente, é ou não propria para combater a molestia a que foi chamado para curar, fazer novas experiencias e novos estudos para se tornar um Anjo de salvção, pelo acertado das suas curas.

(Continúa.)

O CEGO D'IPOJUCA. (*)

ROMANCE

pelo

Dr. João Climaco Lobato.

II.

(Continuado do n. 14.)

Em um leito d'agonias ja estendido o pobre cego.

Impellido por uma força, para elle desconhecida, o misero manco cahiu por terra, restando em sua queda uma grave ferida na fronte. Um medico, que perto morava, foi incontinente chamado

Á prestar seus auxilios
depois de minuciosas
meçou á applicar-lhe
Depois de fortemente ligar
bo com uma faixa, que lhe
o medico se retirou para
sacudindo levemente a cabe

Durante o tempo em que
as, mudo e impassivel previ
joven, uns olhos cheios de lag
comprimidos pelos soluços, uma face
dor e incerteza procurava, mais de balde, re
resto do medico os movimentos do seu coração. E
esses olhos, esses labios, essa face pallida de dor,
e incerteza erão de uma donzella. . . . erão de Ma
rianna, que seguiu o medico ao quarto immediato
ao do enfermo.

—Então Doctor?

—Minha Senhora!

—Que achaes da ferida? . . .

—Perigosa. . . .

—E os resultados?

—Incertos. . . .

—Jesus! . . . Deos! . . .

—O osso frontal achá-se offendido, ainda que
levemente, e isto não é bom symptoma. . . .

—Oh! Doctor! Salvae-o. . . . Se soubesseis quan
to sua vida me é preciosa. . . . quanto o amo. . . .

Doctor! . . . Doctor. . . . salvae-o. . . . em nome de
Deos. . . . Salvae-o. . . .

—Minha Senhora, a arte está ao dispor dos ho
mens, mas o futuro só pertence á Deos. . . . Ordina
riamente as feridas e contusões da cabeça são
graves, ou teem um resultado fatal em poucos dias,
ou cicatrizão com brevidade. Qual destes dous re
sultados haverá, não vos posso dizer. E' bem ver
dade, que a grande quantidade de sangue que sa
hiu da ferida—longe de ser um mal, pelo contra
rio nada prejudicará ao nosso enfermo, pois me
lira todo o receio de uma apoplexia. . . . Deos é
grande, Senhora; e a sciencia entregue aos ho
mens, não é mais do que um meio de quo se serve
para nos patentear a sua vontade. . . . Confiança
em Deos. . . . é quanto por agora vos posso dizer. . .

—Mai Celeste. . . . tende de mim, e d'elle. . .
d'esse mancebo, que muito embora cego, é, e
tem sido meu pae. . . . Ah! Doctor, vós o vedes
quasi tão joven como eu. . . . vós o vedes cego, e
inerte. . . . pois tem esse mancebo é para mim a
imagem de Deos na terra. Ouvi. . . Doctor, ouvi
me. . . e depois ajuizae quanta generosidade, quanta
breza encerra aquelle coração. . . .

—Eu vos attendo, Senhora.

Marianna se conservou callada por algum tem
po, depois passou a mão pela fronte, como coor
denando suas ideas, seu olhar baço e velado até
então brilhou com fulgor.

—Sou filha de pais abastados, que senhores de
um engenho bem fabricado (*) contavão com um
futuro brilhante e lisongeiro para mim, sua unica
filha, quando o Colera-morbus invadiu esta nossa
Provincia. Meu pae viu seus escravos succumbi-

(*) Assim se diz o Engenho com todos os ac
cessorios para a cultura da cana, a fabrico do es
ucar.

todos, um, apoz outro no terrivel flagello, que
ximava. E então, quando o ultimo escravo
a alma a Deos, quando meu pae julgava
votado o seu calix d'amarguras, viu sua es
minha mãe, succumbir dentro de poucas
victima tambem d'esse ma' tão terrivel. . . .

vós andasteis entre as victimas d'esse fla
es o quadro lamentoso de todos os dias,
dres tão negras se apresentava de hora
nosso olhos. . . . Sabeis de sobejo
de lagrimas, para que eu
vos o estado de minha familia,

me . . . da á duas unicas pessoas, meu
pai, e . . . Oh! Deos! Grande Deos! meu pai
seguiu sua esposa dentro de oito dias, e eu. . . . eu
fiquei sozinha, tendo por companhia o cadaver já
corrupto de meu pai. . . . Doctor, uma filha nunca
deve abandonar, embora na morte, aquelles que
lhe derão a vida. . . . pois bem. . . . eu abandonei
o cadaver de meu pai. . . . fugi cheia de medo e
horror. . . . fugi. . . . como. . . . por onde, e para
onde não sei. . . . Em minha carreira encontrei es
se mancebo cego, que me abriu seus braços, me
recebeu em sua casa como sua irmã. . . . e
sua filha. . . . E por tudo isto en o amo. . . . tanto
mais que a minha propria vida? Doctor! Sal
vae-o. . . . Salvae—esse mancebo, que eu passei
rei os dias de minha vida prostrada ante a Imagem
do Senhor a rogar por vós. . . . como agora ca
peço a vida d'aquelle cego.

E Marianna banhada em lagrimas, suffocada
de soluços, delirante de dor se prostrou ante o fa
cultativo, que a recebeu nos braços.

—A' pé, minha filha, á pé. . . . Deos se con
doerá de vós, e por intermedio da sciencia obrará
algum prodigio em vosso favor. Aqui tendes esta
receita. Com o cozimento que vier, e que elle in
dica, banhareis, mesmo por sobre as ligaduras,
de duas em duas horas a ferida do nosso querido
doente, e espero que brevemente esses olhos bri
lharão cheios d'alegria, e radiantes de praser! . .

—Deos vos nuça, Doctor—respondeu a joven
entre lagrimas e risos!

Uma voz amorticida chamou pelo nome da don
zella.

—Marianna!

—Elle me chama. . . . Obrigada! muito obri
gada, Doctor!

E a joven correu ao chamamento de Miguel.

O medico ficou só!

—Meu Deos, se isto a que os homens chamão
Sciencias não é um desvario de seu louco cere
bro. . . . mas antes um pequeno halito da vossa
infinita Sabedoria, permiti, que elle hoje restitua
a vida á aquelle misero mancebo, que vejo entre
gue nos braços do Archango da morte. . . . Porem
se esta sciencia, de que tanto nos vangloriamos e
uma quimera. . . . ah! meu Deos. . . . então torne
me o homem mais estúpido. . . . porque só assim
então poderei viver feliz neste mundo, agradecen
do-vos. . . .

Marianna voltou nesta occasião do quarto do
enfermo. Trazia a physionomia alterada; viaha
anhelante e tomando o medico pelo braço, sem
poder articular uma palavra appontou para o quar
to d'onde viaha.

O que succede? inquiriu-lhe o medico espantado.

— Elle... morre... —

— Morre!... gritou o medico precipitando-se n'aquelle quarto, seguido por Marianna.

— Morre!... exclamou um mancebo, que se momento entrava pela porta, que corria para a rua.

Era Henrique.

— Morre! repetiu este com voz c...

Não... não... é possível... —

louveira ter-me-ha tornado um...

Deos meu!... —

Henrique cobriu o rosto com a... mãos, depois curvando-se pouco a pouco, cahiu ajoelhado na sala, d'onde sahirão ha pouco o medico e Marianna.

— Miguel... meu amigo... meu irmão da infancia... lá do Ceo, para onde brevemente subirás envia o teu perdão a este, que neste mundo te implora ajoelhado sobre a terra!!... —

— Virgem Santissima, dizia Marianna no quarto do enfermo, ajoelhada junto do leito, pelas dores que curastes por Vosso Filho... Salvae-o... —

— Senhora!... —

Miguel estava inerte e exanime nos braços do doctor, que chegando em silencio, encarava ora para o enfermo, ora para a donzella.

(Continúa.)

No primeiro Capitulo do presente Romanço por engano sahiu publicada a data de seu começo em 1849—quando deve ser a de 1856.

ALBUM POETICO.

A VIDA.

Ao S. Frederico Rhousard.

A vida—é um termo qu'os homens criarão—
Com que enganarão da morte o soffrer!—
Aeria palavra—existe um momento
Que vai do tormento à campa—morrer!—

A vida—flagelo—tormento—soffrer—
Viver é gemer—é continuo chorar!—
A vida é tão curta!—se vive tão pouco!—
Viver é ser louco, nascendo a chorar!

Viver—metheoro fogaz e ligeiro,
Que vai seu luzeiro na morte apagar!
Momento na noute passado veloz,
Qu'em sonhos atrozes nos faz despertar!—

A vida—brandão aceso ao vento—
Qu'a todo momento se vê expirar;
Qu'apenas aceso brillhou um instante,
E fica oscilante até se apagar!—

Viver—o que importa?—se a vida é tormento,
Se a cada momento redobra o soffrer?!
Se a vida é vivida n'um cháos de amargura,
Se é sempre tortura—se a vida é morrer?! —

ningua dormente,
tanto do ceo;
—Hei vamos tocando,
lança seu veo!

—Quem sabe se vive?!
—p'qu'ê o viver?—

um momento

to á campa—morrer!

R. Borba.

Eia age, rumpre moras; Virg.

Sou fraco! lagrimas tenho vertido,
Perenne duvida mora em meo peito,
Manda que ella recue, faze-o florido;
Explica-te ao menos
Explica-te assim:
Nunca te amei.

Se illudes o amor que uma vez te dei,
Dize-me, ingrato, basta um só gesto,
Que amar ensinas-me já que não sei;
Apressa-te, oh! bella,
Apressa-te, e dize-me:
Nunca te amei.

Se queres qu'ante ti prostrado eu viva
Olha-me sem rancor e falla uma vez
E verás quem te adora como diva
Pronunciai, donzella,
Pronunciai, eu te peço!
Palavras de amor!

S.

Charada.

Tens da rosa a linda côr,
Do jasmim tens a candura,
Tens o porte da assucena,
Da virgem tens a ternura. 2

Mais bella que tu, não é tua irmã,
De Venus tens tu tod'a perfeição: 2
Quem ver-te que logo morto não fique?!
Não te dê já tendido, o coração?! —

Conceito.

Ambas lindas, formosas, gentis,
São credoras d'um bello porvir,
A fortuna lhes seja propicia,
Sempre prompta a ellas servir.

Sendo dous, só uma sou.
Tenho vida tenho odor.
Tambem tenho apologistas,
Que a mim consagração amôr.

J. P.

Decifrações do n. passado.

Da Charada—*Popo*. Do Enigma pictoresco—*Se Adão não pecasse a vida raiaava sempre florescente para os homens.*

Typ. da Temperança. Imp. Por J. P. Ramos